

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília**

ANDRÉIA NARA LEONARDO SARTORELLI

**ENVELHECIMENTO EM MOVIMENTO:
MULHERES AGENCIANDO SEUS (PER)CURSOS DE VIDA NA CIDADE DE
SANTOS, LITORAL PAULISTA**

MARÍLIA

2020

ANDRÉIA NARA LEONARDO SARTORELLI

**ENVELHECIMENTO EM MOVIMENTO:
MULHERES AGENCIANDO SEUS (PER)CURSOS DE VIDA NA CIDADE DE
SANTOS, LITORAL PAULISTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília, para a obtenção do grau de Mestra em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lidia Maria Vianna Possas.

MARÍLIA

2020

S251e Sartorelli, Andréia Nara Leonardo
Envelhecimento em movimento : mulheres agenciando seus
(per)curtos de vida na cidade de Santos, litoral paulista /
Andréia Nara Leonardo Sartorelli. -- Marília, 2021
122 f.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientadora: Lidia Maria Vianna Possas

1. Envelhecimento. 2. Fotografia. 3. Mulheres. 4.
Antropologia visual. 5. Antropologia da velhice. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ANDRÉIA NARA LEONARDO SARTORELLI

**ENVELHECIMENTO EM MOVIMENTO:
MULHERES AGENCIANDO SEUS (PER)CURSOS DE VIDA NA CIDADE DE
SANTOS, LITORAL PAULISTA**

Dissertação para
obtenção do título de Mestra em Ciências Sociais, da Faculdade de Filosofia e Ciências, da
Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Marília.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: _____
Profa. Dra. Lidia Maria Vianna Possas (UNESP/Marília/ SP)

2º Examinador: _____
Profa. Dra. Yara Schreiber Dines (USP/São Paulo/SP)

3º Examinador: _____
Prof. Dr. Antônio Mendes da Costa Braga (UNESP/Marília/ SP)

Marília, 25 de novembro de 2020.



Minha mãe e minha avó revisitando o álbum de família, outubro de 2018

À memória de minha avó:
Onde sempre estarão nossas conversas à mesa,
acompanhadas do café que a senhora tanto gostava.
Onde sempre estará nosso afeto mútuo e cumplicidade.

AGRADECIMENTOS

O processo desta pesquisa se revelou desafiador em vários aspectos. Não deixa de ser clichê, mas ao mesmo tempo extremamente verdadeiro dizer que sem o apoio das pessoas que cruzaram o meu caminho e que nele permaneceram não teria sido possível finalizar esta etapa.

Por isso sou muito agradecida:

À minha família que apesar de qualquer divergência em termos de atitudes e modos de pensar, jamais deixou de acreditar e respeitar minhas escolhas pessoais. Meus irmãos e irmã, mãe e pai, cunhadas e cunhado, sobrinhas e sobrinhos, e minhas avós que já não estão mais entre nós. Todas/os, a seu modo, me acolhendo em cada momento.

Ao Luiz, companheiro e amigo pelas inúmeras trocas, pelas construções e desconstruções diárias.

Às amigas, amigos e colegas por cada presença, mesmo que na distância física.

Às mulheres e homens de Santos pela disponibilidade em compartilhar seus modos de agenciar seus processos de envelhecer.

À professora Yara, pelas orientações, dicas, leituras e paciência.

À professora e orientadora Lidia, por ter me aproximado das leituras feministas e pela coordenação das reuniões do LIEG.

Ao Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero/LIEG – UNESP, Campus de Marília, pelo acolhimento mútuo, pelas ricas leituras e discussões com as colegas, sempre muito solícitas.

À todas/os as/os professoras/es dentro e fora da UNESP que compartilharam discussões e temas pertinentes ao tema específico da pesquisa e às Ciências Sociais como um todo.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO

Esta dissertação de mestrado resulta de uma pesquisa sobre o envelhecimento a partir de mulheres na cidade de Santos, litoral paulista. Os encontros ocorreram no decorrer do ano de 2019 em três distintos grupos de atividade física voltados, preferencialmente, a pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos. O objetivo deste estudo antropológico busca apreender de que forma as mulheres das quais me aproximei agenciam seu processo de envelhecimento e, em que medida suas escolhas tangenciam o “envelhecimento ativo”, que se trata de uma política de saúde implementada pela Organização Mundial da Saúde, a partir de 2002. Esta investigação buscou compreender como o “bem envelhecer” se apresenta na atmosfera da cidade, nos lugares em que passei mais tempo: calçadão do canal 1 e Parque Roberto Mário Santini (plataforma do emissário submarino), SESC Santos (Canal 5), Centro Esportivo Manoel Nascimento Junior (Zona Noroeste) e a casa das mulheres que me acolheram. O referencial teórico que permeia esta pesquisa é a Antropologia da Velhice articulada com a Antropologia Visual, as quais alicerçam as questões teórico-metodológicas. Entre conversas no intervalo das aulas de ginástica e hidroginástica, alongamentos próximos ao mar, “boquinhos”, cafés e variadas imagens do processo de envelhecer, é possível constatar a heterogeneidade e as subjetividades relacionadas ao envelhecimento. Os resultados da pesquisa demonstram como o envelhecer é subjetivo e depende da agência de cada pessoa, ainda que haja uma linha que une os diferentes relatos na busca incessante pelo movimento, não só físico, mas como forma de dar sentido às suas vidas. Movimentar-se no sentido de se sentir viva/o.

Palavras-chave: Antropologia do Envelhecimento. Mulheres idosas. Antropologia visual. Envelhecimento Ativo. Santos. Fotografia.

ABSTRACT

This master's thesis is the result of research on aging among women in the city of Santos, on the coast of São Paulo. The meetings took place during the year of 2019 in three different groups of physical activity aimed, preferably, at people aged sixty or over. The objective of this anthropological study seeks to apprehend how the women I approached manage their aging process and, to what extent their choices touch "active aging", which is a health policy implemented by the World Health Organization from 2002. This investigation sought to understand how "good aging" presents itself in the city's atmosphere, in the places where I spent the most time: boardwalk on canal 1 and Parque Roberto Mário Santini (platform of the submarine outfall), SESC Santos (Canal 5) , Centro Esportivo Manoel Nascimento Junior (Zona Noroeste) and the home of the women who hosted me. The theoretical framework that permeates this research is the Anthropology of Old Age articulated with Visual Anthropology, which underpin the theoretical and methodological issues. Between conversations in the interval between gymnastics and hydrogymnastics classes, stretching by the sea, "boquinhas", coffees and various images of the aging process, it is possible to verify the heterogeneity and subjectivities related to aging. The results of the research demonstrate how aging is subjective and depends on the agency of each person, although there is a line that unites the different reports in the relentless search for movement, not only physical, but as a way of giving meaning to their lives. Move in the direction of feeling alive.

Keywords: Anthropology of Aging. Elderly women. Visual anthropology. Active Aging. Santos. Photography.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. Imagem do canto inferior esquerdo: Estado de São Paulo situado no mapa do Brasil. Imagem grande: Região Metropolitana da Baixada Santista	29
2. Mapa da Região Metropolitana da Baixada Santista	29
3. Pirâmides etárias de Santos, anos 2000 e 2010 respectivamente.	33
4. Mapa simples da cidade de Santos.....	37
5. Imagem sem título. Nov/2020 Acervo da autora.....	111
6. Imagem sem título. Nov/2020 Acervo da autora.....	111
7. Imagem sem título. Nov/2020 Acervo da autora.....	112
8. Imagem sem título. Nov/2020 Acervo da autora.....	112
9. Imagem sem título. Nov/2020 Acervo da autora.....	113
10. Imagem sem título. Nov/2020 Acervo da autora.....	113

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
INTRODUÇÃO	13
1. O ENVELHECIMENTO ATIVO E AS NOVAS IMAGENS DO ENVELHECIMENTO	17
2. SITUANDO O CAMPO DA PESQUISA: SANTOS, A “CIDADE DOS VÉIO”	27
2.1 Um breve resgate histórico	27
2.2 Por que “cidade dos véio”?	29
2.3 A inserção no “campo” de pesquisa	34
2.4 A acolhida	35
2.5 As três cenas sociais	37
2.6 Idosas(os) por toda a parte	39
3. MODOS DE FAZER: ENTRE IMAGEM & ENVELHECIMENTO	41
3.1 Considerações epistemológicas	44
3.2 Sobre o Olhar, o Ouvir e o Escrever	48
3.3 Sobre a oralidade e questões éticas	52
4. ENVELHECIMENTO EM MOVIMENTO	57
4.1 Desafios do campo	58
4.2 Velhice feminina & Interseccionalidade	60
4.3 O grupo das mulheres da hidroginástica do SESC: “Aqui dou risada, falamos bobagem [...] é uma terapia mesmo”	68
4.4 O grupo de ginástica do Parque Roberto Mário Santini, no Emissário: “tem que se envolver, né?”	75
4.5 O grupo de ginástica e alongamento do Clube Esportivo Manoel Nascimento Jr: “quando eu num faço eu fico toda dura, como quem fica travada!”	82
4.6 Um balanço dos três grupos	86
5. ENTRE TEMPOS & NARRATIVAS	88
6. PERCURSOS ENTRE ANTROPOLOGIA & IMAGENS	101
6.1 “Dar a ver”: o ensaio visual	109
REFERÊNCIAS	116

APRESENTAÇÃO

Lembro-me da última vez que a vi. Era noite, e ela se preparava para dormir. Já havia tirado a dentadura e o aparelho dos ouvidos. Voltou a colocar o aparelho para que pudéssemos conversar um pouquinho. Estava radiante, muita força nas palavras. Nessa nossa despedida, algumas de suas últimas palavras foram: “vai, vai tomar um café.” Sempre que penso nas nossas conversas, escuto sua voz me chamando “filha”, afinal, era assim que normalmente me chamava.

Neste curto relato me refiro à última vez em que estive com minha avó materna¹. Ela faleceu alguns dias depois desse episódio, aos 80 anos. Penso que coube trazê-lo para explicitar de que forma fui me embrenhando pelos caminhos do envelhecimento. Saliento que fui muito conduzida pelo afeto e, pouco a pouco, fui buscando algumas análises realizadas no campo das humanidades a respeito do tema para que pudesse entrar em contato com perspectivas acerca do envelhecimento. As minhas imagens acerca da velhice e do envelhecimento sempre estiveram muito atreladas à figura de minha avó, que desde a infância permanecia sendo minha principal referência de pessoa idosa.

Após seu falecimento e a experiência desse luto, me senti desmotivada a continuar com uma abordagem do envelhecimento a partir dos retratos e álbuns de família, sendo o que eu havia desenhado como projeto de pesquisa. Passei a considerar então um caminho alternativo. Uma via que continuava permeada por imagens, como, por exemplo, a visualidade hoje bastante difundida da velhice e do envelhecimento ativos e das múltiplas formas de sociabilidade entre pessoas de mais idade. A cidade de Santos surgiu assim como possibilidade de um trabalho de campo para a pesquisa. O município é o segundo, entre os mais populosos, com a estrutura etária mais envelhecida do país, sendo que o primeiro é Niterói, no estado do Rio de Janeiro².

¹ Maria Tereza Franco Leonardo era (e sempre será) nossa querida velha. Mulher branca, filha e neta de brasileiros. Nascida na cidade de Boituva, interior do estado de São Paulo. Seu pai trabalhava com carro de bois e sua mãe foi dona de casa. Maria Tereza trabalhou como boleira, confeitadeira, dona de restaurante, cozinheira e governanta. Enviuvou duas vezes. O primeiro marido foi comerciante e motorista. O segundo marido trabalhou na roça. Ela vivia de sua própria aposentadoria e da pensão do primeiro marido. Teve uma filha e dois filhos com o primeiro marido. Faleceu no dia 27 de novembro de 2018 na mesma cidade em que nasceu e viveu a maior parte de sua vida. Morte natural indeterminada.

² Para dados de 2015, Niterói possuía 96.815 habitantes com 60 anos ou mais e Santos possuía 93.401. Fonte: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/as-cidades-mais-envelhecidas-do-brasil/>.

A decisão tomada, de abordar o envelhecimento e a velhice de outra forma, em uma cidade como Santos³, demandava que eu saísse um pouco da minha zona de conforto, ou familiaridade com *uma* maneira de envelhecer, a fim de explorar *outras maneiras possíveis*, ou seja, conhecer atores que vivenciam e agenciam essa fase da vida de distintas maneiras. Essa escolha exigiu e contribuiu, portanto, para a desconstrução de um olhar sobre o assunto. A essa altura eu passei a me questionar: “Que tipo de velhice almejo?”, ou “Que velha gostaria de ser?”. Minhas impressões sobre a velhice passaram a ser transformadas pelas leituras que passei a fazer do tema, inicialmente a partir dos trabalhos de Debert⁴ (2012), Lins de Barros⁵ (2006) e Britto da Motta⁶ (2015). À medida que eu me inteirava do tema, ampliava minha visão sobre a(s) velhice(s) e o(s) processo(s) de envelhecimento.

Por muito tempo tive mais familiaridade com uma perspectiva do envelhecimento que enfatizava a velhice como uma fase de perdas, declínios e limitações.⁷ A velhice aparecia, agora, dotada de outras configurações, distintas daquelas com as quais eu estava habituada. Comecei a vislumbrar novas possibilidades, a me interessar por aspectos que antes não me preocupavam, como, por exemplo, a questão da interseccionalidade ou das categorias relacionais: idade/geração, classe social e gênero. Essas categorias também dizem respeito à heterogeneidade das formas de envelhecer e vivenciar a velhice.⁸

³ O município é conhecido como o “reduto dos aposentados” (AYRES, 2016). Fonte: <https://exame.abril.com.br/seu-dinheiro/as-melhores-cidades-para-os-aposentados-brasileiros/>

⁴ Guita Debert é professora titular do Departamento de Antropologia da UNICAMP, possui graduação em Ciências Sociais (1973), mestrado em Ciência Política (1977), doutorado em Ciência Política (1986) pela Universidade de São Paulo, e estudos de pós-doutorado no Department of Anthropology, University of California, Berkeley (1989-1990). Suas publicações abordam temas como velhice, família, curso da vida, gênero e violência.

⁵ Myriam Lins de Barros possui graduação em Sociologia e Política pela PUC do Rio de Janeiro (1973), mestrado (1980) e doutorado (1986) em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ. Professora titular da Escola de Serviço Social da UFRJ. Dedicar-se à Antropologia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: memória social, família, velhice, geração, gênero e juventude.

⁶ Alda Britto da Motta possui trabalhos com temas de gênero, gerações, envelhecimento, velhice e família. Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1967), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (1977) e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia (1999).

⁷ Debert (2012) denomina essa visão mais negativa da velhice, como a “perspectiva da miséria”, que a antropóloga explica que foi sustentada pela gerontologia até os anos 1970 e que ainda marcaria o discurso da gerontologia brasileira.

⁸ Ao mencionar essa heterogeneidade de modos de vivenciar os processos do envelhecimento, vale destacar o quanto este aspecto é refletido nos estudos sobre a temática. Lins de Barros (2006) destaca os recortes das pesquisas que tratam da velhice no âmbito da antropologia urbana, no Brasil. Sobre esses recortes, a autora apresenta diversas possibilidades de abordar o tema da velhice como: memória e projeto; trajetória de vida e experiência; mudanças sociais e gerações; terceira idade e velhice estigmatizada; o corpo; demografia, antropologia e família; os avós; sociabilidade e gerações; memória do trabalho; sociabilidade e identidade; finitude; a volta ao trabalho; gerações e a experiência na cidade (LINS DE BARROS, 2006).

Na circunstância de elaborar um projeto de pesquisa para adentrar o mestrado, passei a esbarrar em algumas questões incômodas: “Qual a contribuição desta pesquisa?”, “Ela só terá sentido para mim, como pesquisadora, ou trará uma contribuição mais abrangente?”. Essa preocupação, na verdade, diz respeito à relevância social da pesquisa que se pretende realizar. É compreensível e até desejável que a pesquisadora busque um tema que dê sentido à sua trajetória, algo que lhe inquiete e fascine. Enquanto uma cientista social considero que os esforços devam ser direcionados para além dos interesses particulares, pois como afirma Wood Jr. (2018), é necessário que as pesquisas convirjam com as necessidades e demandas da sociedade da qual somos parte.

Nesta apresentação não poderia deixar de mencionar a importância do Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero (LIEG), do Campus da Unesp de Marília. A participação no LIEG me colocou em contato com leituras e discussões sobre o feminismo decolonial, a interseccionalidade, além de me fazer perceber enquanto uma mulher feminista. A partir dessas descobertas passei a ressignificar o envelhecimento e compreender o quanto ele se diferencia nas experiências individuais em termos de marcadores sociais que se interseccionam, como veremos mais adiante.

Com o aumento dos estudos sobre a velhice e o envelhecimento, o tema nos chega com maior frequência. Podemos ou não pensar se desejamos programar nossa vida para a velhice, por vezes modificamos alguns hábitos, mas o que considero mais importante é adquirir a consciência de que se vivermos uma vida longa, e isto tem grande probabilidade de ocorrer, considerando o aumento da expectativa de vida, isto quer dizer que também vivenciaremos o processo de envelhecimento. A partir desta constatação, pergunto: – Como nós olhamos para as pessoas que vivenciam o envelhecer e de que forma gostaríamos de ser olhadas/os na velhice?

Acionando a teoria da prática mencionada por Ortner (2007b), “[...] nem os ‘indivíduos’ nem as ‘forças sociais’ têm precedência, mas na qual há, contudo, uma relação dinâmica, forte e, às vezes, transformadora entre as práticas de pessoas reais e as estruturas da sociedade, da cultura e da história”. (ORTNER, 2007b, p. 50). Portanto, sendo a(o) velha(o) de amanhã, é importante compreender como as(os) idosas(os) de hoje, enquanto “pessoas reais” agenciam seus processos de envelhecimento, inseridas(os) em uma sociedade que sustenta um modelo hegemônico de velhice. Este modelo “[...] pressupõe que envelhecer bem é não envelhecer, é aparentar não ter a idade que tem, é manter o ‘espírito jovem’, é não

sentir-se velho[a] e de que existiria um jeito bom e certo de envelhecer” (RABELO; ROCHA, 2020, p. 36).

INTRODUÇÃO

Grande parte das pesquisas que se debruçam sobre a velhice e seus processos justifica a importância do tema a partir dos números relativos ao envelhecimento demográfico global. Essa tem sido a grande motivação para o aumento dos estudos que abordam a temática, principalmente, a partir da década de 1970, quando a questão passa a ganhar maior notoriedade no Brasil. Nesta pesquisa, a escolha desse tema reconhece a notoriedade do aumento do envelhecimento mundial da população, mas se preocupa principalmente pelo que Lins de Barros (2007, p. 8) afirma: “[...] que a velhice e o envelhecer são temas bons para pensar.”.

Esta dissertação é resultado de uma pesquisa sobre o envelhecimento na cidade de Santos, no litoral Sul do Estado de São Paulo, que envolve um trabalho etnográfico com três grupos de atividade física voltados a pessoas com mais de 60 anos. A etnografia versa sobre as observações, interações e análises ocorridas a partir desses grupos, no período entre fevereiro e novembro de 2019. Os três grupos se constituem de pessoas que frequentavam: a) as aulas de alongamento e fortalecimento que ocorriam durante a semana no Parque Roberto Mário Santini, no Bairro José Menino; b) as aulas de alongamento e ginástica no Centro Esportivo Manoel Nascimento Júnior, no Bairro Bom Retiro; e c) as aulas de hidroginástica que ocorriam no SESC Santos, localizado no Bairro Aparecida.

O objetivo desta pesquisa é compreender de que forma os atores sociais com os quais tive contato escolhem viver e experienciar seus processos de envelhecimento, e de que forma a cidade de Santos, que direciona grande parte de sua atenção à gestão da velhice, contribui para essas escolhas em termos de sociabilidade. Percebi o discurso do “Envelhecimento Ativo”⁹ bastante presente entre os grupos dos quais me aproximei e notei que esse apelo toma formas diferenciadas no cotidiano desses atores sociais. Esses atores, ou essas atrizes, no feminino, já que os grupos são integrados majoritariamente por mulheres e foi com *elas* que obtive a maior parte das interações, forjam outros sentidos em torno da velhice e do processo de envelhecimento, configurando novas imagens e representações em torno do envelhecimento na sociedade contemporânea.

⁹ O documento *Envelhecimento Ativo: uma política de saúde* (ORGANIZAÇÃO..., 2005) é uma tradução do documento original produzido pela Organização Mundial da Saúde, em 2002. Embora seja classificado como uma política de saúde, seus desdobramentos permeiam outras esferas da sociedade, como veremos.

A cidade de Santos apresenta uma atmosfera com constante fluxo de pessoas idosas. Durante as conversas com algumas interlocutoras, quando lhes perguntei sobre como é a cidade para o/a idoso/a viver, destacaram as vantagens da cidade e batizaram Santos como a “cidade dos véio”.

O caminho desta pesquisa, em vez de partir das políticas que possuem o envelhecimento ativo como norte ou de investigar de que forma essa política tem sido implementada pelos agentes governamentais no município de Santos, opta por outro percurso. A partir dos diálogos com as mulheres que envelhecem em Santos, participantes dos grupos escolhidos, é possível apreender de que forma agenciam o seu envelhecer e qual o peso das recomendações de um “bem envelhecer” no seu cotidiano. Assim, as interações nesta pesquisa se respaldam na agência dessas mulheres e alguns homens que vivem e gerem seus próprios processos de envelhecer.

Debert (2016), ao mencionar as recomendações para se atingir uma “boa velhice” ou uma “velhice ativa”, revela que a cada tópico da lista que não seguimos (como tomar sol, fazer atividade física, alimentar-se bem, não fumar, não beber, socializar...) nos tornamos menorzinhos/os. Conforme aponta a bibliografia estudada, o envelhecimento feminino é um processo que alarga esta lista, podendo ser um processo mais árduo para as mulheres¹⁰. No entanto, manter-se em movimento é mais complexo do que simplesmente uma recomendação governamental, por exemplo. Manter-se em movimento ou manter-se ativa(o) também diz respeito à subjetividade de quem envelhece. Aqui, aciono o conceito de *agência* de Sherry Ortner (2007a), em que a autora explica: “*Agency* não é uma vontade natural ou originária; ela é moldada enquanto desejos e intenções específicas dentro de uma matriz de subjetividade – de sentimentos, pensamentos e significados (culturalmente constituídos).” (p. 380). Ortner ainda concebe a subjetividade “como a base da *agency*, uma parte necessária do entendimento de como as pessoas (tentam) agir no mundo mesmo se agem sobre elas.” (2007a: 380).

O referencial teórico que sustenta esta análise é a Antropologia da Velhice, pois permite esmiuçar as distintas formas com que os atores sociais conduzem seus processos de envelhecimento. Segundo Lins de Barros (2006), a antropologia da velhice ou do envelhecimento surge no Brasil no interior do campo da antropologia urbana. Foram, portanto, os estudos antropológicos que introduziram a questão da velhice como objeto de

¹⁰ Além de outros marcadores sociais como classe social, idade e raça, que podem dificultar o modo como algumas pessoas envelhecem a depender do contexto em que vivem e de sua “posicionalidade” (SARDENBERG, 2014).

investigação, “[...] procurando responder a várias indagações, como os significados e práticas sociais referentes às idades ao longo do curso da vida e a própria sociedade urbana contemporânea”. (LINS DE BARROS, 2006, p. 109).

A Antropologia Visual, por sua vez, oferece instrumentos para o modo de fazer e pensar a pesquisa tanto em relação ao modo de olhar os atores e a cidade, como também em termos de aporte metodológico, na captura das imagens no campo e posteriores experimentações imagéticas, além de oferecer reflexões em relação aos dados coletados. Segundo Eckert e Rocha (2016, p. 277):

Em meados do século passado a Antropologia visual preconizada como um campo de conhecimento se anuncia a partir da obra de Margaret Mead e Gregory Bateson (1942), pesquisa que inspira novas experimentações metodológicas e conceituais do uso das imagens, no caso a fotografia, para a produção do conhecimento antropológico. Em 1975, será novamente Mead quem, em um artigo clássico da disciplina, irá relativizar o lugar da escrita no processo de construção do conhecimento em Antropologia, construindo definitivamente o desafio da pesquisa com imagem visual ou sonora na produção antropológica.

Para abordar o tema proposto e suas especificidades, a dissertação se divide em seis capítulos. No primeiro capítulo trago uma discussão sobre o envelhecimento ativo e as novas imagens do envelhecimento, ou seja, de que forma o discurso de uma velhice ativa se impõe aos atores sociais que envelhecem e como é disseminado pela sociedade, se sobrepondo e justapondo aos discursos da velhice relacionada às perdas e declínios. No segundo capítulo situo a cidade de Santos e os grupos trabalhados na pesquisa a fim de apresentar de que forma a gestão da velhice passa a se tornar proeminente no município, de que modo me inseri e quais foram as primeiras impressões e diálogos. Algumas questões epistemológicas e metodológicas iniciais referentes à pesquisa são apontadas no terceiro capítulo.

No quarto capítulo são trazidas as descrições dos grupos, as impressões das interlocutoras da pesquisa, além das discussões teórico-conceituais envolvendo o envelhecimento feminino e a questão da interseccionalidade. Para embasar o que observei e o que foi expresso pelas mulheres durante o trabalho de campo, utilizo as categorias relacionais ou categorias da experiência (BRITTO DA MOTTA, 2015). No capítulo cinco há uma discussão que articula temporalidades e narrativas que permeiam os processos do envelhecimento.

No último capítulo articulo dois eixos essenciais da pesquisa: as imagens, que tem me acompanhado desde a primeira graduação¹¹; e o envelhecimento, temática da qual me aproximei posteriormente. Este capítulo busca esclarecer a pluralidade das experiências ligadas ao envelhecimento e de que forma a Antropologia Visual oferece um caminho para organizar e pensar a pesquisa, afinal, em se tratando de representações, me pareceu instigante e fecundo utilizar as imagens como forma de produzir conhecimento. Neste capítulo também é apresentada uma abordagem visual que problematiza ou faz pensar sobre a velhice e os processos de envelhecer. O ensaio visual intitulado “Dar a Ver” aborda o envelhecimento na cidade de Santos, nas áreas mais prestigiadas da cidade, como caráter experimental para nos fazer pensar acerca de nossas imagens do pensamento acerca do envelhecimento. As imagens forjam novas formas de ver e olhar para o mundo, e por isso, também possuem a capacidade de desconstruir olhares e maneiras de interpretar a realidade social.

Nas Considerações Finais construo as relações da montagem visual com as discussões trazidas a partir do campo teórico e prático da pesquisa, levando em conta as impressões das mulheres com as quais interagi nos grupos estudados, buscando refletir sobre as novas imagens do envelhecimento.

¹¹ Concluí o Bacharelado em Fotografia, pelo Centro Universitário Senac, Campus Lapa Scipião, no ano de 2009.

1. O ENVELHECIMENTO ATIVO E AS NOVAS IMAGENS DO ENVELHECIMENTO

A idade não é mais um indicador de normas de comportamento e de estilo de vida – os novos mercados de consumo se abrem a todas as idades e a publicidade estimula o rejuvenescimento; o modelo dominante na sociedade ocidental moderna é aquele da juventude e da beleza. A imagem de uma velhice sofrida, monótona, estereotipada, aos poucos perde sua força e se desfaz.¹²

Edméa começou a surfar aos 58 anos. Oswaldo, aos 84, correndo e dançando sente como se tivesse 40. Edson formou-se em medicina aos 82 anos. Judith ao ficar viúva deu seu grito de liberdade e aos 72 anos fez sua primeira de dezenas de tatuagens. Luiz se prepara para completar 4 mil saltos de paraquedas aos 76 anos. Ono Sensei, com 89 anos, segue dando aulas de defesa pessoal. Estas histórias estão todas contadas no longa metragem “Envelhescência” (2015)¹³, dirigido por Gabriel Martinez. Nos últimos anos temos acompanhado distintas trajetórias como essas. São histórias que possuem como ponto comum a reinvenção dos modos de vivenciar os processos do envelhecimento.

Essas trajetórias sinalizam que a velhice e os processos relacionados ao envelhecimento recebem uma nova roupagem. As novas imagens do envelhecimento passam a se sobrepor às imagens da velhice que a concebiam como uma fase exclusivamente de perdas e declínios. Emergem múltiplas possibilidades de viver e conduzir o processo de envelhecimento, tomando o espaço das imagens negativas relacionadas ao envelhecer. As pessoas que vivenciam esse processo possuem, hoje, diferentes opções de como ocupar e aproveitar o seu tempo.

Debert (2016) situa a partir da década de 1970 a origem da revisão da concepção da velhice como uma fase tipicamente decadente no ciclo de vida. Nesse período Beauvoir (1976) rompe com o silêncio em torno da velhice. A autora afirma:

Deixemos de trapaças: o sentido de nossa vida está em pauta no futuro que nos aguarda. Não poderemos saber quem somos se ignorarmos quem seremos [...]. Não o poderemos evitar se quisermos assumir nossa condição

¹² PEIXOTO, Clarice Ehlers. A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: A busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.10, n.27, p. 1-11, fev. 1995. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/publicacoes-sp-2056165036/rbcs/210-rbcs-27#9>. Acesso em mar. 2019.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i4cLyLdK5EA>. Acesso em mar. 2020.

humana em sua totalidade. Isto nos levará a deixarmos de aceitar com indiferença o infortúnio da idade final; sentir-nos-emos envolvidos, como de fato o somos. (BEAUVOIR, 1976, p. 10).

A partir dessa quebra da conspiração do silêncio em torno da velhice, até então tratada como uma “realidade incômoda” (BEAUVOIR, 1976), as imagens e representações em torno do envelhecimento têm sido constantemente problematizadas, ressignificadas e, pouco a pouco, transformadas. Para Beauvoir, o silêncio em torno da velhice se devia ao fato de se viver numa sociedade capitalista, em que o material humano só é considerado interessante enquanto pode ser produtivo, depois disso é tratado como refugio. A autora atenta para a necessidade de nos reconhecermos nas pessoas de idade mais avançada, afinal, um dia, cada um(a) de nós, se acompanharmos as projeções da expectativa de vida¹⁴, vivenciaremos a condição de velho ou velha (ou idoso e idosa, como se costuma se referir às pessoas com 60 anos ou mais).

Alexandre Kalache¹⁵ (2015) afirma: “envelhecer é bom, morrer cedo é que não presta!”. Celebrar a velhice¹⁶ nos termos de Kalache diz respeito também à possibilidade de planejar a vida como quem vai viver longos anos. Dessa forma, hoje é mais usual do que era nos anos 1970 que nos preocupemos com o estilo de vida e os hábitos adotados na vida cotidiana. Diante do envelhecimento demográfico global, a OMS cria as diretrizes do Envelhecimento Ativo, lançando as seguintes preocupações:

Como podemos ajudar pessoas a permanecerem independentes e ativas à medida que envelhecem? Como podemos encorajar a promoção da saúde e as políticas de prevenção, especialmente aquelas direcionadas aos mais velhos? Já que as pessoas estão vivendo por mais tempo, como a qualidade de vida na Terceira Idade pode ser melhorada? Um grande número de pessoas na Terceira Idade causará a falência de nossos sistemas de saúde e de previdência social? Como podemos equilibrar o papel da família e o do Estado em termos de assistência àqueles que necessitam de cuidados à medida que envelhecem? Como podemos reconhecer e apoiar o papel

¹⁴ Em 28 de novembro de 2019, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) divulgou que a expectativa de vida ao nascer, no caso brasileiro, é de 76,3 anos, em 2018. Quando se compara, no entanto, em termos de gênero, a expectativa para as mulheres é de 79,9 anos, e para os homens 72,8, para o mesmo ano de 2018. Fonte: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2019/11/28/expectativa-de-vida-do-brasileiro-ao-nascer-foi-de-763-anos-em-2018-diz-ibge.ghtml>.

¹⁵ Alexandre Kalache é uma referência no que envolve longevidade. É médico formado pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Era diretor do Programa Global de Envelhecimento e Saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS) quando esta lançou a divulgação do que conhecemos hoje, no Brasil, como a política de saúde do “Envelhecimento Ativo” (embora tenha sido lançado em 2002, a tradução brasileira é de 2005). Atualmente, Kalache é presidente do Centro Internacional de Longevidade do Brasil.

¹⁶ Debert (2012) esclarece que “A celebração do envelhecimento não é exclusiva dos programas para a terceira idade ou dos grupos de convivência de idosos, mas tem na mídia o palco central para a criação e divulgação das novas imagens.” (p. 209).

importante que as pessoas mais velhas desempenham no cuidado aos outros? (ORGANIZAÇÃO..., 2005, p. 7)¹⁷

Notem o uso do termo “Terceira Idade” para referir-se à velhice e ao envelhecimento. A ideia de “terceira idade” nas palavras de Debert (2016) é uma “inovação”. A história do termo concebe a velhice e o envelhecimento como um tempo de redefinir projetos, de investir em lazer, de adquirir novos conhecimentos, de se liberar de funções relacionadas aos afazeres domésticos e familiares etc. Diante do leque de possibilidades para quem está envelhecendo, Debert atenta para os perigos imbricados no discurso da terceira idade, e o quanto ele pode ser danoso para alguns atores. Neste vídeo intitulado “A invenção da terceira idade”, Debert (2016) afirma:

A nossa capacidade de escolha se ampliou com a terceira idade. Nós temos muito mais escolhas, mas [hoje] a escolha não é apenas um direito, é um dever. Nós somos obrigados a escolher e fazer a escolha certa, porque se não nós vamos ser responsabilizados pelas escolhas erradas. Agora, as escolhas aumentam, mas a possibilidade de fazer escolhas [...] é desigualmente distribuída. Essa distribuição desigual pode ser uma receita para uma humilhação, uma autodepreciação que a gente não pode levar em conta quando a gente pensa na boa velhice. (YOUTUBE, 2016)¹⁸

O discurso da terceira idade aplaude idosos e idosas que fazem as “escolhas certas”, a saber: não bebem, não fumam, se alimentam de forma adequada e saudável, fazem atividade física regularmente, tomam sol para absorção de vitamina D, se adequam às tecnologias vigentes, participam e se socializam, etc. A lista de recomendações é extensa, e se o indivíduo vem a sofrer, mais tarde, é porque ele foi negligente e descuidado, não seguiu o *script* como deveria.

As novas imagens do envelhecimento, associadas diretamente com a ideia de “envelhecimento saudável”, “envelhecimento ativo” e “terceira idade” prescrevem um caminho a ser seguido. E para aquelas(es) que seguirem o caminho “certo”, receberão como prêmio um feliz envelhecer. Apresenta-se um caminho como norma prescritiva.

A escritora feminista Sara Ahmed¹⁹ nos diz que “[a] felicidade como forma de trabalho emocional pode condensar-se na fórmula: fazer feliz ao seu entorno mostrando-se

¹⁷ Documento na íntegra disponível em:

http://pratein.com.br/home/images/stories/Envelhecimento/envelhecimento_ativo.pdf. Acesso em ago. 2019.

¹⁸ Link do vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=3QmyTF_-9Uk. Acesso em ago. 2019.

¹⁹ Sara Ahmed é uma pesquisadora independente que trabalha a intersecção dos estudos feminista, queer e raciais. Sua pesquisa investiga como corpos e mundos tomam forma e como o poder é assegurado e desafiado na

feliz. Esta tarefa sai melhor quando você é tão feliz como aparenta; quanto maior seja a sua tensão, mais tenso parecerá seu sorriso.” (AHMED, 2018, p. 89, tradução nossa). Neste trecho a autora se refere ao caminho comumente prescrito às meninas e mulheres, devendo sempre sorrir, serem dóceis e femininas. Como poderíamos estender o caminho da felicidade para o envelhecimento feminino?

Ora, o envelhecimento ativo é o caminho eleito. A linha é tênue entre manter-se autônoma/o, na velhice, e manter-se jovem. Essas linhas se confundem. E no caso das mulheres a pressão para se manterem jovens é maior. A partir das palavras de Ahmed, acima, acrescento que a pressão é por manter-se jovem e feliz. As novas imagens do envelhecimento estão bastante associadas a uma ideia de juventude. Goldenberg (2013), numa pesquisa com mulheres de 50 a 60 anos, das camadas médias e altas da Zona Sul do Rio de Janeiro, argumenta que o corpo, na cultura brasileira, além de ser um capital físico, é também capital econômico, simbólico e social. A autora explicita:

Meu argumento central é o de que, no Brasil, determinado modelo de corpo, que o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2007) chamaria de um corpo distintivo, é um capital: um corpo jovem, magro, em boa forma, sexy; um corpo que distingue como superior aquele que o possui; um corpo conquistado por meio de muito investimento financeiro, trabalho e sacrifício. (GOLDENBERG, 2013, p. 72).

Embora Goldenberg enfatize não estar fazendo uma generalização de que o corpo é um valor importante na sociedade brasileira como um todo, ela afirma que este corpo apresentado por um grupo pequeno – descrito como predominantemente branco, detentor de nível superior, de alta renda, heterossexual, morador dos bairros mais ricos do Rio – é o mais imitado entre a população brasileira, especialmente pelas mulheres. Goldenberg investiga quais os medos das mulheres brasileiras ao envelhecerem e como elas vivenciam este processo. Ainda neste estudo a autora percebe que, em comparação às mulheres alemãs, o problema do envelhecimento para as brasileiras é muito maior, e isto explicaria os esforços que muitas brasileiras fazem para se manterem mais jovens.

Goldenberg constata uma discrepância entre o que as brasileiras conquistaram em termos de realização profissional, autonomia financeira, maiores níveis de escolaridade e liberdade sexual e afetiva; e uma insatisfação em termos de subjetividade, como a

preocupação com doenças, com sobrepeso, medo da solidão, sentimento de invisibilidade com o passar dos anos e vergonha do corpo. Resgatando a questão da distinção, trabalhada por Bourdieu, a autora reforça que deixar o corpo em sua “natural” aparência é um indício de descuido: “O mesmo pode ser pensado sobre o corpo gordo, envelhecido ou ‘fora de forma’ [...]” (GOLDENBERG, 2013, p. 73).

Nas conversações com as mulheres em Santos, algumas delas sinalizaram que a idade chega para todas(os). A partir desta conclusão caberia indagar: – que imagem criamos acerca de nossa própria velhice? Em algumas interações se apresenta o desconforto ou estranhamento que algumas relatam frente ao espelho, como “Nossa! Que mudança drástica!” ou “olha, eu vou te falar francamente [...], eu só dou conta da minha idade quando eu me olho no espelho e vejo ‘hum, nossa! Eu num era assim, agora eu tô’ (risos)”. A autora Benedita Cabral também relata uma experiência diante de um “grande espelho”:

Encontrava-me logo atrás de minha amiga, quando olhei sua imagem refletida nele e imediatamente ouvi sua exclamação enfática, enquanto levava as mãos aos cabelos grisalhos: ‘Parece um bicho!’ disse, e repetiu a frase. Parecia falar para todos como se quisesse explicitar o que pensava de sua face envelhecida. [...] Desde então, jamais esqueci essa experiência emblemática do envelhecimento de uma mulher. (CABRAL, 2005, p. 53).

Imaginar a si mesma(o) como idosa(o) significa formar imagens mentais do que se poderia vir a ser, com base nas representações da velhice e do envelhecimento que possuímos. Essas representações vão se transformando com a passagem do tempo e acompanham os processos de envelhecimento das pessoas. Há algo preocupante em torno destas imagens que se ressignificam: como quebrar o paradigma do envelhecimento como sinônimo de decadência, sem incorrer em outro estereótipo, também danoso?

Debert argumenta que essa responsabilização sobre o indivíduo trazida pelas novas imagens do envelhecimento, em relação às “boas” ou “más” escolhas que fazem, faz parte do processo de “reprivatização do envelhecimento” (DEBERT, 2012), processo este levado a cabo pela gerontologia hegemônica afinada com a burocracia do Estado, “[...] que procura reduzir os custos com a saúde educando o público para evitar a negligência corporal, [...] [abrindo] também novos mercados para a indústria do rejuvenescimento.” (DEBERT, 2012, p. 227).

É importante considerar, portanto, que as novas imagens do envelhecimento são reforçadas com base nos interesses de atores sociais específicos. Devemos sempre estar atentas/os às imagens que são disseminadas e reproduzidas sobre a velhice. E assim como as

imagens, os signos verbais também são representações e dizem respeito a uma determinada realidade social.

Os termos classificatórios que se referem às pessoas envelhecidas vão desde “velho(a)” até pessoas que fazem parte da “melhor idade”. Não se deve perder de vista que esses termos, longe de serem neutros e transparentes, possuem toda uma construção e modificações e também têm a sua história. Alves (2015), numa espécie de indignação acerca do uso de um desses termos, constata: “Ah! Melhor idade! [...] basta pensar sobre o sentido das palavras para se dar conta de que se trata de um eufemismo [...]. Porque é só o fato de haver algo de ruim nessa idade que permite que ela seja batizada com título tão delicado. [...] envelheci e não melhorei. Piorei.” (ALVES, 2015, p. 55).

Em 2019 participei de um Grupo de Trabalho (GT) intitulado *Sociologías de la Niñez, Juventud y Envejecimiento*²⁰ e em uma das exposições desse GT um dos participantes problematizava especificamente a respeito da historicidade de termos como “viejo”, “anciano” e “adulto mayor”. O expositor se posicionava num sentido de questionar os eufemismos, afinal, as pessoas deveriam ser chamadas como elas são, e se velhas, deveriam ser chamadas de “viejas” (velhas). Ao final dessa exposição, um dos ouvintes – um senhor que revelou ter 78 anos – agradeceu a exposição, mas logo em seguida disse que não compartilhava da visão do expositor. Este senhor falou em tom firme e enfático, algo como: “Viejos son mis zapatos. Yo soy un adulto mayor!”²¹. Estas palavras ainda ecoam nos meus ouvidos e, deste então, não paro de refletir o quanto os termos têm uma relação direta com a realidade social.

Nada mais coerente com as novas imagens do envelhecimento do que o episódio narrado. Neste caso, a realidade cotidiana pressiona uma mudança em relação aos termos “velho”, para nós, e “viejo”, para os peruanos, por exemplo. Estes dois vocábulos, em alguns casos, passaram a receber uma conotação pejorativa, sendo substituídos, pouco a pouco, pelos termos “idoso” e “adulto mayor”, respectivamente. E “velhice”, passa a ser substituída pelos eufemismos, de acordo com Alves (2015), “terceira idade” e “melhor idade”.

Peixoto (2007), tomando a França como ponto de referência, esclarece que o caso brasileiro é semelhante ao francês quando se refere à conotação negativa do termo “velho”. As novas imagens da velhice (ou a ressignificação de suas representações) oriundas da

²⁰ O evento mencionado era o XXXII Congreso Internacional ALAS 2019. Realizado em Lima, no Peru.

²¹ “Velhos são meus sapatos. Eu sou um adulto maior!”. Tradução nossa. Traduzimos “adulto mayor” como “idoso”, para nós brasileiros.

Europa, chegam ao Brasil no fim da década de 1960. Segundo Peixoto, à essa época o vocabulário português já possuía o termo “idoso”, mas não era muito empregado. Seguindo o exemplo europeu, no entanto, o Brasil recupera a noção de “idoso” em alguns documentos oficiais e na maioria das análises sobre a velhice (PEIXOTO, 2007).

Apesar da primeira concessão ao direito à aposentadoria no Brasil ter se dado no final do século XIX, aos trabalhadores das estradas de ferro, e que, a partir daí, outros funcionários públicos também adquiriram o direito, com a abolição da escravidão, é somente a partir de 1988, que se reconhece a velhice como uma questão social, e que, assim, a aposentadoria deveria se atualizar conforme o salário mínimo. Peixoto afirma, então, que como todas as outras sociedades industriais, o Brasil também reestrutura o ciclo de vida em “[...] três grandes etapas: a infância e a adolescência – tempo de formação; a idade adulta – tempo de produção; e a velhice – idade do repouso, tempo do não-trabalho.” (PEIXOTO, 2007, p. 80). Ainda conforme Peixoto, em todos os domínios da sociedade brasileira, há essa forte associação entre velhice e decadência. Por outro lado,

[...] a rubrica da terceira idade é fundamentalmente empregada nas proposições relativas à criação de atividades sociais, culturais e esportivas. *Idoso* simboliza sobretudo as pessoas mais velhas, ‘os velhos respeitados’, enquanto *terceira idade* designa principalmente os ‘jovens velhos’, os aposentados dinâmicos (PEIXOTO, 2007, p. 81, grifo da autora).

Embora o Estatuto do Idoso²² (a principal ferramenta jurídica que regula os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a sessenta anos, no Brasil) adote “idoso” como o termo classificatório para representar este público, reitero o que foi dito por Debert, de que existe uma desigualdade nas possibilidades de se fazer escolhas na velhice. O que interessa ao mercado e ao Estado são os “jovens velhos”, que se adequam a uma imagem do envelhecimento e seguem a extensa lista de recomendações para uma boa velhice, e, também, por isso, são consumidores em potencial, além de serem indivíduos menos onerosos ao sistema.

As “boas escolhas”, portanto, são feitas por idosas(os) que possuem, de antemão, boas condições de saúde para seguir tais recomendações, mas que também possuem recursos para arcar com esses serviços. Não digo que as camadas populares não sigam tais recomendações, mas que é mais difícil que tenham condições de segui-las, ou seja, têm de despender maior

²² Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70326/672768.pdf?sequence=2>. Acesso em: 25 abr. 2019.

esforço e energia, sem contar que as ofertas em saúde e assistência para idosos não ocorrem da mesma forma em todos os municípios e regiões. É importante reforçar que as novas imagens da velhice, no Brasil, embora possuam um incentivo às formas heterogêneas de vivenciar o processo de envelhecimento, elegem uma “melhor forma”.

Quando se fala sobre as imagens e representações da velhice e do processo de envelhecimento também se está referindo aos discursos que uma sociedade lança mão para legitimar ideias e reforçar estereótipos, afinal, não existe representação do mundo de forma transparente. Segundo Foucault, cada sociedade classifica os discursos como verdadeiros ou falsos. O autor supõe:

[...] que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2014, p. 8-9).

Os discursos já que ocultam mais do que revelam, podem ser análogos às fotografias que, ao lançarem luz sobre um determinado objeto, produzem sombras em todo o resto; ou enquadra-se algo, deixando incontáveis informações fora do quadro. Embora no caso da fotografia, ela possa revelar um fragmento do real, ela necessariamente oculta importantes aspectos da realidade que envolve a criação desta imagem. O discurso, por sua vez, mesmo através de palavras sedutoras, pode encobrir intentos duvidosos. Como aponta Foucault (2014), os discursos são permeados de poderes e perigos, portanto devem ser ouvidos, lidos e analisados com cautela, afinal, não deixam claros os interesses que carregam, mas os ocultam por vezes ardilosamente.

Muitas(os) pesquisadoras(es) que tratam da questão do envelhecimento referenciam uma entrevista a Bourdieu, realizada em 1978, nomeada como “A ‘juventude’ é só uma palavra”. Apesar deste título, Bourdieu amplia a questão às divisões entre as idades e reforça que o trabalho do sociólogo é lembrar que essas divisões são arbitrárias, tanto quanto as classificações por gênero, por classe etc. Bourdieu enfatiza que nem a juventude, nem a velhice são dadas, mas construídas socialmente, numa luta permanente. Assim, “Cada campo [...] tem *as suas leis específicas de envelhecimento*”. (BOURDIEU, 2003, p. 153, grifo do autor).

O autor ainda levanta o problema de que a idade cronológica, enquanto dado biológico, tem sido sempre manipulada socialmente. A palavra juventude, por exemplo, é

“uma” palavra que contém um universo heterogêneo em si, e que este fato já é, por si só, uma manipulação. Nas palavras do autor, “[...] é por meio de um formidável abuso de linguagem que se subsume no mesmo conceito universos sociais que praticamente nada têm em comum.” (BOURDIEU, 2003, p. 153). Como dito anteriormente, os vocábulos não são isentos de um conjunto de interesses, bem como as imagens e os discursos. Da mesma forma que Bourdieu se refere à juventude, também se pode pensar a respeito da velhice. Ou seja, o termo é cunhado para representar um conjunto amplo de pessoas que de comum teriam o fato de pertencerem à uma faixa etária específica. Mas o que isto quer dizer?

Como nos ensina Bourdieu isso quer dizer que um discurso dominante “elege” uma palavra e coloca dentro dela todas as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos, como no nosso país é definida a categoria “idoso”, no estatuto oficial. E gozar de uma boa velhice, no Brasil, vincula-se com aparentar menos idade (principalmente para as mulheres). Gozar de uma boa velhice para nós, brasileiras, camufla, ainda, um discurso ou uma imagem ainda mais disseminada, que é a ideia de uma eterna juventude na própria velhice.

Segundo Debert (2012), as mudanças em torno das imagens e concepções da velhice e do envelhecimento, são positivas no sentido de apontar os ganhos que o avanço da idade pode trazer, propiciam espaços para que novas experiências de envelhecimento sejam concretizadas em termos coletivos, possuem um apelo contra o preconceito, no entanto, elas resultam em um aspecto não tão positivo assim:

A característica marcante desse processo é a valorização da juventude, que é associada a valores e a estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico. A promessa da eterna juventude é um mecanismo fundamental de constituição de mercados de consumo. [...] A constituição do envelhecimento em um novo mercado de consumo sugere, por um lado, que o corpo é pura plasticidade e que é dever de todos manterem-se jovens. Por outro lado, é próprio dos *experts* em gastos públicos transformar o envelhecimento populacional em problema nacional, em um risco para a reprodução da vida social na medida em que as projeções sobre os custos da aposentadoria e da cobertura médico-assistencial à velhice indicam a inviabilidade, a curto prazo, de seu sistema de financiamento. (DEBERT, 2012, p. 66-68).

No trabalho de campo desta pesquisa, as mulheres que se consideraram velhas, ou idosas, foram a exceção, e não a regra. Isto significa dizer que mesmo estando dentro de uma faixa etária que as consideraria juridicamente como “idosas”, não é a forma como elas querem ser representadas ou não é a maneira como elas se sentem e se identificam. Penso que isto resulta da legitimidade alcançada pelo Envelhecimento Ativo na sociedade brasileira, e na forma com que as novas imagens são disseminadas na cidade de Santos através de diferentes

atores. Embora essas mulheres não se considerem necessariamente jovens, é perceptível que a juventude é um valor almejado e que manterem-se ativas e em movimento significaria permanecerem mais próximas da juventude.

Estariam essas novas imagens do envelhecimento reforçando uma ideia de que o direito de envelhecer estaria sendo negado, principalmente às mulheres? Embora sempre haja esforços por generalizar ou apresentar uma imagem única do envelhecimento, trata-se de uma experiência que apresenta múltiplas possibilidades e, portanto, imagens também múltiplas. Alinho-me com Neri e Debert quando recusam “qualquer tipo de reducionismo biológico, físico, psicológico ou social e vê[em] com desconfiança a pretensão de uma teoria unificadora da velhice.” (1999, p. 7).

2. SITUANDO O CAMPO DA PESQUISA: SANTOS, A “CIDADE DOS VÉIO”

Tendo apresentado as novas imagens do envelhecimento, situo agora o campo etnográfico para que o(a) leitor(a) possa compreender de quem trata esta pesquisa. Trago alguns dados gerais sobre a cidade de Santos e gradualmente apresento o campo no qual me inseri, ou seja, de que maneira o envelhecimento me foi apresentado e representado pelas pessoas participantes dos grupos de aproximação e como essas novas imagens se apresentaram a partir do campo e de suas/seus interlocutoras/es.

2.1 Um breve resgate histórico

Ao falarem sobre a cidade de Santos, algumas interlocutoras desta pesquisa, diziam que ela “tem vida própria”, que é “uma cidade [...] que vive por si só, num precisa do turismo”. Se imaginarmos algumas cidades litorâneas que conhecemos, pode ser que tenhamos a impressão de que muitas delas dependam das atividades turísticas. Não é o caso de Santos. De fato, ao recorrer à historicidade santista, constata-se que seus ares de modernidade e urbanidade emergem no final do século XIX. Lanna (1999) explica que Santos passou por uma transformação urbana em fins do século XIX, início do XX, sendo que a cidade ficou marcada pela técnica e pela industrialização.

A preocupação com o progresso fez com que novas demandas surgissem, e isto implicaria uma “[...] racionalização do uso do espaço: alinhar, limpar, embelezar, demolir tudo que fosse ‘diferente’.” (LANNA, 1999, p. 103). Com isso, se inicia uma segregação física e social, acompanhada de revoltas, punições e mortes. A cidade passaria por uma completa remodelação, fazendo aparecer firmas de construção civil para empreender tais mudanças. Um exemplo dessas empresas é a Companhia Construtora de Santos, fundada por Roberto Simonsen.

Criada em 1912, era uma ‘empresa moderna, com escritório técnico com hábeis engenheiros e arquitetos, com grandes instalações de serraria, carpintaria, oficina mecânica, britadores e depósito de material de construção’. Essa firma tinha feito a primeira tentativa de casas populares em Santos, tendo sido o empreendimento abandonado com a alegação de não auferir lucros e ter que enfrentar a concorrência desleal de construções clandestinas dos *chalets* de madeira. (LANNA, 1999, p. 103).

Ainda que em breves linhas, é pertinente trazer um pouco desta história para possibilitar uma visualização das origens do formato da cidade de Santos como a conhecemos hoje: a valorização imobiliária de algumas áreas em detrimento de outras; a constituição dos bairros nobres e a ocupação dos morros; sua economia autônoma, baseada nas funções comerciais e portuárias. Todos esses fatores contribuem para que a cidade tivesse alcançado seu reconhecimento de cidade moderna.

Foi nesse mesmo período que foram construídos os canais de saneamento, os sofisticados palacetes próximos à orla, o edifício da Bolsa do Café, revelando a importância econômica da expansão cafeeira, a partir do final do século XIX. A cidade também viveu um rápido crescimento no período entre meados do século XIX e início do século XX. Houve um crescimento vertiginoso da população, mesmo após as mortes causadas pelas sucessivas epidemias (LANNA, 1999). A população em 1854 era de 7.855 pessoas, saltou para 9.871 em 1872 e chegou, quatro décadas depois a 88.967 habitantes, em 1913. “Cresceu a taxas só comparáveis as da cidade de São Paulo e superiores às da média das cidades de seu porte.” (LANNA, 1999, p. 104).

As reformas ocorridas na cidade durante o auge da economia cafeeira prestigiaram zonas específicas da cidade, hoje decadentes, como o antigo centro. O que se vê atualmente é uma revitalização de algumas regiões. Quando eu tomava o ônibus que fazia o caminho da Zona Noroeste ao Bairro José Menino, no Canal 1²³, notava as intensas obras que integravam o Projeto da “Nova Entrada de Santos”²⁴. Menciono este conjunto de obras para enfatizar que Santos se mostra como uma cidade com ares modernos, no final do século dezenove e início do vinte, e se remodela com estes mesmos ares hoje, ainda que em outras áreas da cidade²⁵.

²³ Este era o caminho de volta do Centro Recreativo Manoel Nascimento Junior, aonde se davam as aulas de ginástica de um dos grupos de aproximação, à casa da tia Virgínia, a tia do meu pai que me acolheu na cidade. Ela vive na rua em que passa o Canal 1, bem próximo à praia e ao Parque Municipal Roberto Mário Santini, onde se situava outro grupo de aproximação.

²⁴ Outro conjunto de obras em vigor na cidade compõem a “Nova Ponta da Praia”, projeto de parceria público-privada que engloba a revitalização da orla, o novo mercado de peixe e o centro de convenções. Mais informações em: <https://www.santos.sp.gov.br/hotsite/nova-ponta-da-praia>. Acesso em set. 2019.

²⁵ Em matéria de fevereiro de 2019 do jornal *Diário do Litoral*, estimava-se que os ganhos do Grupo Mendes, o grupo privado com o qual a prefeitura firma a parceria da “Nova Ponta da Praia”, variem entre 700 milhões a R\$ 1,68 bilhão, com a valorização da área. Ler mais em: <https://www.diariodolitoral.com.br/santos/grupo-mendes-pode-lucrar-com-obras-na-ponta-da-praia/122892/>. Acesso em set. 2019.

2.2 Por que “cidade dos véio”?



1.²⁶



2.²⁷

Situada no litoral Sul do Estado de São Paulo, Santos é a principal cidade da Região Metropolitana da Baixada Santista (região destacada em vermelho no mapa acima, figura 2). Possui importante participação na economia paulista e abriga o maior porto da América Latina. (OLIVEIRA, 2006). De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade ocupa o 10º lugar no ranking do Estado de São Paulo em termos populacionais, contando com 419.400 pessoas no último censo de 2010.

²⁶ Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_da_Baixada_Santista#/media/Ficheiro:SaoPaulo_RM_BaixadaSantista.svg. Acesso em ago. 2019.

²⁷ Fonte: <https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c7/Mapa-RMBS.svg>. Acesso em ago. 2019.

Dos diálogos e das entrevistas realizadas no decorrer da pesquisa é notável um lado opulento da história santista que se faz presente até os dias de hoje. A maioria das interlocutoras exaltaram suas qualidades de cidade moderna, deixando perceptível o resquício de cosmopolitismo que ronda algumas regiões da cidade. Estes ares modernos e de efervescência podem ser relacionados com a pressuposição de movimento e de atividade, destacada pelas pessoas idosas com quem dialoguei.

Rosário, uma das interlocutoras me disse que a cidade não é boa só por conta da praia, mas porque ela tem vida ativa. É uma cidade bem estruturada. Ela relata: “Antes para ir em teatro (e outros programas culturais) se ia para São Paulo, médico também, hoje veio tudo para cá.” Rosário, que vive há quase vinte anos em Santos revela um “miolo” na cidade. Afirmou que Santos é uma cidade pequena, em que todos se conhecem²⁸. Em sua visão, Santos é uma cidade provinciana. Ela conta que no início as pessoas ficam “meio assim” porque não te conhecem, que rola um preconceito com o turista (Rosário lembra: – “Eu sempre vim aqui como turista”) e “daqui a pouco você já está falando ‘média’ pra pão francês”, “você vai pegando as gírias daqui”, depois que pega amizade com esse pessoal do “miolo” a coisa flui bem.

Para compreender de que maneira a cidade se transformou na “cidade dos véio”, como apontam as interlocutoras que frequentavam a hidroginástica do SESC Santos, dialogo com alguns estudos demográficos. Conforme demonstra Farias (2018), Santos apresenta um envelhecimento populacional, em termos relativos, bem maior que os outros municípios que compõem a Região Metropolitana da Baixada Santista (RMBS)²⁹, além de apresentar números elevados também em relação ao envelhecimento populacional do Brasil como um todo³⁰. Se apresentarmos os dados relativos de Mongaguá, o segundo município com a população mais envelhecida da RMBS, o índice para 2010 era de 61,2%, enquanto o índice santista para o mesmo período era de 114% (FARIAS, 2018).

No entanto, quando se observa o crescimento populacional de Santos, suas taxas são inferiores aos demais municípios da RMBS, mesmo sendo o centro econômico e a área mais populosa da região (ALONSO, 2011). O processo de envelhecimento se intensifica no

²⁸ Imagino que isso para quem mora na região próxima à praia e ao Canal 1, que é onde acontecem as aulas de ginástica e alongamento do grupo que Rosário frequenta, no emissário submarino.

²⁹ Para se ter uma noção comparativa da RMBS e do país como um todo, o índice de envelhecimento na região mencionada era de 39,4% em 2000 e 59,4% em 2010. Para o Brasil como um todo, os números são respectivos de 28,9% e 44,8%. (FARIAS, 2018).

³⁰ Para o ano de 2000 os indicadores de envelhecimento em Santos eram aproximadamente 2,75 vezes maiores que os registrados para o país. (ALONSO, 2011: 79).

município, a partir da década de 1980, quando a população jovem começa a declinar ao mesmo tempo em que a população idosa mantém elevados níveis de crescimento, aumentando, assim, o proporcional de pessoas idosas em relação à população total. (ALONSO, 2011). Quando pensamos na população idosa da cidade, pode-se pensar que o peso do envelhecimento em Santos se deva à imigração de indivíduos já idosos para o município, o que não condiz com os dados apontados por Farias (2018) e Alonso (2011).

Outro fator que determina esse contexto demográfico na cidade se deve aos seus altos custos imobiliários, inviabilizando “...a permanência de indivíduos e famílias mais jovens no município, considerando a pouca oferta de domicílios mais baratos existente” (FARIAS, 2018, p. 153). Essas famílias e indivíduos tendem a migrar para as periferias da região (em São Vicente, Guarujá e Praia Grande, por exemplo), onde há preços habitacionais mais acessíveis. (FARIAS, 2018). Este aspecto me faz recordar a conversa que tive com uma servidora pública do município, que cuida das inscrições e dos cadastros do pessoal de um dos grupos trabalhados. Ela havia comentado sobre o aumento do custo de vida de Santos e da perda do poder aquisitivo da classe média, o que acarretava a emigração de pessoas que não possuíam boas condições financeiras para São Vicente e Praia Grande, onde os custos de moradia eram a metade dos custos de Santos.

Considero digna de menção a ideia de que o segmento mais idoso da população da Baixada Santista tenha migrado já idoso ou aposentado. Alonso (2011) contradiz este imaginário, afirmando que a migração dos idosos para a região, na verdade, ocorreu principalmente quando os indivíduos ainda não possuíam 60 anos ou mais. A análise demográfica desse autor aponta que pouco mais de 6% (apenas) daqueles que migraram para a região o fizeram nesta faixa etária. Para dados mais recentes, de 2005-2010, a tendência dos fluxos de migração para a cidade continua apontando uma concentração da população não idosa (FARIAS, 2018). Por outro lado, segundo Farias: “Pouco mais de 45% daqueles que declararam residência em 2005 na cidade, e, em 2010, já viviam em outra cidade, pertenciam aos grupos etários de 5 a 14 anos e 15 a 29 anos, ou seja, eram crianças, adolescentes ou jovens.” (2018: 153).

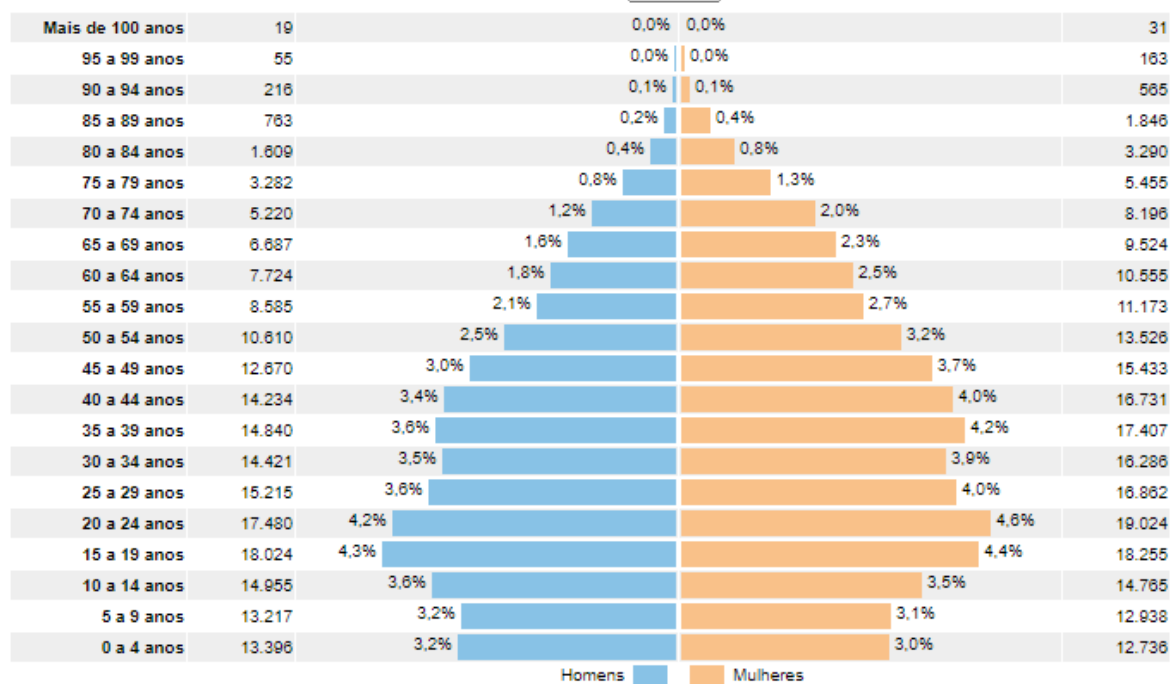
Considerando estes estudos, portanto, o que explica o alto contingente de idosas(os) na cidade coincide com as baixas taxas de fecundidade e de mortalidade, a alta expectativa de vida principalmente entre as faixas etárias mais altas, e a emigração dos estratos mais jovens por conta do alto custo de vida, principalmente relacionados à habitação. Também destaco que da imigração de pessoas idosas para Santos, quase metade delas provinha da Região

Metropolitana de São Paulo, apresentando uma condição financeira mais estável, considerando os altos custos de moradia (FARIAS, 2018). Muitas das mulheres do grupo de ginástica do Parque Roberto Mário Santini com quem interagi confirmam esses dados. Muitas delas tinham vindo de São Paulo, viviam próximo à orla, em que os custos de moradia são mais elevados, o que demonstra uma estabilidade financeira, e me diziam ter migrado há alguns anos, quando ainda não eram consideradas idosas.

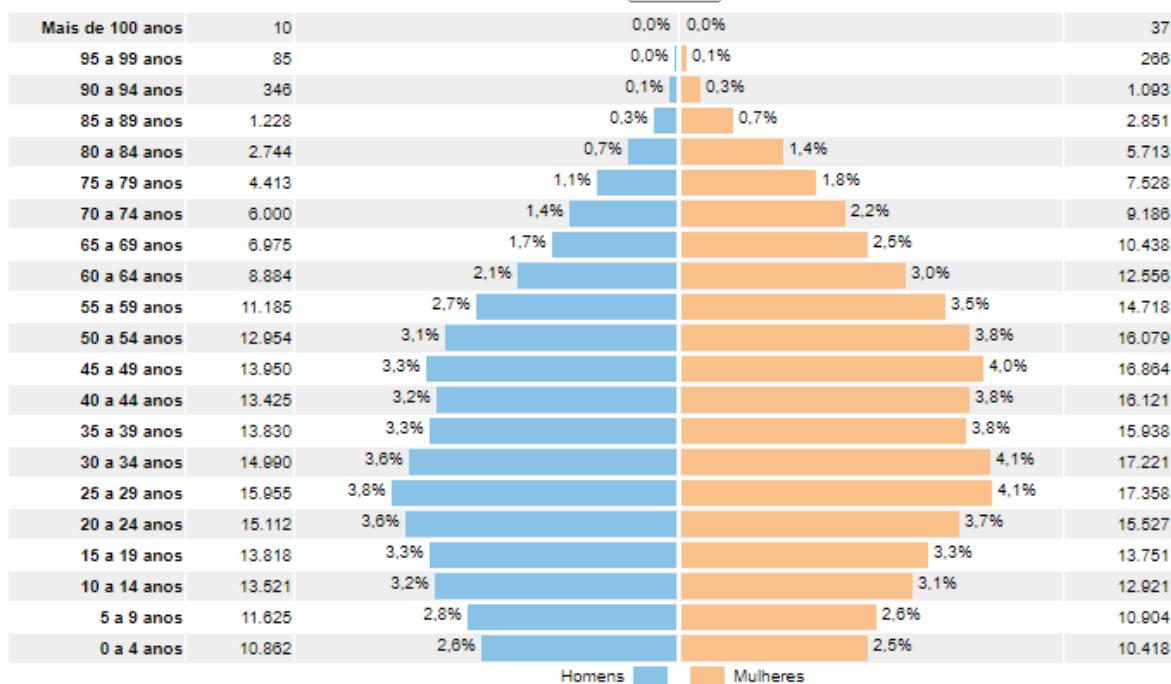
Quando se olha para as pirâmides etárias, sua evolução no município evidencia uma diminuição da base e aumento na proporção das faixas etárias do topo. Alonso (2011, p. 77) salienta “o elevado incremento de mulheres idosas”. A economista Ana Amélia Camarano aponta para um processo de feminização do processo de envelhecimento. Esta autora destaca que “quanto mais idoso é o contingente, maior é a proporção de mulheres” (CAMARANO, 2003, p. 37). Este fato é confirmado nas pirâmides etárias do município de Santos a seguir (Figura 3), e é perceptível nos grupos estudados que apresentaram uma proporção maior de mulheres em relação aos homens.

No caso específico dos grupos estudados, Debert (2012) aponta que estes programas voltados para a “terceira idade” mobilizam, sobretudo o público feminino. A autora relata que “[a] participação masculina raramente ultrapassa os 20%, e o entusiasmo manifestado pelas mulheres na realização das atividades propostas contrasta com a atitude de reserva e indiferença dos homens.” (DEBERT, 2012, p. 139).

Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade
Santos (SP) - 2000



Distribuição da população por sexo, segundo os grupos de idade
Santos (SP) - 2010



3.³¹

³¹ Fonte:

https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php?ano=2010&codigo=354850&corhomem=88C2E6&cormulher=F9C189&wmaxbarra=180

2.3 A inserção no “campo” de pesquisa

Meu primeiro contato com a cidade de Santos foi na adolescência. Íamos com frequência, eu e a minha família porque nosso vizinho (amigo bem próximo) tinha um apartamento lá, no Gonzaga³², de frente para o mar. Nossos percursos pela cidade se restringiam aos Canais 2 e 3: calçadão e praia; shoppings próximos (Miramar e Balneário) e galerias próximas. Passávamos fins de semana de diversão e confesso que à época eu nem atentava ao alto número de pessoas idosas que circulavam pela cidade. Mesmo porque aos fins de semana a atmosfera muda bastante no entorno da praia, como pude notar durante a recente pesquisa de campo.

Recordo vagamente que os adultos de meia idade (em relação a nós – eu, meus irmãos e os filhos dos amigos da família – crianças ou pré-adolescentes, na época) do nosso grupo comentavam e colocavam apelido em algumas “figuras” (pessoas idosas) que costumavam sempre estar na praia. Havia uma senhora que eles apelidaram de “Hebe”, devido aos seus cabelos bem louros, que lembravam as madeixas da apresentadora Hebe Camargo. Meus pais, mais recentemente (que continuaram a frequentar a cidade), sempre notam e comentam sobre duas mulheres, com mais idade, que sempre estão no café que eles frequentam (no subsolo do Shopping Miramar, no Gonzaga).³³

Retornar a Santos “munida” das leituras da Antropologia do Envelhecimento fez com que eu me deparasse com outra cidade, como se fosse a primeira vez que eu a visitava. Senti, de fato, um estranhamento e um deslumbramento com a quantidade de pessoas idosas nos diversos locais pelos quais me deslocava. Escolhi Santos porque me lembrava um envelhecimento “pra-frente”, personificado na figura de uma tia³⁴ do meu pai que lá vivia. Lembrava-me dessa tia como alguém pra-frente³⁵, que ia aos bailes, namorava, e, com mais de 80 anos vivia uma velhice ativa. Este referencial era, para mim, distante do que eu

³² Para quem não conhece a cidade, o Gonzaga é um bairro tradicional da cidade com imóveis de médio a alto padrão. Possui vários estabelecimentos comerciais, concentrando um intenso fluxo de transeuntes. É situado bem próximo à praia e acolhe a Praça da Independência, marco turístico onde ocorrem manifestações e comemorações.

³³ Vale ressaltar que meus pais são idosos, e que a máxima “velho é sempre o outro” é bastante aplicável nesta pesquisa, como veremos em outros casos.

³⁴ Essa tia, que apelido aqui com o pseudônimo de Virgínia, é uma mulher importante nesta etnografia. Em alguns momentos chamarei apenas de “tia”, pois é assim que me refiro à ela quando nos falamos.

³⁵ Utilizo o termo “pra-frente” ou “pra-frentex” com o sentido de ares modernos e facilidade para aceitar o novo ou diferente.

compreendia como velhice. Essa tia, no meu imaginário, simbolizava uma representante da velhice ativa.

Em minha experiência de vida conheci algumas pessoas idosas ativas e/ou “pra-frente”, como se dizia tempos atrás. No entanto, essa imagem sempre me foi passada, tanto pela mídia quanto pelos meus conhecidos como algo excepcional. Meu pai sempre nos falava dessa tia com uma grande admiração, e isto, de alguma forma, permaneceu no meu imaginário a ponto de me fazer pensar em Santos como um cenário possível para realizar a pesquisa que, aos poucos, se desenhava.

A tia a que me refiro é também muito ligada à família, e de sete irmãos, só ela e um irmão continuam vivos e ela sempre brinca com ele: “quem é que vai primeiro?”. Ela já completou 85 anos, desde o início da pesquisa. Por ser irmã de meu avô paterno, já falecido, e tamanha sua ligação com a família alargada (primos/as, sobrinhas/os, tios/as) ela foi muito solícita em me acolher, bem como sua filha, que hoje vive com ela em Santos. Nós três nos afeiçoamos muito e esta relação foi meu ponto de apoio e de partida na cidade, nos dias em que eu ali permaneci. A experiência no campo não teria sido a mesma sem a companhia dessas duas mulheres.

2.4 A acolhida

Iniciei a pesquisa em Santos em fevereiro de 2019, numa sexta-feira, mais precisamente no dia 22. Nesta circunstância fui à casa da tia Virgínia e de Jane³⁶, pois vivem juntas desde que esta se mudou de São Paulo para Santos³⁷. Nesta primeira conversa elas falaram muito bem da cidade e de seus inúmeros benefícios e iniciativas para a população idosa, bem como outras curiosidades. Mencionaram os CECONS³⁸, que oferecem bordados e

³⁶ Utilizo pseudônimos para preservar a identidade das/os interlocutoras/es.

³⁷ Jane se mudou há quatro anos. A título de esclarecimento, todos os períodos aqui mencionados se referem às anotações realizadas no caderno de campo e se referem, portanto, ao ano de 2019.

³⁸ São os famosos Centros de Convivência de Idosos, mencionados por interlocutoras(es) durante a pesquisa, ou por já terem participado ou por terem conhecimento da iniciativa. Esses espaços são de responsabilidade dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) dos territórios. Os serviços oferecidos buscam o fortalecimento de vínculos e a participação do idoso, considerando o bairro e a comunidade da qual fazem parte. “As ações desenvolvidas com o foco no processo de envelhecimento saudável asseguram espaços de convivência por meio de oficinas [...], expressão oral, física e das linguagens artísticas. Além de fomentar a participação em apresentações artísticas, cinemas, caminhadas temáticas, palestras, jogos e encontros regionais da 3ª idade, Conselho Municipal do Idoso e Audiências Públicas” (Prefeitura de SANTOS. Conselho Municipal de Assistência Social. Vida Plena: Política Municipal de Atenção Integral à Pessoa Idosa). Disponível em: https://www.santos.sp.gov.br/static/files_www/conselhos/CMAS/vida_plena_-_poltica_municipal_de_ateno_integral__pessoa_idosa.pdf

outras atividades; comentaram sobre a visita de uma assistente social para assegurar se as/os idosas/os passam bem, se há algo suspeito, se não sofrem maus tratos (a tia comentou que há uma dessas “cuidadoras” que passa pela casa dela todos os meses); falaram sobre a delegacia do idoso; sobre o fato de que há muitos que morrem em casa, sozinhos³⁹; e mencionaram que algumas mulheres pagavam moços para irem ao baile com elas.

Durante esta conversa a tia relatou que conheceu seu último companheiro (já falecido) em São Paulo, onde ela vivia na época. Conta que ele tinha um apartamento em Santos e que os dois iam a passeio e ela começou a gostar do lugar, até que eles decidiram comprar apartamento perto um do outro. Ela conta: “era muito divertido, a gente ia nos bailes...Pena que ele foi embora!”⁴⁰ (posteriormente, ela diz isto em outras ocasiões). Ela vive em Santos desde 2000, e me disse que só voltaria para Boituva, sua terra natal, no caixão. Dito isto, ela solta uma risada gostosa, como adora fazer. Ela conta que eles viveram todo o tempo em apartamentos separados. Só nos últimos três anos, já bem mal de saúde, ele veio morar com ela.

Após o falecimento dele, sua filha (que quando se mudou para Santos, alugou apartamento em outro andar do mesmo prédio) passou a morar com ela, já que ambas estavam morando sozinhas.

Ainda neste encontro, a tia contou que seu primeiro marido faleceu com 60 anos, que ele não se cuidava. Em seguida, ela diz: “A velharada está vivendo mais”, “Imagina se fazia um Papanicolau?!”, “Eu acho que a saúde é muito importante...!”.

³⁹ Houve um caso bem emblemático no prédio delas em que um homem de 80 anos, que vivia só, pulou da sacada cometendo suicídio. Me lembro que foi algo bem marcante, afinal, as duas são síndicas do prédio. A tia vive há muitos anos neste mesmo prédio e conhece bem os moradores mais antigos, inclusive menciona o falecimento de pessoas idosas que eram moradoras.

⁴⁰ Ela sempre recorda que ele era surfista. E que teve seu primeiro derrame surfando no mar.

no Bairro José Menino⁴⁴. Em uma das minhas observações, já havia presenciado a aula deste grupo, até que um dia, no final de uma das aulas, me aproximei e me apresentei ao professor, contando um pouco do meu tema de estudo e do interesse em acompanhar o grupo. Ele se mostrou solícito e me deu a permissão de acompanhar o grupo e suas atividades, já que ele e as(os) alunas(os) estão acostumadas(os) com jornalistas que sempre fazem algumas matérias com elas(es). Após esse consentimento, apareci logo no dia seguinte, e ali fui apresentada às(aos) alunas(os). Logo de início, elas(es) me convidaram para fazer a aula junto, e eu topei como uma forma de garantir um maior entrosamento.

Após conversar com algumas pessoas, decidi que gostaria de conhecer também um grupo que realizasse atividade física em algum lugar um pouco mais distante da orla ou das áreas mais prestigiadas da cidade. Esta decisão me levou à Zona Noroeste, que muitos mencionavam quando se referiam à zona periférica da cidade. A periferia da cidade era referida como os morros (a parte verde escura do mapa acima) e a Zona Noroeste. Uma servidora pública que eu havia conhecido no Parque Roberto Mário Santini me deu a dica do Clube M. Nascimento (como é conhecido). Posteriormente liguei no local para saber o horário das aulas e perguntei se poderia ir lá para conhecer e assistir a aula de ginástica para a “terceira idade”. A atendente me respondeu que sim. Assim, fui assistir a uma aula de ginástica e de alongamento – uma aula seguida da outra – no Centro Esportivo Manoel Nascimento Junior (no mapa acima, o clube se localiza no bairro Bom Retiro). Com a permissão da coordenadora do espaço e da professora, defini o terceiro grupo, e comecei a frequentá-lo duas vezes por semana.

A coesão entre os três grupos está no fato de serem orientados a uma prática de atividade física para pessoas idosas. Embora nem todos os três grupos sejam exclusivos para uma faixa etária específica, eles são compostos majoritariamente por pessoas com mais de sessenta anos, e serão denominados como “programas para a terceira idade”⁴⁵, nos termos de Debert (2012: 137). As aulas que acompanhei nos três espaços mencionados são frequentadas, em sua maioria, por mulheres. Tomei nota da diferença entre o número de mulheres e homens que frequentavam as aulas: em uma quarta-feira, contei na hidroginástica do SESC, 17

⁴⁴ Em alguns momentos me refiro a este grupo como o grupo “do Emissário”, pois é assim que as pessoas se referem ao Parque.

⁴⁵ “Melhor idade” e “terceira idade” são termos comumente utilizados. Evitarei utilizá-los (exatamente pela discussão trazida no início deste capítulo), salvo nos casos em que as expressões tenham sido utilizadas pelas/os interlocutoras/es com as/os quais dialoguei.

pessoas na piscina⁴⁶, apenas 4 homens e 13 mulheres; no grupo do Emissário, numa quarta-feira ensolarada, eram 15 mulheres e 4 homens na aula; e no M. Nascimento, em uma das aulas de alongamento de terça-feira, eram 15 mulheres e 4 homens.

A partir deste cenário, em que as mulheres são mais numerosas que os homens nos grupos estudados, cabe lembrar que o envelhecimento é experienciado de formas distintas por homens e mulheres. Por isso, sustento neste trabalho que o envelhecimento é perpassado por questões de gênero, além de outros marcadores sociais da diferença que se tornaram perceptíveis durante a pesquisa, como se verá mais adiante.

2.6 Idosas(os) por toda a parte

Minha incursão na cidade de Santos se deu a partir de um espaço bastante querido por grande parte dos brasileiros e das brasileiras – a região da orla: praia, calçadão, o grande jardim. Nos primeiros dias frequentei este espaço público tão utilizado pela população santista. Não é bobagem dizer que a facilidade do acesso à praia é muito maior àquelas(es) que vivem cerca do mar, nos apartamentos com vista para o mar, localizados nos prédios próximos à praia. Para algumas pessoas basta atravessar a rua para meter os pés no calçadão, a poucos metros da extensa faixa de areia escura.

Nos meus primeiros dias ali me limitava a observar o movimento, a *estranhar* os passantes, muitos idosos e idosas. Deparar-me com *muitas* pessoas idosas foi mesmo uma parte significativa do estranhamento vivenciado em meio àquela cidade, ou uma parte dela. Porque para além desse paraíso litorâneo, há as regiões mais distantes dali. Existe toda uma cidade para dentro, à medida que se distancia do mar e da praia. Existem os morros que segundo uma mulher jovem com quem tive, certa vez, uma longa conversa, me disse: “quanto mais você sobe, mais precária é a vida”. Há também a Zona Noroeste, que é famosa quando se fala em periferia. No entanto, quando o assunto era o enaltecimento de Santos, não ouvi ser mencionada a Zona Noroeste. Descobrir o mundo fora do “miolo” também foi um estranhamento, afinal sempre que visitei Santos foi como turista, que geralmente circula nas regiões próximas ao calçadão da praia.

⁴⁶ Para visualizar melhor o espaço eu tinha que subir umas escadas que davam uma melhor vista da piscina, pois sem a credencial eu não podia entrar na área cercada onde a piscina se localizava. Olhando pelo cercado de vidro, era impossível ver com exatidão todas as pessoas que estavam na aula.

Meu circuito inicial se resumia aos arredores do Canal 1⁴⁷, tanto porque era ali que eu me hospedara no apartamento da família do meu cunhado, sendo que posteriormente fiquei em um hostel e, finalmente, na casa da tia Virgínia.

⁴⁷ Os canais da cidade são o meio mais comum de se localizar em Santos. Eles foram construídos a partir do projeto de saneamento básico de Saturnino de Brito. Antes deste empreendimento, Santos ficou conhecida como uma cidade inabitável por conta das epidemias decorrentes da falta de saneamento e do clima quente. Hoje é comum que aos se buscar informações, as pessoas utilizem os canais como localização referencial. Santos possui 12 canais, sete deles na zona da orla.

3. MODOS DE FAZER: ENTRE IMAGEM & ENVELHECIMENTO

Aliar imagem e envelhecimento era minha intenção desde o início. Imergir no tema do envelhecimento é também deparar-se com imagens do envelhecimento: imagens existentes e disseminadas e imagens que estão sendo ressignificadas no tempo presente nas dinâmicas da realidade social. É por esse motivo que trago a articulação entre imagem e envelhecimento como um modo de fazer esta pesquisa, ou seja, como uma ferramenta teórico-metodológica que perpassa os rumos desta dissertação.

Antes de definir o recorte da pesquisa, me via atraída pela fotografia no que concerne à sua relação com a memória, a família e o afeto. As pausas que o álbum de família exige quando contemplado, as narrativas que ele carrega, os caminhos que minha avó fazia para nos contar sobre as memórias que aquelas fotos despertavam... Isso tudo sempre me instigou e é parte importante da minha trajetória. São imagens que me acompanharão, ainda que modificadas pela ação do tempo. A fotógrafa brasileira Márcia Charnizon trabalha especificamente com retratos de família. Sobre seu ofício revela:

[...] trabalho com imagens que vão ser ressignificadas, [...] revisitadas, em tempos diferentes, por pessoas diferentes. E a cada momento que as pessoas revisitam essa imagem, elas revisitam com o tempo presente, com a demanda do tempo presente. Então são afetos que estão sempre sendo ressignificados. (CHARNIZON, 2018).⁴⁸

De alguma forma, a ressignificação dessas imagens oferece um caminho possível para solucionar a seguinte pergunta: – De que maneira a imagem entraria no modo de confeccionar a pesquisa e como apareceria no meu texto? Meu intuito era ser capaz, através das imagens, de oferecer ao leitor/a outras imagens do envelhecimento, imagens possíveis, múltiplas. Dessa forma, o que eu desejava trazer para a dissertação era também essa ressignificação das imagens do envelhecimento, uma revisão dessas imagens no tempo presente e para este tempo. Assim, creio na potencialidade das imagens como produtoras de conhecimento, argumentos levantados pela Antropologia Visual⁴⁹.

A ressignificação das imagens me conduziu aos atores sociais que conheci durante a pesquisa. Pessoas que vivenciam o envelhecimento de maneiras distintas. Esta questão se

⁴⁸ Link do vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=LPLdAkMd2ak>. Acesso em abr. 2018.

⁴⁹ Poderia também me referir aos Estudos da Imagem, já que além de ser um assunto de interesse tratado pela Antropologia e pela Sociologia, me utilizo de autores/as que se situam em diferentes áreas do saber. Cito alguns exemplos: Susan Sontag, Philippe Dubois e Roland Barthes.

alinhava, portanto, com o desejo de conhecer novas imagens e representações acerca da velhice e dos processos de envelhecimento. Imagens distintas daquelas vivenciadas pelas “minhas velhas”⁵⁰ em Boituva, cidade na qual cresci e fui criada.

A cidade de Santos se mostrou como o lugar em que o envelhecimento se dá a ver. Fazendo uma analogia ao enquadramento escolhido pelas(os) fotógrafas(os) que produzem suas imagens, também poderíamos pensar de que forma são enquadradas as imagens de Santos. Quais aspectos urbanos são enquadrados e quais ficam fora do quadro? Utilizando as provocações de Pereira (2018) poderíamos perguntar:

O que é enquadrar? O que é enfocar? O que é mostrar e esconder? O que podemos ajudar a naturalizar reforçando determinadas maneiras de ver? O que é um deslocamento? Quê ética do ver orienta nossos planos, nossos ângulos, nossas sequências, nossas produções? Como mesclar luz e sombras para produzir imagens/conhecimentos? Como considerar os deslocamentos como ampliações de nossas possibilidades de ver e de dar a ver? (PEREIRA, 2018, p. 675).

As pessoas idosas ocupam os diversos espaços da cidade – desde a praia e o calçadão até os cafés, shoppings, cinemas, transportes coletivos, escolas e faculdades. Mas, diferente de outros municípios, Santos dá a ver muitos homens e mulheres idosas(os). Trata-se de uma cidade potente em oferecer imagens do envelhecimento. No entanto, não é tudo que se enquadra e se torna imagem, pois há muito do envelhecimento que fica fora do quadro. Minha tia, uma das mulheres que me introduziu ao campo, revela: “aqui só tem velho e cachorro!”, soltando aquele riso solto que lhe é peculiar. Questiono: – Que tipo de velha/o é enquadrado nessa imagem? Qual tipo de velhice?

Esta pesquisa é uma forma de observar também o que está fora do quadro do envelhecimento na cidade. Com uma simples caminhada no calçadão e nos impecáveis jardins (um dos cartões-postais de Santos) que separam a rua da areia, do início à ponta da praia, há pessoas de várias idades em movimento e entre elas muitas mulheres e homens velhas(os) se deslocando de bicicleta, a pé, passeando, sozinhas(os) ou acompanhadas(os). O intento aqui é fazer refletir sobre a justaposição de imagens plurais da velhice, o que implica uma justaposição de temporalidades e de possibilidades. Tempos do passado e do presente que se entrecruzam, convivem e revelam mudanças e permanências, ora num “dar a ver”, ora num ocultamento contínuos.

⁵⁰ Minhas duas avós com quem tive um intenso convívio.

Sontag (2004) afirmou que as fotografias nos ensinam um novo código visual, que elas “modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. Constituem uma gramática e, mais importante ainda, uma ética do ver” (p. 13). A autora se refere às imagens fotográficas (como as outras espécies de imagens) como parte constituinte do nosso imaginário. Por exemplo, as ideias e representações que temos da cidade de Santos, mesmo para quem nunca esteve lá, são baseadas nas fotografias e nas outras imagens que conhecemos de Santos⁵¹.

Samain⁵² (2012) sinaliza que, nas próximas décadas, não olharemos as imagens do mesmo modo. Explico com uma comparação que Dubois⁵³ (2004) faz da juventude da qual ele era parte e dos jovens de hoje. Ele afirma que os jovens estavam já, há alguns anos,

[...] aprisionados pela imagem digital: os videogames, [...] os tiros, os corpos explodindo. Essa ideia de um corpo que não tem carne está extremamente entranhada no imaginário deles. Já nós viemos de uma geração de corpos bastante parecidos, bastante uniformes, uma geração em que a fotografia e o cinema construíram nosso imaginário do corpo na imagem, e eles não. (DUBOIS, 2004, p. 151).

A partir desta comparação, é possível refletir sobre nossa forma de olhar para as imagens e de como elas transformam o nosso olhar e nosso imaginário, moldando a forma como observamos a realidade social. Samain (2012, p. 16) continua: “[...] as imagens pensam e nos fazem pensar, além de [...] moldarem o nosso próprio olhar”. Por conta dessa potência das imagens fotográficas e dos outros tipos de imagens insisto em afirmar: olhar para o envelhecimento é dirigir o olhar para suas múltiplas imagens.

No exercício de pensar a estrutura e a especificidade de nossas pesquisas, na busca de resolver os problemas que nos colocam, eu pendia ora para os estudos envolvendo a imagem, ora para os que envolviam a velhice e o envelhecimento. Eu conhecia a possibilidade de associar as duas temáticas como mostram diversos trabalhos⁵⁴, mas de que forma o faria? Esse

⁵¹ Nosso imaginário é pleno de imagens construídas pela indústria do entretenimento. Esse conjunto de imagens criadas por diferentes grupos de poder (as mídias, o jornalismo, a indústria cinematográfica, as plataformas de streaming etc.) treinam nosso olhar e nossa concepção sobre todas as coisas, visíveis ou não visíveis, criando uma “ética do ver”, como aponta Susan Sontag (2004).

⁵² Etienne Samain, antropólogo e teólogo, nascido na Bélgica é professor titular no Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e foi docente do Departamento de Cinema. Atualmente, centra seus interesses na elaboração de uma Antropologia da Imagem, bem como numa Antropologia da Comunicação Humana.

⁵³ Philippe Dubois, pesquisador francês dedicado às formas visuais, é professor no Departamento de Cinema e Audiovisual da Université Sorbonne Nouvelle – Paris III e membro sênior do Instituto Universitário da França (IUF).

⁵⁴ Para citar alguns: Peixoto (2000), Debert (2003), Graeff (2005).

dilema se resolveria na experiência do campo da pesquisa, na atmosfera da cidade de Santos, no contato com os grupos, na conversa e proximidade com as mulheres, mesmo que não houvesse “captura” de imagens por um dispositivo eletrônico ou digital. Somente a partir destes contatos fui capaz de olhar para o outro. Este “outro” em que residia minha curiosidade e interesse. Este “outro” que vivencia o processo do envelhecimento numa etapa mais avançada daquela que eu vivencio.⁵⁵

Outra intenção desta pesquisa, no que se refere ao entrelaçamento entre Imagem e Envelhecimento, é compreender como as mulheres santistas se expressam sobre as vivências permeadas por seus processos de envelhecimento e quais são suas próprias representações e imagens acerca desse processo. Parto do interesse em perceber essa dinâmica de tempos que se justapõem e dizem respeito às visões de mundo que as imagens constroem e modificam. Essa gramática que se relaciona com o olhar, mas também com o sentir através dos outros sentidos o que é envelhecer nesses corpos que atravessam diferentes temporalidades. – O que é sentir o tempo neste corpo que se desloca pelo tempo-espço? Este corpo que envelhece?

3.1 Considerações epistemológicas

[...] não há epistemologias neutras e as que reclamam sê-lo são as menos neutras.⁵⁶

Epistemologia, segundo Santos e Meneses (2009, p. 9) “[...] é toda a noção ou ideia, refletida ou não, sobre as condições do que conta como conhecimento válido. É por via do conhecimento válido que uma dada experiência social se torna intencional e inteligível. Não há, pois, conhecimento sem práticas e atores sociais.”. Assim, as epistemologias se originam das relações sociais. Diferentes contextos políticos e culturais e as relações sociais que ocorrem nesses contextos produzem epistemologias diversas (SANTOS; MENESES, 2009).

A reflexão a respeito das epistemologias se faz pertinente para refletir sobre o nosso fazer acadêmico. - De que forma lidamos com a ciência moderna na qual estamos

⁵⁵ Embora aos 33 anos eu também vivencie em meu corpo o agir do tempo, em relação a idades cronológicas de 60 anos ou mais, posso ser considerada uma mulher adulta jovem. Em relação às minhas sobrinhas e sobrinhos talvez eu não seja considerada uma “jovem” mulher.

⁵⁶ SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (orgs.). Prefácio. In: _____. *Epistemologias do Sul*. Edições Almedina: Coimbra, 2009. p 7.

inseridas/os? Que visão de mundo temos fomentado? E como concebemos as pessoas envolvidas nas pesquisas particulares que realizamos?

Em termos de envelhecimento, as sociedades possuem perspectivas plurais de concebê-lo. As/os sujeitas/os de distintas gerações vivenciam e atravessam esses processos de mudança específica nas concepções do envelhecimento e da velhice⁵⁷ inseridos em um movimento mais amplo de transformações da sociedade brasileira relacionado ao neoliberalismo e suas constantes ameaças ao modelo de seguridade social.

A epistemologia dominante, que se pretende universal, se assenta culturalmente no mundo moderno ocidental cristão e politicamente no capitalismo e no colonialismo. Isto significa dizer que essa epistemologia se impôs à força aos povos e culturas não ocidentais e não cristãs, com a desculpa de civilizar esses povos, homogeneizando o mundo. Desta forma, instituiu-se a ciência moderna como o único conhecimento válido. (SANTOS; MENESES, 2009).

Ao reconhecer o mundo como epistemologicamente diverso, Santos e Meneses (2009, p. 12-13) apresentam a seguinte possibilidade:

Designamos a diversidade epistemológica do mundo por epistemologias do Sul. O Sul é aqui concebido metaforicamente como um campo de desafios epistêmicos, que procuram reparar os danos e impactos historicamente causados pelo capitalismo na sua relação colonial com o mundo. Esta concepção do Sul sobrepõe-se em parte com o Sul geográfico, o conjunto de países e regiões do mundo que foram submetidos ao colonialismo europeu e que, com exceção da Austrália e da Nova Zelândia, não atingiram níveis de desenvolvimento econômico semelhantes ao Norte global (Europa e América do Norte).

De acordo com essa perspectiva nos situamos no Sul global porque submetidos historicamente ao colonialismo europeu e periféricos no quesito econômico global. Em termos metafóricos também nos situamos no Sul, pois somos capazes de reconhecer a legitimidade das epistemologias do Sul e lançar mão delas a fim de nos contrapor ao colonialismo e ao capitalismo. Dito isto, penso ser fundamental sinalizar as epistemologias do Sul como alternativa, principalmente em razão de habitaros a América *do Sul*, constatando que o que sofremos hoje, num país periférico do sistema capitalista global, resulta de uma história colonial que se faz muito presente ainda nos dias de hoje.

⁵⁷ O próprio termo “velhice” tem sido constantemente questionado como tenho percebido ao longo da pesquisa, em conversas informais, na emissão da opinião de pessoas idosas que não se reconhecem nem como velhas nem como idosas. Há um desejo, por parte de algumas pessoas, em banir os termos “velho”, “velha”, “velhice”, “(en)velhecimento”.

Em uma proposta de “descolonização do olhar”, Silvia Cusicanqui apresenta a Sociologia da Imagem como uma alternativa que “consistiria em liberar a visualização das ataduras da linguagem, e em reatualizar a memória da experiência como um todo indissolúvel, no qual se fundem os sentidos corporais e mentais.” (CUSICANQUI, 2015, p. 23, tradução nossa). Esta autora menciona uma sensibilidade que permitirá

[...] extrair dos microespaços da vida diária, das histórias acontecidas e que acontecem agora mesmo, aquelas metáforas e alegorias que conectam nosso olhar sobre os fatos com os olhares de outras pessoas e coletividades, para construir essa alegoria coletiva que talvez seja a ação política (CUSICANQUI, 2015, p. 24, tradução nossa).

A esse respeito cabe indagar: – De que forma abordaremos os atores sociais pelos quais nos interessamos? De que forma olhamos para eles e tratamos as informações que nos trazem? Sobre estas questões não podemos nos esquecer de que nossas relações e interações são sempre relacionais a alguém. Portanto, enquanto pesquisadora e mulher adulta jovem, reconheço o lugar de fala⁵⁸ e de privilégios que ocupo⁵⁹ interagindo com pessoas adultas idosas. Esta relação pressupõe uma diferença etária, entre outros marcadores da diferença. – Como estabelecer este contato? O que esta relação intergeracional revela?

A partir da aproximação dos estudos de gênero e dos estudos feministas, corroboro a forma com que Donna Haraway aborda a ciência a partir do feminismo, defendendo os “saberes localizados”, ou a perspectiva parcial, como capazes de promover uma visão objetiva. Esta autora afirma que:

Todas as narrativas culturais ocidentais a respeito da objetividade são alegorias das ideologias das relações sobre o que chamamos de corpo e mente, sobre distância e responsabilidade, embutidas na questão da ciência para o feminismo. A objetividade feminista trata da localização limitada e do conhecimento localizado, não da transcendência e da divisão entre sujeito e

⁵⁸ Ribeiro (2019, p. 64) situa “lugar de fala” como *locus* social, distanciando o conceito de uma esfera puramente individual. Na exposição da autora os indivíduos que ocupam uma mesma localização na hierarquia social “compartilham experiências nessas relações de poder”. Por exemplo: “Numa sociedade como a brasileira, de herança escravocrata, pessoas negras vão experienciar racismo do lugar de quem é objeto dessa opressão, do lugar que restringe oportunidades por conta desse sistema de opressão. Pessoas brancas vão experienciar racismo do lugar de quem se beneficia dessa mesma opressão. Logo, ambos os grupos podem e devem discutir essas questões, mas falarão de lugares distintos.” (RIBEIRO, 2019, p. 85).

A autora ainda ressalta a importância das pessoas que ocupam um lugar social privilegiado reconhecerem que este lugar produz hierarquias impactando as pessoas pertencentes aos grupos subalternizados.

⁵⁹ Mulher branca, adulta jovem, oriunda de família pertencente às camadas médias, vinculada a um programa de pós-graduação em universidade pública.

objeto. Desse modo podemos nos tornar responsáveis pelo que *aprendemos a ver*. (HARAWAY, 2009, p. 21, grifo nosso).

Ao tratar de epistemologia, Haraway cobra um posicionamento de quem pesquisa tanto em termos ético-políticos, quanto em termos geográficos no sentido de delimitar um lugar. Assim, a autora propõe políticas e epistemologias “[...] a respeito da vida das pessoas; a visão desde um corpo, sempre um corpo complexo, contraditório, estruturante e estruturado, versus a visão de cima, de lugar nenhum, do simplismo.” (HARAWAY, 2009, p. 30). Outro aspecto defendido pela autora, que às vezes nem nos damos conta, é que o mundo não está aí, passivo, à espera de ser decodificado pelos humanos. Haraway olha para o mundo como entidade ativa, reconhecendo que não possuímos seu domínio. Como humanos, nós apenas habitamos o mundo.

Como habitantes deste mundo, é de suma importância que nos responsabilizemos pelo que *aprendemos a ver*, de nosso lugar específico no mundo, como atenta Haraway. Não basta iniciarmos uma pesquisa sem esclarecer esses aspectos tão caros às ciências sociais contemporâneas: como olhamos para o mundo, para os atores sociais e como nos relacionamos com esses atores. Esse exercício de observação e auto-observação é contínuo, porque aciona a nossa responsabilidade enquanto cientistas sociais.

Ao tratar do trabalho do antropólogo, Roberto Cardoso de Oliveira (1996, p. 15) situa o Olhar, o Ouvir e o Escrever como “atos cognitivos” de natureza epistêmica, “... uma vez que é com tais atos que logramos construir o nosso saber”. Oliveira constrói, portanto, sua argumentação em torno desses três elementos constitutivos do trabalho do antropólogo, pois como são elementos essenciais da disciplina, muitas vezes a importância em problematizá-los é esquecida. É necessário treinar o Olhar, o Ouvir e o Escrever (OLIVEIRA, 1996).

Olhar e Ouvir na opinião de Oliveira são como saberes da disciplina antropológica, enquanto é no ato de Escrever que o/a autor/a incorporará sua criatividade e criticidade, bem como trará sua contribuição à teoria social. A forma como a pesquisadora levará a cabo sua tarefa, olhando e ouvindo – e é compreensível que o modo de olhar do pesquisador é inundado com o modo de “olhar” o mundo (HARAWAY, 2009) – repercutirá na sua escrita, no que há de mais concreto em termos de resultado da pesquisa realizada. Retornando ao modo como tratamos o ator social em que reside nosso interesse de conhecer, Oliveira nos diz que:

[...] acreditar ser possível a neutralidade idealizada pelos defensores da objetividade absoluta é apenas viver numa doce ilusão... Trocando ideias e

informações entre si, etnólogo e nativo, ambos igualmente guindados a interlocutores, abrem-se a um diálogo em tudo e por tudo superior, metodologicamente falando, à antiga relação pesquisador/informante. O Ouvir ganha em qualidade e altera uma relação, qual estrada de mão única, numa outra, de mão dupla, portanto, uma verdadeira interação. (OLIVEIRA, 1996, p. 21).

Como aponta o antropólogo – se utilizando do exemplo indígena, mas que pode se estender a outras ocasiões – não se trata apenas de como é que o(a) pesquisador(a) trata os atores sociais sobre os quais deseja conhecer, mas exatamente da interação estabelecida com eles. O autor valoriza esta via de mão dupla resultante da observação participante. O observar deixa de ser simplesmente um Olhar, e passa a ser um Ouvir e Falar, ou seja, agora são três sentidos acionados. Essa interação é que não pode ser esquecida, por isso, tentarei não perdê-la de vista ao Escrever.

3.2 Sobre o Olhar, o Ouvir e o Escrever

O ato de escrever é o ato de fazer a alma, alquimia.⁶⁰

Este trecho de Anzaldúa⁶¹ ilustra o “modo de fazer” a presente pesquisa. Primeiramente porque quando escrevemos um texto, por mais que estejamos falando de algo externo à nossa individualidade, também escrevemos sobre nós mesmas/os. Escrevendo, lançamos mão da nossa arte de fazer. Transferimos parte de nossa energia cerebral (lembranças, releitura das anotações do caderno, criatividade) para nossos dedos que buscam os caracteres do teclado ou que pressionam a caneta no papel. Dessa forma, realizamos a nossa alquimia com os ingredientes que julgamos se harmonizar.

Início a seção com as palavras de Anzaldúa por considerar a dissertação o resultado de um complexo processo experimental. Esta autora encorajou as mulheres terceiromundistas a se posicionarem, escrevendo. De forma análoga, o enfoque desta pesquisa busca o posicionamento de mulheres terceiromundistas que agenciam seus processos de

⁶⁰ ANZALDÚA, Gloria. *Hablar en lenguas: una carta a escritoras terceromundistas*. In: MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana. **Esta puente, mi espalda**: voces de mujeres terceromundistas en los Estados Unidos. Ism Press: San Francisco, 1988. p. 223.

⁶¹ Gloria Evangelina Anzaldúa (1942-2004) foi uma professora, escritora lésbica, e ativista *queer*. Por ter raízes mexicanas e viver nos Estados Unidos, se identificava como mulher *chicana*. Sua obra mais conhecida é *Borderlands/La frontera*, aonde ela se intitula uma “mulher de fronteiras”. (PALMEIRAS, 2018).

envelhecimento. - Ou seja, de que forma estas mulheres realizam as suas alquimias?⁶² Com quais ingredientes, processos e segredos?

O tema do envelhecimento me surgiu de uma experiência afetiva em uma temporalidade que antes de ser passado, foi presente. Por isso eu desejei que a pesquisa fosse também uma experiência delicada e que dialogasse com minha curiosidade e interesse de me aproximar de outras mulheres idosas, trazendo seus próprios elementos e impressões acerca dos significados de envelhecer no tempo presente, numa sociedade em constante movimento.

A partir das interações com as “minhas velhas” (avós materna e paterna), de afeto e carinho numa relação avó e neta, da qual eu possuía extrema familiaridade – de nossas longas conversas sentadas no sofá, dos cafés da tarde que compartilhávamos de afetos, cheiros e sabores, das confidências trocadas ou mesmo em meio às breves visitas, recheadas de olhares, abraços e beijos, das fotos que eu lhes roubava – eu passaria agora a interagir, exercitando o Ouvir e o Olhar antropológicos, num ambiente e com mulheres quase desconhecidas⁶³.

O que me confortava diante deste estranhamento eram: o ato de se sentar para conversar sem pressa (mas nem sempre), a mesa com cafezinhos e beliscos (às vezes), o olhar acolhedor (mas nem sempre), o apoio recebido (mas nem sempre). Este conjunto de detalhes e elementos possui uma riqueza simbólica para mim porque remetem ao afeto e à partilha vivenciados nas minhas relações próximas, no que me soa familiar. Embora eu já tenha ouvido que não se deve romantizar “o campo”, estes elementos me foram caros porque me traziam algum conforto em meio às tantas sensações e emoções desafiadoras trazidas por situações de estranhamento.

Ainda que eu não estivesse em uma cidade inóspita e que as pessoas tenham sido abertas ao diálogo, na maioria dos casos, Santos e tudo que a cidade me propiciou em termos de interações, não deixavam de residir no desconhecido e inexplorado, tomando como referência o meu mundo, o que me era familiar e costumeiro e o meu imaginário acerca do envelhecimento.

Penso que um dos grandes desafios da antropologia é o esforço em nos despojarmos das nossas lógicas para exercitar a capacidade de compreender a forma como o outro pensa e quais suas dinâmicas em seu relacionamento com o mundo, o *seu* mundo, sem perder de vista

⁶² Ao tratar do envelhecimento como um processo heterogêneo, esta pesquisa recusa uma receita pronta para vivenciá-lo. Por isso o uso do termo *alquimia* para me referir aos processos do envelhecimento que as mulheres criam e se apropriam – agenciam – na sua vida cotidiana.

⁶³ Ainda que tenha havido um contato com uma tia e prima do meu pai que residem em Santos, posso dizer que a familiaridade entre nós foi ocorrendo aos poucos. Hoje, após a experiência da pesquisa, elas são minhas tia e prima próximas. Além da relação de apoio e amizade que se estabeleceu.

nosso olhar crítico a respeito das relações sociais, das relações de poder e das representações acerca da realidade. As tarefas de observar e escutar são árduas, e quando deixamos de executá-las com atenção e cautela tendemos a inserir o nosso modo de ver e não o do outro. Nesses casos o Olhar e o Ouvir não foram realizados com eficácia. Claudia Fonseca (2017, p. 259) enfatiza que no diálogo com o outro devemos priorizar a escuta, e “não só a escuta, mas também a conversa -, mesmo com aquelas pessoas cujas ideias entram em colisão com as nossas.”. E se considerarmos que dialogaremos com pessoas sobre as quais nada sabemos de antemão, inevitavelmente em algum momento nossas ideias irão colidir. Este é um dos desafios do trabalho de campo.

É nas interações e nos diálogos que nossas análises são constituídas. Fonseca nos ensina que:

A coisa mágica da pesquisa de campo é que, com o olhar de etnógrafo, atento à complexidade de detalhes e lógicas alheias, a gente consegue evitar moralismos simplistas. *As oposições radicais parecem se desmanchar no ar.* Num debate acadêmico e nas conferências que dou, posso polemizar – tentando oferecer uma clara alternativa à lógica de algum colega ou autor. Mas, quando entro na pesquisa de campo, antes de criticar ou me opor, estou realmente querendo escutar a razão da outra pessoa. (FONSECA, 2017, p. 260, grifo nosso).

Portanto, há que se ter uma “ética cuidadosa”⁶⁴ nas três esferas com as quais estamos lidando: o Olhar, o Ouvir e o Escrever. Porque se for para imprimir apenas a nossa própria lógica daquilo que foi vivenciado, de que adianta ter feito todo um esforço em dirigir-se às pessoas que constituem seu campo? Parece óbvio nos deslocarmos de nossos próprios espaços ao encontro do outro. Mas não é óbvio que exercitaremos uma escuta cautelosa e uma observação cuidadosa, que nos entregaremos ao diálogo e que compreenderemos esses outros modos de ver, sentir e se comportar que tanto gostaríamos de observar de perto. Em alguns casos só lidamos e percebemos a complexidade das lógicas alheias quando já retornamos e quando escrevemos sobre as interações experienciadas.

De acordo com Roberto Cardoso de Oliveira (1996) é no ato de Escrever que aparece a criatividade e a criticidade do pesquisador ou da pesquisadora. É escrevendo que fará a alquimia, a partir dos ingredientes que possui à mão; dos conhecimentos adquiridos de intensas leituras; dos aprendizados que adquiriu com pessoas mais experientes; das observações que realizou. Não há receita pronta para realizar a alquimia, ela leva doses de

⁶⁴ Claudia Fonseca (2017) lança mão do pensamento da filósofa feminista Maria Puig de la Bellacasa (2011).

intuição. Porém, há possibilidades de pontos de partida, há modelos testados, há os livros de receitas...

Para transpor em palavras o vivido é importante refletir: – De que maneira Escrever? Julguei mais adequado escrever em forma de ensaio⁶⁵ (escrito e visual) para facilitar a compreensão de quem lê, para dar fluidez à escrita e para propiciar uma escrita mais poética, em algumas partes do texto.

Maranhão Filho (2018) defende o ensaio como a forma adequada para se fazer uma história do tempo presente, história essa que não se desvincula da subjetividade, pois tanto a própria pesquisadora quanto as pessoas envolvidas na pesquisa estão inseridas em um mesmo tempo, o tempo hodierno. A pesquisa e a escrita se fazem no tempo presente e, conseqüentemente, os diálogos, as observações e as trocas que constituem a experiência.

Lançando mão do Ouvir, do Olhar e do Escrever do antropólogo (OLIVEIRA, 1996), ao Escrever, me apoio na história do tempo presente, ou o tempo onde as narrativas são constituídas. “Por ser o modo experimental que daria forma ao pensamento, à escrita e à vida, o ensaio se caracterizaria pela sua constante problematização, sendo para Larrosa ‘uma escrita no presente’ e tendo como finalidade dar forma a uma experiência deste presente.” (MARANHÃO FILHO, 2018, p. 139-140).

O ensaio não se dá exclusivamente de forma escrita nesta pesquisa. Ele também se apresenta como visualidade no último capítulo, com o ensaio “Dar a Ver”, em que realizo as montagens de imagens que remetem ao campo da pesquisa e à heterogeneidade das formas de envelhecer. Por isso o Olhar, vinculado à observação no campo, também propicia uma experiência imagética posterior que revisita as possibilidades de envelhecer e cria um movimento acerca dessas formas, jamais permanentes no tempo e espaço sociais. Essa dinâmica que pressupõe um movimento contínuo acompanha as interlocutoras da pesquisa, pois estão sempre se negando a parar: seja porque as mãos endurecem pelo reumatismo, seja porque na piscina as dores dos joelhos e das pernas são aliviadas ou porque a própria cidade chama a movimentar-se. O movimento constante diz respeito ao corpo e à mente: a participação nas atividades e grupos, o movimento de gente nas ruas, a recomendação médica

⁶⁵ Utilizo o termo “ensaio” assim como Maranhão Filho, numa nota de rodapé explicita: “Entendo ensaio aqui como o texto literário (inclusive o acadêmico) onde são expostas ideias e reflexões sobre algum tema. É muitas vezes a defesa de um ponto de vista subjetivo e autoral.”. MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Para uma história do tempo presente: o ensaio de nós mesmos. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*. Florianópolis: n. 17, p.137-151, 7 jun. 2018: 139.

para a pré-diabética, o não render-se à velhice e à inatividade, a disposição para exercer o cuidado com o outro etc.

Conforme o que foi conversado e percebido, estar em movimento é sinônimo de estar viva/o.

3.3 Sobre a oralidade e questões éticas

A oralidade, mais do que uma ferramenta, é um elemento constitutivo desta pesquisa. Como esta dissertação resulta de um experimento etnográfico, a oralidade é a via de mão dupla entre o falar e o escutar. Ela possibilita os diálogos e serpenteia o processo constitutivo das interações e interlocuções entre mim e as mulheres dos diferentes grupos. É fato que os outros sentidos são acionados continuamente: no observar, no intuir e sentir o agrado ou desagrado das pessoas, no cheiro e paladar das pequenas refeições, no toque, afeto e cuidado recíprocos.

Sobre a história oral e história de vida, Debert (1986) aponta alguns problemas. Um deles é a decepção que essa metodologia pode acarretar. Essa frustração se associa a um ponto levantado anteriormente acerca do cuidado entre a lógica com a qual trabalhamos e a lógica própria das pessoas com as quais dialogamos, quando essas duas concepções são conflituosas entre si. Debert exemplifica com a pesquisa realizada a partir das mulheres e homens com quem ela trabalhou. Enquanto a teoria feminista sustentava que o trabalho doméstico exprimia a opressão da mulher, as interlocutoras em sua pesquisa argumentavam que ele era a garantia da independência em comparação ao envelhecimento dos homens. Na visão daquelas mulheres, os homens envelheciam mais rápido por serem muito dependentes, enquanto elas seriam mais autônomas por conta de continuarem executando as tarefas domésticas (DEBERT, 1986).

Por isso, devemos assimilar a lição que a oralidade traz às nossas pesquisas e considerar a agência dos sujeitos e sujeitas com os/as quais dialogamos. A oralidade é o elemento que permite que nos acheguemos à compreensão dos grupos e das pessoas com os/as quais estudamos, ainda que possa haver outras formas de estabelecer contatos. Aqui retornamos à escuta, aos diálogos e à observação mencionados na seção precedente, ou seja, a tônica das etnografias. Sobre as metodologias que fazem uso dos relatos orais, Debert (1986, p. 156) conclui que elas “fazem convites irrecusáveis para rever interpretações, desenvolver

novas hipóteses e encaminhar novas pesquisas de forma a refinar os grandes conceitos explicativos e seus pressupostos”.

A revisão de interpretações que trata Debert me faz revisitar as vivências e observações ocorridas em Santos e desvela alguns aspectos do discurso da velhice ativa. Ao mesmo tempo em que ele pode ser lido como um conjunto de imposições para manter-se ativo, ele possui um lado que promove o bem-estar e disposição por parte de quem tem condições de aplicar estas “recomendações”. Era muito comum ouvir das/os interlocutoras/es um ar de desprezo em relação a quem fica o dia todo na TV, ou o dia todo jogando dominó, ou que se distrai com o celular por muito tempo. Conheci Jair, um motorista de *uber* de 69 anos. Para ele, “o velho improdutivo é aquele que fica jogando baralho e dominó o dia todo, que fica o dia todo na frente da TV. O velho rabugento é aquele que não quer saber de mais nada”. Por outro lado, ele associou o idoso à produtividade. Por exemplo, ele, que mesmo aposentado continua a trabalhar, e “até que tem uma vida dinâmica”⁶⁶, em suas próprias palavras.

Nesse sentido, portanto, não concordo com Jair de que o velho que joga é improdutivo e que as pessoas têm de continuar trabalhando após aposentar-se, mas compreendo que o fato dele continuar trabalhando lhe traz uma sensação de continuar participativo na sociedade, de sentir-se vivo e produtivo, e de fazer as escolhas que lhe trazem sentido, ainda que a escolha e possibilidade de continuar a trabalhar estejam muito atreladas à ideia da aposentadoria como a fase da perda dos papéis sociais, em que a pessoa já não quer mais saber de nada, como se só o trabalho desse sentido à vida.

Trago essa conversa com Jair como forma de ilustrar a importância da oralidade na confecção desta investigação. Sem as conversas e os relatos das pessoas não há como acessar o que elas pensam sobre o envelhecimento e sobre seus próprios processos de envelhecer. Assim, transcrevo o seguinte trecho de Portelli (1997, p. 16-17)

[...] a História Oral tende a representar a realidade [...] como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém formam um todo coerente depois de reunidos – a menos que as diferenças sejam tão irreconciliáveis que talvez cheguem a rasgar todo o tecido.

⁶⁶ Jair contou que para se distrair ele frequenta videokês de duas a três vezes por semana, para cantar. Aprendeu a cantar com a falecida esposa e diz ser essa a sua terapia. Disse encarar a velhice como um processo natural, mas que não pode encará-la como se tivesse 18 anos.

Aqui, o autor enfatiza a esfera pessoal da história oral, ou seja, cada mosaico da colcha de retalhos representaria um indivíduo dotado de suas lembranças. A colcha representa a memória social e se concretiza a partir da verbalização desses indivíduos durante o ato de lembrar. Utilizando a noção expressa por Portelli, destaco que cada retalho da colcha é fundamental para constituir este todo. São as narrativas de cada uma das mulheres e homens participantes que compõem este tecido.

No que diz respeito à memória, Venson e Pedro (2012, p. 128) afirmam que “a memória é uma invenção”. Em seguida, as autoras explicam:

Não significa que estamos supondo que a pessoa que aceita arriscar respostas às nossas indagações de pesquisa esteja mentindo ou que esteja sendo levada pelo engano, mas que a rememoração é sempre um processo de subjetivação, de positivação, de refazer, de criação.

Portanto, o intento dos diálogos não diz respeito ao desvelamento de um real, ou à condução das histórias contadas a juízo, mas em concebê-las como o próprio acontecimento ou a matéria a ser analisada. Aproximando a oralidade da antropologia e da história, Venson e Pedro (2012, p. 137) constata a respeito da antropologia que “[...] dificilmente poderíamos sustentar, hoje, que a pesquisadora bem treinada e promissora é aquela que não compartilha significados culturais com os grupos de estudo mantendo um distanciamento total do objeto de pesquisa”. De forma semelhante, em relação à história:

O relativo sucesso daquilo que se convencionou chamar história do tempo presente, em jogo com as metodologias da história oral, se apresenta exemplarmente como um anúncio de que nós abandonamos a ideia que para se fazer história é preciso olhar *de longe* (a fim de garantir a tão desejada objetividade). (VENSON; PEDRO, 2012, p. 137, grifo das autoras).

Vivemos em meio a novos paradigmas e isto só é um cenário possível pelo fato de questionarmos as epistemologias vigentes. Só é possível vivermos essas mudanças em contato com o outro se nos propusermos a dialogar com pessoas que vivem em contextos diferentes dos nossos, bem como com nossas/os colegas que trabalham com autoras/es e perspectivas diferentes das que utilizamos. Essas trocas são fundamentais e proveitosas porque permitem que nos reinventemos, que ousemos outras possibilidades e que sejamos capazes de ressignificar nossas concepções.

A pesquisa revela que é um privilégio conversar com pessoas que trazem em si outras temporalidades, alheias ao que vivencio ou vivenciei. Essas pessoas me transportam para um

outro tempo, um outro mundo, ao desconhecido. E esse sentimento se associa às lembranças dessas pessoas. Como revela esta passagem de Ecléa Bosi:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos, pode chegar-nos pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem-criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual. (BOSI, 1979, p. 40-41).

O que Bosi quer dizer com “desalienadora” é que ter contato com o passado através da imagem-lembrança narrada pela pessoa idosa é, de fato, uma *experiência*. A experiência trata de algo que se dá na coletividade, afastando-se de uma dimensão puramente psicológica e individual das pessoas envolvidas: tanto de quem narra quanto de quem escuta. Há o tempo presente, em que a lembrança é evocada, e há o tempo passado, quando a atividade mnemônica cumpre seu papel. Esses tempos justapostos dizem respeito a uma dimensão social, que se relaciona ao grupo envolvido no tempo em que a memória foi criada, como também se relaciona com o grupo envolvido na narrativa da lembrança no tempo presente.

Durante a pesquisa de campo convivi por mais tempo com algumas mulheres idosas. Com elas, pude perceber essas diferentes temporalidades e este transporte a outros tempos mesclados com o tempo presente. Em cada grupo realizei algumas entrevistas, mas as longas conversas sempre eram mais interessantes, ou sempre que as mulheres zigzagueavam por suas memórias, verbalizando-as, ressignificando-as. Segundo Possas (2020), no caso das mulheres, a contribuição da oralidade retoma o tempo social, as experiências vividas no presente por cada uma delas, reconhecendo que os relatos são como moradas provisórias diante das inúmeras versões e revisões dos relatos.

Gostaria agora de tratar de algumas questões éticas em relação às interlocutoras/es da pesquisa. Rifiotis (2007) levanta um aspecto importante a ser levado em conta: “[...] tratar a população idosa como vítima, carente, etc. faz dela mais um objeto de assistência do que um sujeito social” (p. 138). O autor argumenta que ainda que o intuito seja ajudar, quando tratamos esse segmento da população dessa forma, estaremos contribuindo em reproduzir uma “visibilidade deteriorada” às pessoas idosas. Minha intenção vai ao encontro do que afirma Rifiotis (2007), ou seja, não me coloco como porta-voz das/os interlocutoras/es da pesquisa, para falar no lugar delas/es. Embora se saiba que há muitos idosos e idosas em situações

adversas de pobreza e violência, reconheço que estas pessoas são, antes de tudo adultas, donas de sua própria história, aptas a fazerem escolhas de como gerir suas vidas em qualquer fase delas.

Por isso, me refiro às/aos interlocutoras/es da pesquisa como atores sociais. Sobre o conceito de *agência* Ortner (2007a) concebe a *subjetividade* como sua base. Por subjetividade a autora se refere “ao conjunto de modos de percepção, afeto, pensamento, desejo, medo e assim por diante, que animam os sujeitos atuantes” sem deixar de lado as “formações culturais e sociais que modelam, organizam e provocam aqueles modos de afeto, pensamento, etc.” (ORTNER, 2007a: 376). A partir dessa concepção é que olharemos para os/as sujeitos/as idosos/as que constituem esta investigação. Embora existam estas “formações culturais e sociais” que influenciam a vida dos sujeitos, há a dimensão interna dos sujeitos que atuam e fazem suas escolhas também movidos por seus sentimentos, afetos, desejos etc. Estas duas dimensões, portanto, se articulam sem cessar no cotidiano das/os atrizes/atores sociais.

Acerca das/os atrizes/atores sociais cabe ainda mencionar a questão da identidade. Apesar de utilizar em muitos pontos deste texto as palavras “idosas(os)”, “velhas(os)”, “mais velhas(os)” para se referir às/aos interlocutoras/es, é fundamental mencionar que em termos de identidade não estou utilizando o termo correto, pois a maioria delas/es não se sente ou não se reconhece como velha/o ou como idosa/o, mas como o tema aqui tratado remete aos processos de envelhecimento, tornou-se difícil escapar a esses termos. Lins de Barros (2007, p. 121-121) acerca de seu estudo com mulheres na velhice, revela: “Ao longo de toda a pesquisa, não consegui me referir às mulheres com quem trabalhei como velhas. Não falo em velhas, mas em mulheres. A escolha do termo não foi fruto do acaso: preferi deixar que elas mesmas se definissem.”.

Para finalizar, reitero o que foi dito por Possas (2020) me apresentando como participante da narrativa de outrem, que me foi confiada no ato de falar, gravar e depois escrever, o que me responsabiliza pelas memórias gentilmente doadas.

4. ENVELHECIMENTO EM MOVIMENTO

A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à escritura. Digamos, com Foucault, que escrevemos para transformar o que sabemos e não para transmitir o já sabido. Se alguma coisa nos anima a escrever é a possibilidade de que esse ato de escritura, essa experiência em palavras, nos permite liberar-nos de certas verdades, de modo a deixarmos de ser o que somos para ser outra coisa, diferente do que vimos sendo.⁶⁷

Diante de toda a mudança que a graduação em Ciências Sociais me ofereceu, no sentido de transformar meu mundo e meu modo de pensar, não me restava dúvida de que eu continuaria trilhando meu caminho nesta área, mas sentia que faltava uma peça-chave para dar continuidade a uma pesquisa futura. Quando entrei para o mestrado fui me aproximando da antropologia, tanto por meio das disciplinas, quanto das leituras e de um possível modo de realizar o trabalho que propunha iniciar.

Das leituras que me aproximaram da antropologia, houve um texto digno de nota, “Alteridade e experiência: antropologia e teoria etnográfica”, de Goldman (2006). As palavras de Goldman passaram a me acompanhar, trazendo a clareza de que a antropologia era um caminho viável e desejável, principalmente pelas noções de “alteridade” e “experiência” trazidas pelo autor. Goldman traz à tona a questão “embaraçosa” de como definir a antropologia, revelando: “Devo admitir que eu me conto entre os que experimentam alguma dúvida sobre a possibilidade de uma caracterização consensual do que seja nossa disciplina [...]” (GOLDMAN, 2006, p. 162).

A meu ver, uma das possibilidades que uma pesquisa acadêmica pode oferecer é a de transformar a nós mesmos, onde temos a oportunidade de despojar-nos de nossas certezas e verdades, para entrar em contato com algo, até então, desconhecido, ou com o qual tínhamos pouca familiaridade, para nos aproximar de pessoas que possuem condições e visões de mundo diferentes das nossas. No caso específico desta pesquisa, a experiência me colocou em contato com pessoas de diferentes faixas etárias. A intergeracionalidade tem sido tema de vários estudos na área da educação, em que se investiga como se dá o aprendizado entre pessoas de mais idade e o que propicia um convívio intergeracional. Pelos avanços dessas pesquisas, conclui-se que esse convívio possibilita um ganho tanto para as pessoas com maior

⁶⁷ LARROSA, Jorge; KOHAN, Walter, coordenadores da Coleção *Educação: Experiência e Sentido*, para apresentação da Coleção, no livro *Tremores: Escritas sobre Experiência*, Larrosa, 2014.

idade cronológica quanto aos mais novos. Começando por mim, que tive transformadas as concepções que possuía dos processos de envelhecimento.

Embora eu não possuísse certezas sobre a definição da antropologia, eu tinha algumas pistas do que ela era capaz de oferecer. Goldman considera ainda que:

[...] a característica fundamental da antropologia seria o estudo das experiências humanas a partir de uma experiência pessoal. E é por isso, penso, que a *alteridade* seja a noção ou a questão central da disciplina, o princípio que orienta e inflete, mas também limita a nossa prática. Parte de nossa tarefa consiste em descobrir por que aquilo que as pessoas que estudamos fazem e dizem parece-lhes, eu não diria evidente, mas coerente, conveniente, razoável. Mas a outra parte consiste em estar sempre se interrogando sobre até onde somos capazes de seguir o que elas dizem e fazem [...]. E, [...] até onde somos capazes de promover nossa própria transformação a partir dessas experiências. (GOLDMAN, 2006, p. 167, grifo do autor).

A importância da experiência, na disciplina, seria este contato com o outro e suas experiências, além de ser também o contato do(a) antropólogo(a) consigo mesmo(a) e com suas transformações através da experiência com o outro. A experiência seria, portanto, a mola que propulsiona uma transformação. E é a partir dessa experiência que destaco seus desdobramentos nesta pesquisa, por meio de uma experiência antropológica e de uma escrita como modo de conhecer um pouco mais, não só a respeito do tema proposto, mas da própria experiência do contato com as/os atrizes/atores que encontrei em Santos e suas experiências sobre o envelhecer. Ressalto que o contato com este “outro” transformou e transforma minha visão de mundo, minha forma de encarar a vida e o modo como eu olho esta experiência.

4.1 Desafios do campo

Experenciar e enfrentar o campo da pesquisa foram os maiores desafios já vivenciados. Primeiro, porque jamais havia feito algo parecido, o que gerava uma série de dúvidas e inseguranças, de forma que me suscitava perguntas do tipo: - “E agora, por onde começo?”, “como fazer isso?”, “observo ou abordo aquela pessoa?”. Segundo, porque me obrigava constantemente a sair de uma zona de conforto, da familiaridade; forçava-me a sair do habitual, do fácil e do previsível.

No início, encontrei dificuldade de me aproximar das pessoas, mas a cada vez que eu ousava fazê-lo me sentia mais animada com a contrapartida, de modo que foi um período marcado por idas e vindas, tanto em termos de me deslocar de uma cidade (Santos) à outra

(Marília), quanto em termos subjetivos, ora mais introspectiva e preocupada, ora numa postura mais de enfrentamento de problemas e em contato com o outro (geralmente “outras” no feminino, por me referir com mais frequências às mulheres e ao envelhecimento feminino). Arrisco dizer que meu “caderno de campo” está repleto de desabafos e inseguranças, tamanha a vontade de voltar atrás, mas sabendo que era tarde demais para desistir da tarefa a qual me havia proposto.

Essas inseguranças aparecem porque a experiência etnográfica se revela desafiadora. Como afirma Sardenberg (2014, p. 155) “o tipo de informação que se procura pelo método etnográfico na antropologia, muito raramente já está ‘prontinha ali esperando por nós’ ou obtida apenas pela simples observação”. A autora continua dizendo que estas informações resultam do encontro com os atores sociais que perpassam nossa pesquisa, “de sorte que a natureza e profundidade desses encontros afetam o tipo de conhecimento que poderemos construir.” (SARDENBERG, 2014, p 155).

Ao fazer uma revisita aos seus campos de pesquisa, Cecilia Sardenberg levanta a questão de sua “posicionalidade” enquanto pesquisadora diante das/os interlocutoras/es:

[...] de encontros casuais e trocas superficiais aqui e ali, as confidências que só acontecem quando a antropóloga consegue ir se despidendo das camadas externas que escondem a pessoa com quem nossas interlocutoras e interlocutores podem, por fim, se relacionar em termos iguais -. Esse processo implica numa troca em que a antropóloga [...] revela tanto de si quanto nossos interlocutores são chamados a revelar. E, nesse processo, é claro, gênero, junto aos outros elementos constitutivos das relações sociais que se intersectam e forjam nossa posicionalidade na vida além do campo, está sempre presente. (SARDENBERG, 2014, p. 155).

Por isso não devemos criar ilusões de que os encontros na pesquisa ocorrerão sempre de forma tranquila. Nem sempre haverá acolhimento. Em alguns casos podemos ser vistas com desconfiança quando nossa posicionalidade contrasta com a posicionalidade ocupada pelos/as interlocutores/as. No Centro Esportivo Manoel Nascimento Jr., o último grupo do qual me aproximei, percebi uma maior curiosidade das mulheres. Elas me perguntavam o que eu estava fazendo ali, porque é que eu só observava e não fazia as aulas, se eu era professora. No segundo dia que apareci no M. Nascimento (como comumente é chamado) uma das alunas me questionou: “O que você veio fazer que não faz aula?”, quando expliquei que se tratava de uma pesquisa, ela concluiu, rindo e brincando: “você é uma espiã!”. Penso que ali a desconfiança era maior que nos outros grupos por uma série de questões. Por ser um grupo que realizava suas atividades numa região periférica da cidade, era menos comum que as

peessoas visitassem o local para realizar reportagens (o que difere do SESC e do grupo que realizava suas atividades no Parque Roberto Mário Santini, considerado um local turístico da cidade, no calçadão da praia). O bairro em que se localiza o M. Nascimento, segundo uma das interlocutoras do grupo, possui uma população majoritariamente oriunda da região Nordeste do país, o que me diferenciava das muitas alunas negras e pardas, tanto pelo meu sotaque do interior paulista, quanto pela cor da minha pele e dos olhos. Outro aspecto que contribuiu para essa curiosidade e desconfiança delas em relação a mim era o fato delas terem muito apreço pela professora e pensarem que eu estaria ali para substituí-la.⁶⁸

Essa desconfiança, portanto, se relaciona com alguns marcadores sociais da diferença que detalho mais adiante e algumas outras especificidades de cada grupo. Aos poucos eu percebia que era preciso não romantizar o trabalho de campo e compreender nossa posicionalidade em relação às pessoas com as quais dialogamos. Como resultado, o que viria na escrita era um encadeamento teórico relacionado às experiências vividas decorrentes desses encontros e não uma simples opinião minha sobre o observado/vivido.

4.2 Velhice feminina & Interseccionalidade

Tratamos de velhice até aqui, mencionamos sua heterogeneidade, mas cabe aqui mencionar de quais velhices estamos falando, ou quem são as mulheres interlocutoras da pesquisa entre os grupos pesquisados na cidade de Santos. Como venho mencionando sobre os marcadores sociais da diferença, é fundamental tratar do conceito de interseccionalidade e das desigualdades raciais de que sofrem as mulheres negras. Acerca da questão de classe social é possível através dos relatos, diálogos e espaços que frequentei, encontrei um maior número de mulheres negras no grupo do Centro Esportivo Manoel Nascimento Jr., na Zona Noroeste, único bairro periférico entre os grupos trabalhados. As mulheres negras, entre as interlocutoras da pesquisa, se situam entre camadas médias ou populares⁶⁹. Todas as mulheres com as quais interagi me disseram receber aposentadoria ou pensão. No entanto, há mulheres que continuam a trabalhar, pois como Carla (do grupo do Parque Mário Santini, no

⁶⁸ A professora me relatou, em uma das aulas, que elas desconfiavam que eu tomasse o lugar dela. A professora anterior faltava muito, e elas ficavam sem aula por conta disso. Já a atual me contou que nunca tinha faltado.

⁶⁹ Um dos três grupos estudados é constituído em sua maioria por mulheres de camadas populares, e dois deles são constituídos majoritariamente por mulheres de camadas médias. Os homens são minoria. No entanto, entre os grupos, o que possuía mais homens era o grupo de ginástica e alongamento do Parque Mário Santini.

Emissário)⁷⁰ enfatizou: “Os boletos aumentam numa medida que o salário num alcança. Jamais alcança!”.

Mas o que é interseccionalidade, afinal? De acordo com Akotirene (2019, p. 18) “Tal conceito é uma sensibilidade analítica, pensada por feministas negras cujas experiências e reivindicações intelectuais eram inobservadas tanto pelo feminismo branco quanto pelo movimento antirracista, a rigor, focado nos homens negros.”. O conceito foi cunhado por Kimberlé Crenshaw⁷¹ (2004). A autora explica a interseccionalidade como a abordagem que trata das diferenças dentro da diferença. Para ficar mais claro, a autora apresenta a interseccionalidade pelo viés dos direitos humanos:

[...] precisamos compreender que homens e mulheres podem experimentar situações de racismo de maneiras especificamente relacionadas ao seu gênero. As mulheres devem ser protegidas quando são vítimas de discriminação racial, da mesma maneira que os homens, e devem ser protegidas quando sofrem discriminação de gênero/racial de maneiras diferentes.

Da mesma maneira, quando mulheres negras sofrem discriminações de gênero, iguais às sofridas pelas mulheres dominantes, devem ser protegidas, assim quando experimentam discriminações raciais que as brancas frequentemente não experimentam. Esse é o desafio da interseccionalidade. (CRENSHAW, 2004, p. 9).

A autora destaca, ainda, que há outras categorias de discriminação como, por exemplo, pertencer ao sul global, possuir alguma deficiência, e ter uma idade específica. Se pensarmos, por exemplo, numa mulher negra, deficiente e idosa estaríamos tratando de uma pessoa que pertence a quatro grupos distintos, todos eles discriminados: de gênero, por ser mulher; de raça, por ser negra; por possuir deficiência; e de idade, por ser idosa. Dessa forma, existe uma sobreposição de discriminações. Há também discriminação de classe, quando se é pertencente a uma classe popular.

Audre Lorde (2019, p. 241) define como “norma mítica” na América “branco, magro, macho, jovem, heterossexual, cristão e financeiramente estável”. Por outro lado, quem sofre opressões sistematizadas, ocupando o lugar de “inferior desumanizado” são as pessoas negras, terceiromundistas, trabalhadoras, mulheres e idosas. Aí poderíamos acrescentar: gordas/os,

⁷⁰ Às mulheres pertencentes ao grupo do Parque Mário Santini, no Emissário Submarino, me referirei ao “Emissário”.

⁷¹ Professora de Direito da Universidade da Califórnia e da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. É pesquisadora e ativista afro-estadunidense nas áreas dos direitos civis, da teoria legal afro-americana e do feminismo. Seu trabalho influenciou fortemente a elaboração da cláusula de igualdade da Constituição da África do Sul.

pobres, homossexuais, transgênero, e todas as pessoas que se desviam da norma. Lorde aponta que “as mulheres brancas se concentram em sua opressão como mulheres e ignoram diferenças de raça, preferência sexual, classe e idade.” (LORDE, 2019, p. 241). Neste ponto evidencia-se a importância da noção de interseccionalidade de Crenshaw.

Na opinião de Lorde o que nos separa em termos de raça, idade e gênero não são as diferenças em si, mas a recusa em reconhecê-las e em analisá-las nas distorções que produzem. Acerca da discriminação que envolve idade, a autora aponta que:

O ‘fosso entre gerações’ é uma importante ferramenta social para qualquer sociedade repressora. Se os membros mais jovens de uma comunidade consideram os membros mais velhos como imprestáveis ou suspeitos ou excedentes, eles jamais serão capazes de dar as mãos e examinar as lembranças vivas da comunidade [...]. Vemo-nos obrigadas a repetir e a reaprender sem parar as mesmas velhas lições que nossas mães aprenderam porque não passamos adiante o que aprendemos ou porque somos incapazes de ouvir com atenção. (LORDE, 2019, p. 242).

Neste trecho, Lorde também trata da questão da intergeracionalidade. Considerando a questão geracional, o que pesa no envelhecimento feminino? Ou seja, o que o diferencia em termos de gênero⁷², do envelhecimento experienciado pelos homens? Um ponto crucial a respeito do envelhecimento pelo recorte de gênero diz respeito à feminização da velhice, ou seja, existe uma prevalência de mulheres nas faixas etárias mais longevas (OLIVEIRA, 2019). Embora as mulheres sofram mais com o avanço do envelhecimento, no Brasil – por conta do modelo social de feminilidade que predomina em nosso país estar muito atrelado à beleza da juventude e à idade reprodutiva – ora me parecia que o fardo era mais pesado por conta das dores, da solidão e de outras limitações, ora sentia que a idade lhes trazia uma liberdade, da qual não gozaram na juventude, de uma perspectiva geracional.

Era como se, em alguns casos, com algumas mulheres, houvesse o que Oliveira (2019) argumenta em relação às mulheres feministas maduras: “[...] uma certa emancipação dos imperativos juvenis” (s.n.) para repensar seu campo de possibilidades. Entre as mulheres de Santos aparece: a retomada de um antigo amor, a mudança de cidade, o compartilhamento do cotidiano com um companheiro mais jovem, a namorada, um trabalho voluntário, o namoro escondido, levar um brinquedo erótico para divertir as amigas ou amigos etc. Motta (2017)

⁷² “Nos anos 1980, a categoria gênero foi elaborada, dentro do que chamamos ‘feminismos de terceira onda’, como uma ferramenta para analisar a construção social e cultural daquilo que se entende por feminino e masculino, mostrando formas pelas quais as sujeitas [e os sujeitos] se constituem e são constituídas [/os] nas tramas das relações de poder.” (VENSON; PEDRO, 2012, p. 134).

relata o jogo de sedução nos bailes, a partir de mulheres velhas que participavam de um grupo de lazer de Porto Alegre:

O baile potencializa a faceirice. A impressão que me dá, nessas situações, é de que elas ‘crescem’. [...] O relaxamento doméstico, e próprio a situações menos ritualizadas, desaparece. [...] elas não apenas ‘crescem’ como ‘rejuvenescem’. [...] Os olhos voltam-se insistentemente para a porta como à espera de alguém que não chega. O pescoço ‘esticado’, a cabeça volta-se para todos os lados e para trás. (MOTTA, 2017, p. 51-2).

Motta também apresenta outro aspecto interessante: a esfera do saber feminino. A autora trabalhou com mulheres das camadas populares e destaca: “Maternidade, gestações e aborto são temas frequentes em suas conversas. Estes são, em geral, assuntos ‘sérios’ que, no entanto, não vêm investidos da mesma aura (de segredo, pudor ou glorificação) que costuma acompanhar esses assuntos na classe média.” (p. 56). Motta relata: “Elas dizem e repetem: ‘a gente sente, a gente sabe’. Ana diz que não é ‘professora’, mas de certa forma, é sim: é uma especialista em assuntos não ensinados na escola, compartilhados por outras Anas, Brancas e Elisás – é especialista de um saber de mulher.” (MOTTA, 2017, p. 60).

No quesito gênero e envelhecimento, Debert (2013) ressalta que as pesquisas com enfoques nos fatores psicológicos da velhice apontam uma tendência ao embaralhamento dos papéis considerados tipicamente masculinos ou femininos nesta fase da vida. Ao tratar de sexualidade, Debert argumenta que: “[...] é próprio desses estudos estabelecer uma correlação entre o sensual e o masculino e entre o afetivo e o feminino. Essa correlação tende a ser revista quando se pensa em sexualidade e velhice” (DEBERT, 2013, p. 21). Penso ser fundamental recobrar a cautela que Debert sinaliza em homogeneizar a velhice e o envelhecimento. A autora atenta:

Pensar a velhice como uma condição em que a mulher é vítima de uma dupla discriminação, ou como uma ocasião em que ela se encontra em uma situação privilegiada em relação aos homens, ou ainda, como um período em que as diferenças de gênero perdem significados ou os papéis sociais são invertidos, é pressupor que haveria um substrato comum à velhice que estaria presente em todas as sociedades e em todos os períodos históricos. Contra esse pressuposto, a contribuição mais importante da pesquisa histórica e da antropologia é a de mostrar que o avanço da idade pode ser vivido e compreendido de maneiras muito distintas. (DEBERT, 2013, p. 22).

A partir deste trecho é essencial não perder de vista a heterogeneidade que permeia o envelhecimento, assim como outras fases da vida também são muito diversas para grupos e indivíduos distintos. No grupo restrito do SESC Santos a que tive acesso, destaco que a coesão entre as mulheres estava muito relacionada à descontração, além do fato de estarem ali

para praticar uma atividade física. Este foi o grupo em que tive uma aproximação com as mulheres mais velhas: de 5 entrevistas realizadas, as idades cronológicas das mulheres eram de: 66, 70, 82, e duas de 84 anos. Elas iam para o SESC religiosamente, umas mais que outras, para se liberarem de suas vidas domésticas: ou pela solidão em morar só, para distrair a cabeça e aproveitar o tempo que se tem com autonomia, para movimentar o corpo na piscina, para tomar o cafezinho e bater papo, para falar de sacanagem.

Algumas delas, quando estava ventando ou mais friozinho, nem entravam na piscina para a aula. Conversavam antes da aula e permaneciam na mesa da lanchonete aguardando as outras saírem para pedirem o café ao fim da aula, juntas. Mesmo num grupo pequeno de mulheres, como este⁷³ há bem delineada a presença de uma heterogeneidade: há casadas e viúvas; as brincalhonas e as mais sérias; quem vive só, quem vive com a filha (ou filhos) ou o marido; quem é nascida em Santos e quem não. Todas elas pertenciam às camadas médias e não se queixavam tanto da aposentadoria.

Como temos salientado a velhice e o envelhecer são vividos de formas bastante heterogêneas. Em uma matéria de Carolina de Assis (2015) sobre como envelhecem as feministas, uma das mulheres entrevistadas, Jacira Melo de 57 anos e militante feminista desde os 19, esclarece: “o conceito de velhice envelheceu”; Maria Lúcia, outra entrevistada na matéria, com 40 anos de militância revela: “Tive um momento de olhar pro meu corpo e dizer ‘poxa, eu penso como se ainda tivesse 30 anos, mas eu tenho 65’ [...]. Não é simples você envelhecer, ver seu corpo se transformar, sua energia diminuir, as limitações começarem a se impor. Às vezes a ficha demora a cair” (ASSIS, 2015, não paginado).

De fato, a questão do corpo é muito presente no processo do envelhecimento feminino. Por diversas vezes as mulheres com quem dialoguei mencionavam o espelho e o sentimento do corpo. Afinal é no corpo que as mudanças ocorrem: na flacidez da pele, no rosto enrugado, nos cabelos brancos. No entanto, na matéria citada surge outro aspecto digno de nota: que é a partir do olhar das pessoas mais jovens que se cria a consciência do envelhecimento. Quando as pessoas começam a te chamar de *senhora*, de *avó*.⁷⁴ Margareth Rago, de 66 anos, desabafa: “A sociedade te envelhece”. (ASSIS, 2015).

⁷³ Havia mais pessoas pertencentes a essa turma da hidroginástica, no entanto, minha tia me apresentou às mais assíduas, que eram mulheres que formavam seu próprio grupinho dentro do grupo maior. Minhas interações foram com estas mulheres. A partir delas, quando apresentada a outras pessoas do grupo maior, realizava outras conversas informais e anotações no caderno de campo.

⁷⁴ Destaco também as piadas que fazem algumas pessoas rirem reproduzindo um preconceito referente ao envelhecimento.

Quando se refere ao envelhecimento feminino, há um caso polêmico envolvendo Xuxa Meneghel: mulher branca, magra, loira e famosa, conhecida como a “Rainha dos baixinhos”, que apresentou por muito tempo, na televisão, um programa voltado ao público infantil. Xuxa no início de sua carreira, uma “garota” no auge dos seus 20 anos, cabelos loiríssimos e chuquinhas no alto, considerada o padrão belo pela sociedade brasileira, se aproxima, hoje, dos 60 anos de idade.

Em seu Instagram oficial Xuxa publicou uma selfie com os cabelos bem curtos, com seus fios brancos à mostra, sem maquiagem, de biquíni.⁷⁵ O plano da foto deixa ver seu rosto e o colo, e uma água cristalina, ao fundo, em que a ex-apresentadora está imersa. Na legenda da imagem se lê: “Olha a cor dessa água! Lindo né?!?”. Essa publicação, no perfil *@xuxamenegheloficial* possui mais 80 mil comentários, alguns deles vexatórios e preconceituosos, como “Olha só a falta que faz uma boa maquiagem!”, “Nossa tá feia hem?”, “O coisa horrorosa hem”, ou “Não precisa se encher de plástica, mas o básico né?? Por favor!! Uma micropigmentação na sobrancelha, pintar o cabelo já iria melhorar um pouquinho... Nada contra a idade!! Mas envelhecer bem né?”.

Por conta da repercussão dos comentários negativos, muitas pessoas foram visitar o perfil da artista para averiguar os tais comentários e enfatizar que Xuxa continua “Perfeita sem defeitos”, que “Quem tá detonando, é puro recalque [...]”, que “O tempo chega pra todos nós acho lindo cabelo grisalho”, e inúmeros comentários que exaltam a beleza de Xuxa “ao natural”. Xuxa, como todas/os, está vivenciando o processo do envelhecimento. A partir da observação em um dos comentários: “Nada contra a idade!! Mas envelhecer bem né?”, indago: – O que se quer dizer com envelhecer bem? Com base no restante do mesmo comentário, “envelhecer bem” é pintar os cabelos, micropigmentar as sobrancelhas, ou seja, lançar mão de procedimentos estéticos seria o básico, o aceitável para envelhecer bem. Envelhecer “ao natural” pode ser, para muitos, condenável, feio. Em muitos casos, assumir os cabelos brancos, recusar-se a procedimentos cirúrgicos ou estéticos como botox para “tratar” as rugas e marcas de expressão, dispensar a maquiagem, são posturas que não condizem com o bem envelhecer. O comentário revela, embora enfatize que não há “nada contra a idade”, um ageísmo – ou preconceito por idade.⁷⁶

⁷⁵ Publicação realizada no perfil *@xuxamenegheloficial*, no Instagram, 9 de janeiro de 2019.

⁷⁶ O médico Egídio Dórea, que é coordenador do programa USP Aberta à Terceira Idade, revela: “Ageísmo é estereotipar de maneira preconceituosa alguém pela idade.” (Jornal da USP, matéria de Crisley Santana). Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/acoes-para-comunidade/voce-sabe-o-que-e-ageismo-campanha-debate-preconceito-por-idade/>

Eu trouxe este caso específico porque Xuxa é uma mulher bastante conhecida e ocupa uma posição social de privilégio em nossa sociedade. Neste sentido, ela dificilmente será invisibilizada enquanto mulher idosa. O que eu quero dizer é que se espera da mulher que envelhece que permaneça jovem e isto está contido no que Britto da Motta (2012) chama de “a juvenilização das idades”. A autora argumenta que não só há uma tendência de rejuvenescer as pessoas maduras e idosas, como também em adultizar as crianças. Neste sentido o modelo referencial é a juventude.

Britto da Motta (2012) chama a atenção para a articulação entre gênero e geração, quando observa um material coletado na mídia sobre a descronologização de ações⁷⁷ por parte de pessoas idosas, concluindo que este material se refere principalmente às mulheres. No mesmo texto, esta autora trata das/os centenárias/os e destaca:

Dona Guiomar (acompanhada desde os 98 anos), estava com 103 [anos], quando sua neta de 40 anos, em entrevista revelou: ‘Minha avó [...] não se escandaliza com nada, acolhe tudo que é novo, ela é referencial de juventude, em termos de cabeça, ela é muito mais jovem do que eu, pois sou muito acomodada’.

Assim continuou por mais quatro anos, forte, ainda que atravessando uma sequência de adversidades com doença e morte dos filhos, às vezes comparando, inconformada, sua longevidade saudável com a maior fragilidade deles: ‘Eu não me conformo. Ele tá com 78 anos, internado. Eu com essa idade tava nova em folha. Aliás, eu com 94 anos, eu dizia que tinha 49...’ (MOTTA, 2012, p. 19).

É preciso levar em conta que em termos geracionais é distinto ter 70 anos do que ter 100. E este é mais um aspecto que se deve levar em conta quando se fala em heterogeneidade da velhice. Há pessoas que com 60 ou 70 possuem uma série de complicações de saúde, podem morrer precocemente. E há quem viva 100, como era o caso de Guiomar, que enterra os filhos e que fica indignada com o estado de saúde de pessoas com 70, 80, mais debilitadas. Existem fatores diversos que desrespeitam uma lógica de que se está melhor quanto mais jovem se é e vice-versa.

O trecho transcrito acima revela que o que faz a neta admirar a avó é o fato de Dona Guiomar possuir uma mentalidade jovem. E a avó é considerada jovem, neste sentido “de cabeça”, porque acolhe o novo. Ela não assume uma postura conservadora diante das

⁷⁷ Essa descronologização se refere aos ciclos de vida adquirindo outras configurações. Nas palavras de Britto da Motta (2012, p. 14): “Perdem o tradicional aspecto regular e determinante de ‘eterno retorno’ ou destino biossocial; alongam-se em trajetórias, como curso de vida [...] ou fracionam-se em novas fases, com correspondentes novos significados. Inventam-se etapas e novas idades.”.

novidades, mas acolhe-as. Este trecho é significativo porque desvela uma atitude que, segundo a neta deixa implícito, não é o que se esperaria de uma mulher com mais de cem anos. Ou seja, ela que é neta, aos 40, é acomodada, ou teria dificuldades para acolher o novo. Mais uma vez, fica claro que o modo como as pessoas vivenciam e agenciam seus processos de envelhecimento é heterogêneo e, portanto, não podemos prever que uma pessoa se comportará de tal ou qual maneira com determinada idade.

Sobre o aspecto de Guiomar não se escandalizar com nada, me lembrei de parte de uma conversa gravada com Marina, de 70 anos, uma das interlocutoras do grupo de mulheres da hidroginástica do SESC. Ela me revelou com alguma frustração a diferença dos relacionamentos que ela teve e de sua geração e os relacionamentos que percebe hoje, na geração de seus filhos:

Tem coisas que a gente não engole, né? Eu num engulo, num aceito, quer dizer...não aceito mas tenho que engolir. Essas coisas que a gente vê por aí, homem com homem se beijando, mulher com mulher se beijando, essas coisas num entra na minha cabeça, entendeu? Filha que casa uma vez, separa, depois casa de novo, depois separa. [...] E é assim, como eu fui mulher de um homem só, eu achava que eles iam ser assim, e eles num são, né?

Ao analisar a forma como Britto da Motta (2015) relaciona idades e geração a uma perspectiva de gênero, poderíamos nos aproximar do conceito de interseccionalidade do início desta seção, no sentido de que as dimensões fundamentais da vida social se entrelaçam. Britto da Motta (2015, p. 207) argumenta que:

Numa perspectiva de idade/geração, ser jovem ou ser velho é uma ‘situação’ vivida, em parte, homogeneamente e, em parte, diferencialmente segundo o gênero e a classe social dos indivíduos de cada grupo etário. Na perspectiva de gênero, a trajetória de vida de homens e mulheres, como construção social e cultural, vem determinando diferentes representações e atitudes em relação à condição de velho(a).

Dessa forma, gênero e idade/geração são dimensões fundantes de análise da vida social. Expressam relações básicas, por onde se (entre)tecem subjetividades, identidades e se traçam trajetórias.

A experiência de envelhecer é um caminho de múltiplas possibilidades. Os marcadores sociais que nos constituem influenciam sobremaneira nossos caminhos, mas não é determinante a ponto de apontar com precisão qual caminho percorreremos nos nossos ciclos de vida. As novas imagens do envelhecimento, embora ofereçam este leque de caminhos possíveis, acaba elegendo uma forma mais adequada do bem envelhecer. No entanto, eleger

uma única forma de envelhecer em um mundo de trajetórias diversas é não levar em conta a agência das pessoas e as condições sociais e materiais que possuem.

Quando tratarmos das narrativas de distintas temporalidades, traremos com mais detalhes as/os protagonistas desta pesquisa a fim de compreendermos um pouco mais que possibilidades são estas e de que forma estas mulheres agenciam seus processos de envelhecer em uma cidade que dá a ver sua fórmula ideal do bem envelhecer. Que possamos aprender com estas mulheres, ouvindo-as com atenção, para não repetirmos velhas lições já aprendidas, nem deixarmos de passar adiante o que aprendemos, como observou Audre Lorde (2019).

4.3 O grupo das mulheres da hidroginástica do SESC: “Aqui dou risada, falamos bobagem [...] é uma terapia mesmo”

O primeiro grupo do qual me aproximei, como dito anteriormente, foi de algumas mulheres que frequentam a hidroginástica no SESC Santos⁷⁸. A tia Virgínia frequenta as aulas, que ocorrem duas vezes por semana às 15 horas. Foi por ela inclusive que tive conhecimento do grupo e foi por intermédio dela que fui apresentada às mulheres.

A primeira vez que fui lá, estava chegando a Santos e combinei com a Jane, filha da tia Virgínia, de encontrar a tia direto lá. Não conversei diretamente com a tia porque ela nem sempre vê as mensagens no celular, e como sempre estava conversando com a Jane pelo Whatsapp, foi mais fácil combinar com ela. Jane deixou a tia no SESC e eu a encontrei lá, por volta das 14h. Ela nunca chega à aula em cima da hora, é sempre uma horinha antes. Senta-se, observa, logo encontra alguém e ali fica batendo papo. Pouco tempo antes da aula se dirige ao vestiário para colocar a saída de banho, pois já está de maiô debaixo da roupa. Segue, então, para a piscina, perto do horário de início da aula. Este costuma ser o ritual que antecede a hidroginástica, ao qual ela dificilmente falta. Por suas frequentes dores no joelho, decorrentes da artrose, ela quase já não sai para andar. A hidro é, portanto, a atividade física sagrada da semana, além de um espaço externo à casa para socializar.

A tia comentou que o grupo ao qual ela me apresentou é uma espécie de “panelinha”. Além da tia, havia outras cinco mulheres. Pelo que entendi, a tia não pertence à panelinha, mas possui um bom convívio com elas. Posteriormente, elas me disseram que a tia tinha um

⁷⁸ Por conta da pandemia do Coronavírus, as atividades no SESC foram suspensas desde o dia 17 de março de 2020. No final de agosto as atividades começam a ser retomadas, com restrições, para pessoas dos 12 aos 59 anos.

amigo, também da hidro, que juntos conversam, tomam café. E elas comentavam que era “amiguinho”, num tom malicioso, mesmo na frente dela, às vezes. Percebi no convívio com estas mulheres que a tia acabou se aproximando delas desde que me apresentou, pois toda vez que chegávamos ao SESC, por conta da pesquisa, íamos direto a elas. É engraçado que a tia queria adiantar as coisas. Ela ia logo dizendo que eu queria perguntar umas coisas para elas. A tia é bem atirada no sentido de falar o que pensa. E, percebendo a minha timidez, ela ia logo me facilitando o trabalho.

Tia Virgínia é vaidosa. Jane, a filha, pinta os próprios cabelos e os da mãe com certa periodicidade. Nenhuma das duas fica incomodada quando começa a surgir a raiz com fios brancos, mas em certo tempo elas entram no consenso de que é chegada a hora de pintar novamente. Para a hidro, a tia sempre se veste com uma blusa fresca e soltinha, geralmente estampada. Recordo-me porque eu sempre reparava no quanto as blusas dela eram bonitas. As calças são geralmente mais justas, não muito apertadas, até a canela (tipo uma *legging* curta). Nos pés sempre coloca sandálias de enfiar os pés, fechadas na frente, abertas atrás (estilo *Crocs*), branquinhas. Por não ser uma mulher friorenta sempre se veste de modo a se sentir fresca e agradável. Lembro-me que ela sempre se vestia assim, com blusas de mangas curtas. Não me recordo de vê-la utilizando roupas curtas, nem em casa, à vontade.

Voltando ao primeiro dia com as mulheres da hidro, quem mais conversou comigo foi Sirlene, uma mulher de 84 anos, alta, magra, bem branca, olhos azuis. Frequenta a hidro há sete anos. Começou por indicação de uma amiga e depois, contando ao médico, este lhe disse que era ótimo. Ela contou que já teve trombose e que lhe disseram que a piscina era maravilhosa para trombose. Sirlene faz piada com tudo, é muito extrovertida. Ela disse que o médico lhe disse que sua coluna estava arrasada e brincou: “É tudo velho, pode por aí, tá tudo velho.” É uma senhora bem cuidada, cabelos curtos grisalhos meio ondulados e ajeitados, roupas discretas e não tenta se parecer mais jovem do que é. Diferente de outras interlocutoras, ela se considera velha e diz que “é uma merda” ficar velha.

Desde o início foi logo se apresentando como “a malandra”. Contou-me muito dela e deu ênfase a uns bonecos que ela tem que levantam um pênis. Também mencionou que possui duas maçãs do amor que você aperta e elas soltam um pênis. Ela conta que pra passear tem disposição, mas que tem alergia às panelas. Sempre viaja de excursão com os mesmos organizadores. Já foi para o Sul (Gramado), para Minas. Viaja com duas vizinhas que são irmãs e que moram juntas. Sobre os filhos, disse que um deles não gosta que ela brinque assim, com os bonecos; o outro, ao contrário, a encoraja, dizendo que ela tem mesmo é que se

divertir. Ela contou mais de uma vez que passeando pelo bondinho de Santos, colocou as maçãs para fora da janela e apertou, fazendo surgir os pênis e que uma vez disseram “olha a velhinha com a porra!”, em seguida ela ri à beça do ocorrido.

É curioso notar que seu tom oscilava entre essas brincadeiras e a melancolia de morar só e de não gostar de ser velha. Ela mora sozinha desde que enviuvou, há mais de 10 anos. Era como se ela fosse tomada de nostalgia quando dizia querer voltar à mocidade. Neste primeiro encontro, ela estendeu os braços à frente, mostrando as marcas do tempo, reforçando o quanto era ruim ficar velha.

Há uma heterogeneidade perceptível que difere o perfil e temperamento dessas mulheres. Sirlene é a “malandra”. Isaura, que sempre estava com ela e se conheciam há muito tempo, dizia que jamais iria se acostumar com as brincadeiras de Sirlene. Notei uma divertida dinâmica no entrosamento do grupo. Uma brinca, a outra desaprova, mas acaba achando graça, no fim, de toda a situação. Isaura é toda certinha, tanto no falar como no se portar. Quando perguntei se era casada me respondeu: “- Casadíssima!”, e a Sirlene já se intrometeu: “Ela tem marido *ainda*, mas tem 60 anos já!”. Isaura, “a certinha”, retrucou: “ – Fica quieta. Ma...mas que metida! E se eu não quero falar que eu tenho 60 anos de casada?!”. Uma terceira já pediu pra Sirlene ficar quieta e deixar Isaura falar e responder algumas perguntas que eu lhe fazia.

A assiduidade dessas mulheres às aulas (mas principalmente o compromisso de estarem ali no horário da aula, mesmo não entrando na piscina) revela o quanto aquele é um momento agradável para elas. É uma diversão estarem juntas nesses dois dias da semana. Uma ou outra falta às vezes por motivo de viagem ou outro, mas as primeiras mulheres do grupo que eu conheci quase não faltam. Um dia conversando antes da aula, apareceu uma mulher de 71 anos (não lembro se foi ela mesma quem me informou a idade ou se foi alguma outra delas) para conversarem. Esta última não faz hidro com elas, chega ao SESC pela manhã e nada por conta própria, porque nada bem e é mais acelerada, brincou com as outras que não faz aula com elas porque “são muito velhinhas”. Também tirou sarro dizendo que elas não fazem direito os exercícios que o professor passa e que o professor é muito mole. Quando Sirlene voltou a falar dos seus brinquedinhos, essa senhora que apareceu depois torceu o nariz, dizendo que a vida não é só sexo, que o marido dela às vezes quer e ela não, está cansada.

Além das brincadeiras descontraídas que relatei acima, notei que a independência é algo que se destaca entre os assuntos que perpassam as conversas. O fato de morarem

sozinhas, de algumas dizerem não querer saber de macho. Hedy, que conheci no segundo encontro, se não me falha a memória, disse que ficou viúva aos 29 anos, com três filhos. Quando se casou o marido a proibiu de trabalhar. Quando ele faleceu ela teve que se virar, pois como ela me explicou, naquele tempo quando se saía para casar, não podia voltar para a casa dos pais. Então ela trancava os filhos em casa para poder sair para trabalhar. Contou que quando ia aos bailes colocava o dinheiro dentro da meia calça. Dançava, aproveitava, mas nunca levou homem pra casa: “Depois de criar três filhos sozinha, levar um mala pra casa?” e mencionou que alguns homens “tão loucos pra se encostar”. Ela também mencionou que os velhos só querem dançar com as novinhas, e que as novinhas querem os velhos que têm grana.

Mesmo as mulheres que moram com alguém salientam o fato de serem ativas. Marina disse que dependia da filha para regularizar a matrícula no SESC. Cansada de esperar, deu um jeito: fez um plano de usuária comum (sem ser sócia) para não ficar dependendo mais da filha. A tia ganhou o direito de frequentar por conta do falecido companheiro, que era sócio.

Marina, que tem 70 anos, começou a frequentar as aulas a partir de uma indicação médica por conta de sua diabetes e foi muito enfática ao revelar a importância do grupo: “Foi uma terapia pra mim! Eu tinha ficado viúva [...]. Aquela coisa quando a gente vive 40 anos com uma pessoa, sabe? [...] Aqui dou risada, falamos bobagem [...], é uma terapia mesmo.” Quando perguntei a relevância das amizades realizadas ali, me respondeu: “Vital, vital pra mim! [...] De esperar ansiosamente a quarta, ansiosamente chegar a sexta-feira, pra encontrar todo mundo”. O cuidado é uma esfera bastante presente na vida de Marina. Ela deixou sua casa para ir morar com o pai, de quem cuida. Além de criar os filhos, cuidou de dois netos.

Quando me contou sobre sua rotina e seus afazeres, disse:

Ah, cuidar do meu pai, ir em mercado, [...] vir pra cá [SESC], [...] passeio bastante, saio todo dia [...]. Eu gosto de sair de casa, sabe por quê? Porque eu penso lá na frente. Quando meu pai precisar muito mais de mim, eu num vou poder nem vir pra cá [...]. E eu também não sei se daqui a cinco anos eu vou poder caminhar legal [...] A gente tem dores, né?

A partir do que foi narrado por Marina, é importante mencionar que um envelhecimento ativo está presente em dimensões distintas, não só se relaciona com a esfera de realizar atividade física regular. Mas ter a capacidade de cuidar do pai, cuidar dos netos, de realizar as atividades do cuidado e organização da casa, de se movimentar pelas ruas apesar das dores, de curtir seu lazer, participar e se divertir. Marina aproveita seus momentos fora de

casa também por ter consciência de que o tempo pode tomar seu lazer daqui uns anos, ou pelas próprias dificuldades futuras ou aquelas de seu pai.

Isaura parece deixar nítida a importância das aulas de hidroginástica pela opinião da filha que lhe disse, segundo seu relato: “mãe, não para nunca de fazer essa hidro, pelo amor de deus!”. Ela tem 82 anos e só recentemente parou de cozinhar diariamente. Contando sobre os conselhos que as filhas lhe deram: de que era para pedir comida da rua às segundas, quartas e sextas e que de terça e quinta podia ver o que tinha na geladeira para fazer alguma coisinha. Uma das filhas ainda disse: “sábado e domingo também não cozinha, mãe”. Sobre sua rotina: levanta cedo, “faço um cafezinho pra mim e pro meu velho, tenho uma faxineira uma vez por mês [...], ultimamente tenho comido de pensão...”. Isaura não se queixa da vida, como ela mesma mencionou. A única coisa que a atrapalha por conta da idade são “os joelinhos de vez em quando”. Diz não se sentir velha, nem idosa, mas que jovem também não.

A atividade e o movimento à que eu me refiro no envelhecimento dessas mulheres é também sua capacidade de fazer escolhas. Embora existam familiares que às vezes querem controlar, como Marina relatou a respeito de uma filha mais nova que é controladora, elas possuem um bom nível de autonomia. Marina conta que um dia fez um bate e volta para outra cidade, no intuito de visitar alguns parentes e não avisou ninguém. Comunicou sua ida quando voltou e a filha achou um absurdo ela ir sozinha até a rodoviária para pegar um ônibus sem avisá-la. Marina expressou que às vezes fica de “saco cheio” de algumas pessoas como essa filha de querer controlar sua vida.

O clima amistoso era muito presente entre os encontros e conversas. Enquanto eu fazia perguntas pra uma, outra respondia por cima, ou revelava algo que não havia sido dito. Às vezes uma delas falava pra outra que ia molhar as partes íntimas na piscina, em tom de fazer graça, o que provocava o riso entre elas. Conversas sobre assuntos diversos: casa, família, marido, filhas(os), netas(os), viagens, filmes, sexo. Conversas sempre regadas a um café, ou café com leite pequeno, às vezes alguma pedia capuccino. Tinha vezes de alguém aparecer com bolachinhas para acompanhar o café. Antes da aula tinha conversa, depois da aula mais conversa, um café, talvez algo para comer ou beliscar, a despedida, e cada uma para o seu lado. Salvo quando duas iam para o mesmo lado, porque moravam perto ou no mesmo prédio.

Elas disseram que vão para o SESC mesmo quando faz frio. Quando está frio ou ventando algumas nem entram na piscina porque têm medo de ficarem doentes. Ficam ali mesmo, na área de convivência, um espaço amplo com várias mesas ao redor de uma lanchonete. O mesmo ocorre quando alguma delas está resfriada ou com dor de ouvido, como

ocorreu com uma delas, que disse que demorou a sarar. Sempre há alguém que fica fora da aula para conversar. No calor, a tia me disse que aparecem umas 30 pessoas para a aula. Marina me contou que vai todo dia ao SESC, se não encontra nenhuma pessoa conhecida, ela fica na sala de leitura, leva suas revistas para ler ou pega algo de lá mesmo.

A unidade do SESC Santos é amplíssima e bastante agradável. Há duas estruturas principais: uma que acomoda a entrada principal, as exposições, as salas administrativas; e outra que oferece os vestiários, a comedoria (espécie de lanchonete/café), o restaurante, as salas para ginástica funcional, sala de leitura e a piscina. O espaço descoberto acomoda as quadras poliesportivas e área da piscina, bem como guarda-sóis, espreguiçadeiras e cadeiras. É um espaço exclusivo para o lazer e a prática de atividades físicas e culturais, bem como propício para a sociabilidade: comer e beber algo, conversar, ler, passear etc.

Em poucos passos, já é possível chegar à área da piscina, que é cercada por uma estrutura de vidro, em que se vê perfeitamente as pessoas tomando sol e se banhando. No entanto, durante as aulas da hidroginástica, não é possível ver todas as alunas e alunos, porque a piscina é extensa, aí fica mais longe do cercado. Sem a credencial eu não pude acompanhar as aulas de perto, então minha interação com elas era sempre na área de convivência, antes e depois das aulas.

O encontro entre elas (as mais chegadas) e com o restante da turma da hidroginástica é um momento terapêutico, como apontou Marina⁷⁹. É um momento de descontração e de desobrigação de suas atividades domésticas e de cuidado no âmbito da casa. Márcia⁸⁰ disse o seguinte sobre os encontros do grupo: “A gente aproveita muito, conversa muito, se diverte, é diferente de tá em casa, as amigas na rua são muito boas”. A partir da percepção de Márcia sobre as quartas e sextas-feiras (dias da semana em que ocorrem as aulas de hidroginástica e consequentemente dos encontros do grupo), esses momentos não se referem somente à prática de uma atividade física, mas à importância da sociabilidade dessas mulheres: a confidencialidade, a diversão, as bobagens compartilhadas.

⁷⁹ Falo muito da Marina porque ela é bastante falante e assume uma postura agregadora no grupo. Ela é a interlocutora que frequenta o SESC diariamente durante a semana. Ela tem gana de aproveitar o convívio naquele espaço, com essas pessoas, por não saber o que será do amanhã, da sua condição de saúde, como a saúde do pai, sobre quem ela assume o papel de cuidadora, como já mencionado.

⁸⁰ Márcia é casada, possui 66 anos e é nascida em Santos. Possui 3 filhos e 4 netos.

Tia Virgínia

A tia se queixa muito das dores nos joelhos. Quando a dor é muito forte, ela toma dorflex para dormir. Tem artrose e diz que tem dor nas articulações, que é ruim ficar velha por isso. Percebo que este é o aspecto que mais a limita de fazer as coisas, porque ela gosta muito de movimento, que não presta pra morar em condomínio fechado. No prédio onde ela mora, senta embaixo, no saguão. Conversa com um, com outro, gosta de ver gente. Ela me disse que morou muito tempo no sítio e acha que enjoou.

Ela disse que a filha, Jane, também gosta de movimento. Acho que é por isso que ambas gostam de Santos, afinal vieram de São Paulo.

No tempo em que eu estive lá com elas a gata da Jane ficou doente. A tia disse que a gata estava ficando gagá. Jane disse que na idade dos animais, a gata tinha mais ou menos a mesma idade da tia e elas sempre brincavam com isso.

Conversando com a tia, ela falou da situação da mulher hoje, dizendo que os tempos de hoje estão melhores para elas, que não é mais necessário aguentar apanhar do marido, que ela pode se separar.

Recordo-me bem do um dia em que ela ficou horrorizada contando que a filha da Gretchen tinha feito uma cirurgia tirando o peito e colocando pênis. Ela estava, de fato, indignada. A Jane ponderou: “se é difícil pra nós, imagine pra mãe?!”. Depois, conversando com a tia ela disse que é bom saber dessas coisas porque tem uma família grande. E que se isto um dia acontecer, “a gente tá informada”.

Jane fala que a tia gosta de ver fofoca na televisão, que assiste ao programa da Luciana Gimenez e passa as informações para ela. Jane frequenta a pró-vida e conta que às vezes ela chega em casa, toda zen do curso, e lá vem a tia contando as fofocas da tv. Algumas vezes em que eu estava lá assistimos juntas à Redetv, e a cada matéria ela fazia uns comentários. Gosta também de assistir o Jornal Nacional, mas fala que só tem notícia que “saí sangue”⁸¹.

A tia já me disse algumas vezes que “ficar velho é uma merda” e que ela não tem medo de morrer, que está vendo todo mundo ir embora e quer ir também.

⁸¹ Ela usava esse termo para se referir às notícias mais impactantes. Também comentava sobre os escândalos da política no nosso país.

4.4 O grupo de ginástica do Parque Roberto Mário Santini, no Emissário: “tem que se envolver, né?”

Em relação a este grupo de atividade, ele é parte de um programa da Secretaria de Esporte do município. Há outras turmas em outros pontos da praia. Este em específico realiza suas atividades no Parque Roberto Mário Santini, localizado na Praia José Menino, no Canal 1.

Trata-se de um programa bem conhecido da cidade. Eu já o conhecia por informações de outras pessoas e busquei na internet seus horários. Caminhando pelo parque mencionado, vi um grupo de pessoas se exercitando e passei perto, observei, mas não abordei ninguém neste dia. As aulas iniciavam às 8 da manhã. Então, eu voltei no dia seguinte e tomei coragem de me aproximar, sentar perto e pedir informação, ao final da aula.

Fui bem acolhida, me apontaram o professor e eu me apresentei brevemente, como estudante de pós-graduação, que realizava uma pesquisa sobre envelhecimento e atividade física na cidade de Santos e gostaria de acompanhar o grupo. Alguém já me convidou para fazer as aulas junto com elas/es, e o professor assentiu. No decorrer das aulas, algumas pessoas me perguntavam se minha área de estudo era Psicologia ou Educação Física, Fisioterapia. Quando eu dizia que era Ciências Sociais, eram sempre necessárias informações adicionais.

A primeira pessoa que eu conheci no grupo do emissário foi Mariana, uma mulher de 75 anos. Ela se aproximou porque me viu sozinha e veio demonstrar solidariedade, se colocando à disposição.

Mariana

Mariana é paulistana, mora em Santos há uns 40 anos. Ficou viúva aos 31 anos, com duas crianças. Ia trabalhar e deixava o casal de filhos sozinhos em casa. Uma das mulheres com quem conversei no SESC passou por experiência parecida quando enviuvou. Mariana contou que quando o esposo faleceu ela ficou um ano sem dormir, ligava para o CVV⁸², e que não possuía a estrutura mental que tem hoje. Ela mora só, em Santos, e o casal de filhos com

⁸² “O CVV — Centro de Valorização da Vida, fundado em São Paulo, em 1962, é uma associação civil sem fins lucrativos, filantrópica, reconhecida como de Utilidade Pública Federal, desde 1973. Presta serviço voluntário e gratuito de apoio emocional e prevenção do suicídio para todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo e anonimato.”. Fonte: <https://www.cvv.org.br/o-cvv/>. Acesso em 20 out. 2020.

as netas vivem no Guarujá. Disse-me, rindo, que jogava paciência e jogo da memória o dia todo no celular. Sumiu por uns tempos das aulas e quando retornou me disse que tinha ficado uns dias no Guarujá, um pouco na casa da filha e um pouco na casa do filho. As netas fazem aniversários seguidos e se vai no de uma, tem que ir no das outras. Disse que só se muda para o Guarujá depois que fizerem uma ponte ou túnel ligando Santos ao Guarujá, pois ela diz que os médicos, tudo que ela faz é em Santos, e que este projeto de túnel ou ponte é bem antigo.

Mariana traz a questão da independência, bem presente entre as interlocutoras, de viver só, fazer a feira, a comida, ir às consultas e ao Clube de Regatas (onde faz musculação e alongamento às sextas-feiras) de ônibus. Faz atividade física três vezes por semana, passa uns dias na casa do filho e da filha. Do *tablet*, manda bom dia e boa noite para uma das netas, que disse para ela continuar mandando, assim ela sabe que a avó está bem.

O fato de passar bastante tempo jogando poderia ser visto com maus olhos por outras pessoas do grupo. Escutei um aluno, que também estava fazendo um movimento de me acolher no grupo. Quando mencionei o tema da pesquisa ele me disse: “eu que não vou acordar, tomar café e ficar no zap [WhatsApp] até a hora do almoço, ou na TV”. Esse discurso que condena o indivíduo que utiliza seu tempo dessa forma (celular, televisão, jogos e aplicativos) é bastante presente e eu o ouvia frequentemente pelas pessoas idosas que estavam inseridas nesses grupos ou em outras atividades.

Aos poucos fui percebendo o perfil das/os participantes. O professor mencionou que há muitas/os delas/es que estão ali há muito tempo e que já vão num ritmo mais acelerado e puxado. Por isso, ele não pega leve, apesar de respeitar que cada pessoa possui o seu ritmo. Mas o professor sempre preza para que descansem na fila, enquanto não estão realizando o exercício. No entanto, em uma das aulas em que ele nos passou uma espécie de circuito, ele sempre falava “pra quem tem dor no joelho faz assim”, ou “pra quem está cansado, faz três” (em vez de quatro repetições, por exemplo). Trata-se de um grupo que está “na crista da onda”, no município, porque realiza as aulas muito próximas do mar, uma das grandes joias da cidade, além de ser um parque que funciona como ponto turístico, oferecendo ainda outras atividades esportivas.

Muitos sabem que a areia da praia de Santos é escura, se comparada à do Guarujá que é branquinha. No entanto, não é por isso que a praia ou o mar perdem seu fascínio. Este grupo

está na crista da onda, porque é o grupo que tem o privilégio de se exercitar bem próximo do mar, algumas delas surfam. As alunas e alunos moram, em sua maioria, próximos à orla, uma região privilegiada da cidade.

O grupo do emissário era bem numeroso. Segundo o professor da turma, há em média 50 alunas/os inscritas/os (no dia em que ele me contou isso, tinha umas/uns 28 ou 30 alunas/os). É um grupo heterogêneo, no entanto, em termos de classe social há umas 10 pessoas (mais ou menos 20%) de baixa renda⁸³. O professor me disse que a maioria das/os alunas/os tem boa condição, ou seja, está sempre viajando, alguns vão para a Europa...

Algumas das mulheres deste grupo disseram realizar distintos trabalhos, geralmente menos vezes por semana, como por exemplo: reparos de costura; ajudando uma filha que tem um pequeno negócio de salgados; trabalhando 2x por semana para uma família, passando roupa e cuidando da casa; como consultora *Mary Kay*, abre uma barraca de bebidas na praia quando o tempo está firme...

Dependendo da hora em que eu chegava no parque, antes de começar a aula, era uma pessoa diferente à quem eu dirigia o bom dia inicial. E assim os assuntos surgiam. Neste grupo, é muito comum que o pessoal fizesse outras atividades físicas, o surfe me chamou a atenção. A Maria das Dores dizia que ia começar a aprender em São Vicente. Outra me disse que após ter tido um câncer de mama, que virou uma chave na vida e ela aprendeu a surfar. Ela quebrou o pé surfando, não percebeu que estava raso e pulou. Após ter quebrado o pé, não parou de surfar, só modificou o modo de usar a prancha. Hoje faz *body board*, em que apoia o corpo todo na prancha. Sobre as aulas de surfe, disse não gostar muito das aulas teóricas e mencionou que no mar, ela e o grupo do surfe contornam a ilha Porchat.

Algo bastante presente no grupo é a questão de manter-se em movimento, e percebi uma “torcida do nariz” em relação a quem não faz. Associam a falta de atividade física com as comorbidades. Também se preza pelo exercício correto. O professor sempre corrige, e eu também fui corrigida por uma das alunas que me disse que era bom fazer o exercício correto, se não, não adianta. Mesmo em uns dias em que o professor viajou, eles/as não pararam, arrumaram alguém do grupo (o Afonso, um homem já idoso, magro, cabelos grisalhos) para conduzir as aulas.

⁸³ Quem me relata isso é uma funcionária que trabalha no Parque. Ela ainda diz que o pessoal de baixa renda mora mais pra dentro (da cidade), não na orla. E isto os estudos demográficos mencionados já apontaram, pois morar próximo à orla é muito mais caro.

Houve um dia que chegou uma moça de meia idade para a aula. Ela fazia as aulas em outro posto, mas como naquele dia não ia ter, ela veio para cá. (era o primeiro dia dela naquele grupo). Zezé é uma senhora bastante risonha, carinhosa e comunicativa. Por sua simpatia, ela é grande referência no interior da turma. Na execução dos exercícios, Zezé foi chamada de bailarina, e a novata chegou com dificuldades de fazer, ficando impressionada com o desempenho de Zezé, que parece bem idosa. Aí alguém soltou um “ah! A Zezé é bailarina. Dá até raiva!”. Esta fala vem no sentido de exaltar a flexibilidade da Zezé. Eu presumo que ela seja uma das mais velhas do grupo, pois possuí a pele bem enrugada. Essa mesma Zezé me chamava de “minha menininha”, preocupava-se onde é que eu me hospedava em Santos, e que se eu não tivesse lugar, que ela me levaria pra casa.

As aulas de segunda e sexta-feira eram as mais puxadas, porque elas faziam exercício na barra, com aqueles elásticos que você estica para fortalecer os músculos. Em uma sexta-feira eu cheguei à aula e encontrei duas alunas tirando fotos do celular. Uma estava fotografando a outra e quando a que fotografava mostrou a foto para a fotografada, esta última disse “deu certo, mas você tirou uma foto sua!”, ou seja, ela havia tirado uma selfie. A que tirou a selfie por engano, disse para a amiga: “assim você fica com uma lembrança da sua amiga bonita, novinha, sem nenhuma ruga!”. Ambas riram. O tempo estava favorável e a aula na barra é realizada mais próxima do mar. Como eu sorri, elas puxaram assunto e uma delas me disse, animada: “Vamos ver se você vai gostar hoje”, dando a entender que a aula, naquele dia, era diferente, mais puxada.

Roberto

Como eu participava das aulas era comum que alguém se aproximasse mais em um dia, outra pessoa, no outro. Em algumas aulas eu conversava muito com o Roberto, um homem de 70 anos, bastante jovial, solteiro e bem disposto. Ele era um pouco reclamão e adorava “bater papo” no meio da aula. Ele sempre discordava do professor. Em algumas vezes, entre as conversas, perdíamos a instrução dos exercícios, e o professor chegou a “puxar nossa orelha”. Roberto é comunicativo, e como está sempre reclamando de algo ou fazendo careta no meio das aulas, o que chega a ser bem divertido.

Roberto se aposentou com 70% do seu salário. Teve de se aposentar mais cedo por conta de que a empresa na qual trabalhou mais de 20 anos havia sido privatizada e demitiu muita gente. Na época ele disse ter uns 50 anos, mas antes desta empresa havia trabalhado em

outra. Roberto sustenta o discurso do trabalho, do esforço e de que se você quer algo, tem de batalhar. Conta que seu pai era muito rígido e boêmio e que não se dava muito bem com ele, pois estava sempre protegendo a mãe do modo grosseiro como o pai falava com ela. Disse que o pai não gostava muito que ele se intrometesse. O que acho interessante nessas conversas são seus aspectos geracionais. Roberto conta que a mãe quis voltar atrás depois que se casou, que queria voltar para a casa dos pais dela, mas o pai (avô de Roberto) não a aceitaria de volta, pois a escolha em se casar foi dela. Ele também disse algumas vezes, “bem que meu pai me dizia isso”, em um tom de gratidão para com o pai pelos conselhos dados em assuntos financeiros principalmente. Quando ia argumentar, Roberto às vezes se utilizava de um tom aconselhador, no sentido de que a gente critica a mãe e o pai, mas que mais pra frente se vê fazendo o que criticávamos neles.

Quando Roberto me contou que tinha 70 anos eu me assustei, pois eu dava a ele uns 50. Ao que ele responde que a sua família não aparenta idade, e que ele tem uma irmã gêmea que também é assim. Gostava das descontrações da aula, era atento aos comentários de outras/os alunas/os, e adorava falar alto e emitir algumas de suas opiniões. Roberto pensava ser uma pessoa discreta, mas suas caras e bocas lhe entregavam. Mas afora esse lado descontraído, ele gostava muito de conversar seriamente. Achei muito bonito ele me dizer, certa vez, que eu precisava fazer as coisas por mim, que a mulher tem que ter amor próprio e que tínhamos que contar com nós mesmas/os. Hoje, retornando às suas palavras (com uma boa dose de feminismo em mim) percebo o quanto aquelas palavras fazem sentido. Em curto tempo, me sinto como Roberto falando de seu pai: “bem que ele me dizia isso”!

Neusa, a maratonista

Neusa é veterana da corrida. Embora não a tenha conhecido no interior do grupo, foi em um quiosque de água de coco bem próximo de onde o grupo se reúne, no emissário, que eu sempre frequentava, que fui apresentada a ela, por um amigo que corria com ela. Neusa possui 76 anos e vive em Santos há quase 50. É catarinense. Trago um pouco de sua história porque ela se encaixa muito no tema do envelhecimento em movimento, ao mesmo tempo em que se distancia dos grupos estudados justamente porque prefere correr acompanhada de pessoas mais novas: geralmente ia correr com esse amigo que conheci e outra moça que sempre estava no quiosque, ambos aparentemente bem mais novos que Neusa.

Ela me disse que não gosta de caminhar e em relação a tudo que necessita fazer, se locomove de bicicleta. Nada duas vezes por semana. Contou que quando parou de correr profissionalmente, ficou morando por oito anos em uma chácara e pegou ojeriza da corrida. Quando voltou para Santos, o médico disse que ela não podia ter feito isso e que teve sorte de não ter tido nada. O médico disse pra ela não parar de correr porque há risco de ter alguma doença cardíaca que não me recordo o nome.

Neusa contou que não gosta de correr com gente velha, que ela busca se informar, se atualizar para ser uma companhia agradável. Sua mãe sempre lhe dizia que envelhecer é uma arte. Na conversa que tivemos ela contou de sua vida e me deu inúmeros conselhos, em um tom de que é necessário saber envelhecer. Neusa é casada e quando eu perguntei se ele também era ativo, ela respondeu “ativo no controle da televisão”. Ela relatou que ficou um mês fora de casa cuidando de uma amiga e quando ela voltou, percebeu que o esposo estava “um velhinho”. Conversar com Neusa me trouxe um frescor que poucas conversas podem provocar. Fiquei fascinada com sua disposição, sua trajetória e seus conselhos. Esta experiência intergeracional me trouxe outro universo, me transportou ao mundo de Neusa, que me tocou de um modo profundo. Cheguei a pensar: “Que sabedoria essa mulher carrega! Que força!”. Não posso deixar de mencionar o fascínio que o discurso do envelhecimento ativo traz. Ele seduz. Também porque contrasta com o meu estilo de vida, que embora não seja sedentário, está longe do movimento presente na vida de Neusa.

A conversa com Neusa me fez lembrar uma das “Imagens de Pensamento” de Walter Benjamin. Em “Da morte de um velho”, Benjamin aborda a relação entre duas pessoas de gerações distintas, com idades cronológicas distantes:

A perda com que esta morte possa afetar alguém muito mais jovem dirige seu olhar, talvez pela primeira vez, para aquilo que pode reinar entre duas pessoas separadas por uma diferença de idade muito grande e, apesar disso, ligadas por afeição. O morto fazia as vezes de um interlocutor com quem, certamente, não se podia tocar na maior parte dos assuntos, nas coisas mais importantes que dissessem respeito à pessoa. Em compensação, a conversa com ele era cheia de um frescor e de uma paz que nunca seriam possíveis com um coetâneo. (BENJAMIN, 1995, p. 267).

O trecho destaca que uma relação intergeracional guarda algo de especial. Poderíamos supor que este “frescor”, despertado por Neusa em mim, mais de 40 anos mais nova que ela, é causada por uma narrativa que transforma algo já vivido por outrem (pessoa que viveu mais anos) em algo novo para quem escuta (a pessoa que possui menos anos de vida). A narrativa

se renova a cada vez que é re(contada). Esta relação é peculiar porque contempla uma justaposição de temporalidades: o passado no presente, um passado que se torna presente. No trecho de Benjamin, o frescor diz respeito a um modo de vida e uma época que a pessoa mais jovem só conhece de ouvir falar, mas não da experiência. Neusa, além de ter vivido experiências muito distintas das minhas, em termos geracionais, também vive uma realidade totalmente diversa da minha em questão de estilo de vida, intensidade das atividades físicas que realiza, visão de mundo.

Da boca de uma pessoa idosa, a mais jovem, ouve histórias que lhe soam como novas, porque lhe apresenta um “novo” mundo, distante e desconhecido. Isto não significa que uma distância de idade cronológica impossibilita uma relação de amizade, de afeto e de solidariedade. Muito pelo contrário. O trecho transcrito acima revela que o velho e o moço ou moça constroem uma relação que ultrapassa as barreiras geracionais para viver uma *experiência*, uma troca. É quando passado e presente se entrelaçam, formando algo novo. Ouvir a tia Virgínia repetindo algumas expressões, em seu apartamento em Santos, trazia esse “frescor” que me fazia rir. Quantas histórias não conhecemos sobre abismos de geração que são superados? Neste trabalho eu me pus a pensar: minhas duas avós eram minhas amigas, trocávamos confidências. Mas em nossa vida cotidiana, muitas vezes naturalizamos este tipo de barreira entre gerações.

Mas voltando à Neusa. Ela deu conselhos para evitar o Alzheimer: fazer as prova dos nove com as placas de carro e fazer o mais rápido possível. Aconselhou fazer palavras cruzadas, a busca pelo significado de palavras novas, pesquisar e ler para se atualizar etc. Mencionou que há muito velho amargo já de manhã e que o marido mesmo é estressado, por isso já teve vários problemas de saúde. Ele não se anima nem para caminhar, mas Neusa conta que ele sempre a apoiou e tem muito orgulho dela, contando às outras pessoas as proezas da esposa no esporte. Ela não se diz velha no esporte, mas veterana. Também me explicou que quanto menos o seu corpo faz, menos ele quer fazer, mas que é preciso buscar uma atividade que dê prazer, e que seu corpo vai pedindo mais. Também revelou que não se sente com a idade que tem.

4.5 O grupo de ginástica e alongamento do Clube Esportivo Manoel Nascimento Jr: “quando eu num faço eu fico toda dura, como quem fica travada!”

Para a primeira visita ao Centro Esportivo Manoel Nascimento, solicitei um uber, porque como não sabia quanto tempo levaria de ônibus, fiquei com medo de perder a hora. O motorista do aplicativo me disse que iria subir o morro Nova Cintra porque cortava caminho e que chegaríamos com mais facilidade. Eu comentei que aquele era um dos morros mais tranquilos da cidade, porque uma moça havia me dito isso, e ele assentiu. Depois ele me perguntou: - “Você viu como as ruas aqui são largas? Que passam vários ônibus?”. Continuando, me explicou que há outros morros em que só há vielas que às vezes não passa nem um carro, e são sinistros. Chegando próximo ao clube (deve ter levado uns 10, 15 minutos até lá), ele comentou que a prefeitura tem dado mais atenção para aqueles lados. Também me disse que o espaço em que eu estava indo era novo e que estavam dando uma revitalizada.

À entrada do clube havia um homem, bem como das outras vezes em que eu voltei lá, que se aproximou como quem quer saber o que eu estava fazendo ali. Eu acho que ele era um segurança, porque se não me falha a memória ele usava um uniforme. Disse que estava lá para conhecer o local, pois estava fazendo uma pesquisa e informei que eu havia ligado antes. Ele me falou para eu ficar à vontade, perguntou o meu nome e apresentou-se, bem simpático.

Entrei no local. Os muros eram brancos e os letreiros nas paredes eram verdes, bem como os detalhes nas paredes e muros. Na entrada havia acima do portão o brasão da cidade⁸⁴ e acima dele “Prefeitura de Santos”. Ao lado destes elementos estava escrito “Centro Recreativo M. Nascimento Jr.”. Abaixo do nome do local, em letras pequenas lia-se “Secretaria de Esportes”. Passando o portão de entrada, a poucos passos pude ver a estrutura de um galpão de concreto à direita, onde as aulas ocorrem. Do lado de fora havia algumas mulheres sentadas num banco de concreto ou em pé, próximas umas às outras.

Aproximei-me devagar e timidamente, falei um pouco de mim e o que estava fazendo ali. Elas conversavam alto e às vezes dirigiam-me o olhar, como quem insere alguém na conversa. Quando chegou a professora também me apresentei e ela me disse que teria a aula de ginástica primeiro, e, em seguida, teria a aula de alongamento que eu também poderia

⁸⁴ Depois, vim a saber que o brasão possui dois ramos de café com folhas e frutos que envolvem um escudo português, em ouro. Abaixo do escudo vem o lema em latim “Patriam Charitatem et Libertatem Docui” que significa “À pátria ensinei a caridade e a liberdade”, e acima do escudo uma coroa de prata.

observar. Na ginástica eram 21 alunas e 1 aluno, e no alongamento um pouco mais pessoas, e apenas 1 homem entre várias mulheres. Para as aulas, utilizam um cabo de vassoura para fazerem os agachamentos, um colchonete e pesinhos. Há um recado colado próximo à porta da entrada, em que diz ser obrigatório levar uma toalha para colocar em cima de colchonete, afinal, o colchonete será utilizado por várias pessoas.

A professora respeita o ritmo de cada uma/um. Cada pessoa faz no seu tempo, e a professora reveza os exercícios com umas três voltas no pátio do clube. Na hora das voltas do pátio algumas (umas 2 ou 3) esperavam sentadas, porque tinham dificuldades para caminhar, devido aos problemas no joelho. O que chamou minha atenção desde o início era o afeto envolvido nesse grupo. Era comum que uma pegasse o colchonete para a outra, que se ajudassem a levantar do chão, que perguntassem dos parentes que estiveram adoentados. A professora era bem solícita com as alunas e elas sempre elogiavam a professora. Elas diziam que a professora era uma bênção na vida delas, que as dores sumiram, etc.

Neste primeiro dia escutei as alunas conversando antes da aula. O assunto era sobre atendimentos médicos. Uma das mulheres dizia que gostava muito de um médico, que orava por ele. Gostaria de presenteá-lo, mas como não tem condições para tal, o coloca em suas orações. Ela dizia gostar dele porque ele a trata como gente. Essas palavras soaram fortes em meus ouvidos. Em seguida, ela disse que há médicos que tem medo de pobreza, e acham que é contagioso. Nesta sua fala está muito presente a questão de classe. Este grupo se distingue dos outros dois nesse sentido. O clube se situa na Zona Noroeste, uma região que todos mencionam como a periferia da cidade. Deste modo, as mulheres que lá frequentam vivem próximo do clube e pertencem a uma classe popular.

Neste grupo havia mais mulheres negras e pardas que nos outros grupos, onde a maioria das pessoas era branca. No M. Nascimento, as alunas se queixavam muito de suas condições de saúde. Havia sempre uma preocupação com quem faltava por estar tendo que cuidar do esposo ou de algum outro parente, quando alguém perdia alguém da família, ou quando a própria pessoa se ausentava das aulas por problemas de saúde. Me lembro que uma das alunas apareceu, justificou suas faltas e veio toda feliz contar à professora que não estava com câncer. Após fazer os exames ela descobriu que seus nódulos eram benignos e que aquele sofrimento, por achar que estava doente, tinha ficado para trás. A professora às vezes elogiava a comida de alguma delas. Isso demonstra que o entrosamento entre a professora e as alunas e alunos era sólido, ou seja, as trocas eram bem intensas e percebi uma grande solidariedade entre algumas mulheres com a professora e entre si.

Rúbia

Rúbia é uma mulher de 65 anos que se aposentou aos 60 como cuidadora de uma senhora de quem cuidou por vinte anos e que faleceu aos 94. Por várias vezes ela mencionou essa senhora, que ela às vezes se referia como “a minha”, por ter cuidado por tantos anos e que a chamava de mãe. Rúbia se queixava de dores fortíssimas nas pernas, mas mesmo assim caminha longos percursos. Também sofre de enxaquecas e de labirintite. Estava há oito anos aguardando cirurgia para colocar prótese, mas o pessoal do hospital lhe informou que ela podia processar, se quisesse, mas que aí tirariam ela da lista de espera.

Rúbia mora com o filho solteiro e é ela quem paga o aluguel e arca com as despesas. Ela disse que gosta de cuidar de idoso, mas que tem muita gente que nem quer saber de cuidar de pessoas idosas. Contou que uma vez cuidou de uma senhora que tinha Alzheimer, mas que desistiu em um mês, pois a velha chutava a comida e chegou a morder Rúbia.

Rúbia ri de tudo, parece rir da própria desgraça, às vezes. Pois quando me contava algo triste de sua vida, em seguida ela ria, como se fosse proibido reclamar.

Aparecida

Uma mulher se sentou ao meu lado no intervalo da aula. Começamos a conversar, falou muito de sua vida, ela tem 78 anos. Notei que ela mancava um pouco. Mostrou uma cicatriz grande, na perna e me contou que tinha sido um câncer de pele. Ela me contou que quando foi para fazer a cirurgia na perna, ela saiu do hospital no mesmo dia, voltou para casa e limpou toda a casa. Justificou que tendo deixado cinco cachorros presos em casa, eles tinham feito muita sujeira. Como consequência, estouraram os pontos da sua perna. Ela mesma fez um curativo, por isso a cicatriz tinha ficado daquela maneira.

Os seus cinco poodles são como filhos dela, ela disse que compra coxa e sobrecoxa para eles comerem. Não viaja mais para o Nordeste por conta de não ter com quem deixá-los. Em algum dos dias em que conversamos ela me contou a saga atrás do veterinário, que ela precisa chamar um homem que tem carro para levá-los à clínica, no intuito de dar vacina à eles, banho e tosa.

Aparecida só foi estudar depois de adulta, aos doze (que nessa época, ela conta já ser adulta), pois aos sete anos já precisou começar a se virar, tendo perdido a mãe. Comenta com

orgulho que se formou técnica em enfermagem. Ela contou muito do trabalho que realizava no hospital, das amizades de lá que ela ainda conserva, de que ela começou no hospital como faxineira, até trabalhar com enfermeira. Conta que no início sobravam para ela as piores escalas no hospital, pelo preconceito por ser nordestina (é sergipana), até que um dia ela foi tirar satisfação com a chefe. Argumentou que só porque ela fazia tudo certinho não significava que ela fosse otária. Sempre abria a sala pontualmente às sete da manhã, enquanto as outras abriam às oito. Após o firme chamamento à chefe, ela passou a fazer a escala ruim de vez em quando, a cada seis meses.

Aparecida é budista e certa vez, quando se referia ao clima e à chuva disse que não podia reclamar e me disse plena de sabedoria: “Eu sempre levo uma coisa comigo, não há inverno que não torne em primavera”.

“FBI, você é espiã!”

Como mencionei anteriormente, neste grupo houve alguns episódios de desconfiança em relação à minha inserção. Vitória sempre me falava que eu era espiã e me chamava de FBI, sempre brincando. Até que um dia eu perguntei à professora se realmente as pessoas achavam que eu era espiã. Uma das alunas que estava por perto me disse que sim e me mostrou quem era essa pessoa. A professora me disse que no fim da aula ela reforçaria que eu estava ali para um estudo e foi o que ela fez. Ainda confirmou que eu não estava ali para substituir a professora.

Acho importante mencionar que o comércio informal era comum neste grupo. Aparecida me contou que conseguiu comprar sua casa vendendo *tupperware*, Avon e outros produtos. Disse que vendia o que podia quando era mais nova. Vitória era revendedora Avon, me mostrou a revistinha e havia outras mulheres que vendiam panos de pratos e outros itens artesanais. A professora também sempre trazia *tupperware* para oferecer às alunas. Este comércio também pressupõe atividade. Por mais que as mulheres fossem aposentadas, elas vendem alguns itens para complementar a renda. Essas mulheres, diferente dos outros dois grupos em que a maioria dizia contratar faxineira uma vez por semana, eram elas próprias que

faziam os trabalhos domésticos. Rosana, outro dia, chegou toda cansada, porque já tinha feito várias tarefas na casa e tinha lavado o quintal.

Sobre os exercícios de ginástica, Célia, mesmo com toda a dificuldade de movimentar e alongar os braços por conta do reumatismo, não deixava de se esforçar. Também me recordo de um homem que só vinha para a segunda aula, de alongamento. Ele pousava a bengala na parede e também superava as dificuldades, fazendo os exercícios no seu ritmo.

4.6 Um balanço dos três grupos

Como se pode perceber nos três grupos, há uma tendência das mulheres em se manterem em movimento, tanto físico quanto psíquico. Isso significa dizer que a idade não as impede de estar em movimento, de ter libido diante da vida e de poder fazer as próprias escolhas. Rúbia e Aparecida, frequentadoras do Clube Manoel Nascimento Jr., se sentem bem com a idade. Rúbia, aos 65, tem um pretendente na escola (EJA - Ensino de Jovens e Adultos). Ela contou, orgulhosa, que cursava a quarta série. Que ninguém manda nela, mas que sai escondido com o seu pretendente, porque o filho dela é chato e não quer que ela namore. Enfatiza a ele [o pretendente] que só quer passear, “porque o resto deus me livre!”. Aparecida se alegra quando relata que seus filhos são seus cinco cachorros, e que os outros parentes vivem lá (em Sergipe) e ela aqui, e que se dão bem assim. Ela é muito consciente de suas contas, de suas escolhas e de suas conquistas (sua casa e sua aposentadoria). Se sente normal com a idade que tem (78) e adora filmes clássicos, “não essas porcarias que têm por aí...”. A inserção nesse grupo permitiu compreender que as dificuldades financeiras, embora grandes, não as impossibilita de fazerem o que gostam. As mulheres com quem conversei ali demonstram uma enorme gratidão à professora e sempre faziam questão de lhe transparecer o afeto.

No SESC, a tônica do grupo é falar bobagem e se desobrigar dos afazeres relacionados ao lar. As aposentadorias dessas mulheres são mais confortáveis e a maioria delas é nascida em Santos. Destaco a consciência de Marina que aproveita o hoje porque se preocupa com as limitações que o amanhã pode trazer (dores e dificuldades de caminhar e o cuidado com o pai) e a coragem da tia Virgínia, que pouco sai de casa, mas dificilmente deixa de entrar na piscina para movimentar seu corpo nas aulas de hidroginástica, mesmo quando faz frio e vento. Como Marina salientou e as outras deixaram claro, seus encontros, conversas e cafés às quartas e

sextas-feiras funciona mesmo como uma terapia. Divertir-se é uma maneira de exercitar a autonomia e o bem-estar físico e mental.

As interlocutoras do grupo do Parque Mário Roberto Santini possuem a orla como seu cenário e são privilegiadas por morar muito próximas à praia. Poucas pessoas do grupo, como mencionado anteriormente, possuem baixa renda. Elas demonstram atenção e esmero na execução das atividades que o professor passava. Muito acolhedoras, me ensinavam e me corrigiam quando eu executava mal algum movimento. Seus dias preferidos de aula eram os dias de fortalecimento, em que se davam as aulas mais puxadas e com a vista mais privilegiada do mar e da praia.

Movimentar-se vai muito além dos movimentos do corpo exercitados nas aulas de hidroginástica, nos alongamentos e fortalecimentos. A participação e o entrosamento nos grupos é também uma forma de se manter a autonomia, por mais que alguns problemas de saúde apareçam com o passar dos anos. É preciso ser participativa(o) para não endurecer o corpo e a mente.

5. ENTRE TEMPOS & NARRATIVAS

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer⁸⁵

Isto que a letra da canção chama de “moderna” pode remeter a diferentes acepções do termo, mas ao analisar a letra completa⁸⁶ da música *Envelhecer*, pode-se chegar a algumas considerações que gostaria de apontar. Ao tratar de *moderno*, o que a canção deseja transmitir é uma relação que se estabelece com o tempo presente, o tempo em que se vive, mas também, no sentido de estar em voga, estar em alta, em evidência. Em contraposição ao verso destacado, a letra sugere: “Pois ser eternamente adolescente nada é mais *démodé*/ [...] Não sei porque essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender/ Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr” (grifo nosso). Na letra da canção, repreende-se a atitude de algumas pessoas ao virarem a cara para o presente quando não aceitam que o tempo não cessa de passar, e que, conseqüentemente, continuarão a envelhecer.

Relaciono esta canção com a reflexão de Agamben (2009) sobre “O que é o contemporâneo?”⁸⁷. Para este autor uma das definições do contemporâneo é a seguinte:

A contemporaneidade [...] é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias [...]. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGAMBEN, 2009, p. 59).

Outra definição apontada por Agamben, além da capacidade de um olhar fixo no tempo em que se vive, é que o contemporâneo percebe nesse tempo não as luzes, mas o que está no escuro e que poucos podem perceber. Tomando como base os versos da música

⁸⁵ Ortinho; Antunes, Arnaldo; Jeneci, Marcelo. Envelhecer. Intérprete: Arnaldo Antunes. In: Ao vivo lá em casa. Direção: Andrucha Waddington. Produção: Betão Aguiar. Álbum ao vivo. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HFgi79BbrxI>. Acesso em: nov. 2019.

⁸⁶ A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer/ A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer/ Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer/ Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer/ Não quero morrer pois quero ver como será que deve ser envelhecer/ Eu quero é viver pra ver qual é e dizer venha pra o que vai acontecer/ Eu quero que o tapete voe/ No meio da sala de estar/ Eu quero que a panela de pressão pressione/ E que a pia comece a pingar/ Eu quero que a sirene soe/ E me faça levantar do sofá/ Eu quero por Rita Pavone/ No ringtone do meu celular/ Eu quero estar no meio do ciclone/ Pra poder aproveitar / E quando eu esquecer meu próprio nome/ Que me chamem de velho gagá/ Pois ser eternamente adolescente nada é mais *démodé*/ Com os ralos fios de cabelo sobre a testa que não pára de crescer Não sei porque essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender/ Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr...

⁸⁷ Não se pretende fazer de “moderno” e “contemporâneo” como sinônimos, mas apenas sinalizar o que a canção sugere ser “moderno” e explicitar de que forma a letra se relaciona com o tema abordado.

Envelhecer, podemos dizer que “essa gente [que] vira a cara pro presente” não possui a clareza do contemporâneo – nos termos de Agamben – que possui o olhar fixo para o tempo em que vive e que é capaz de detectar sua escuridão. Diríamos que estas pessoas seriam *démodé*, no sentido de serem antiquadas, incapazes de olhar para o tempo presente (a época em que vivem) e incapazes de aceitar que o tempo passa (e se justapõe em diferentes temporalidades) e que o envelhecimento é parte dessa passagem do tempo.

Destaco que essa atitude contemporânea aparece algumas vezes entre as mulheres das quais me aproximei no decorrer da pesquisa. Como Isaura, do grupo do SESC, quando me disse com um tom indignado que “tem que se conformar agora com a idade também!”, parecendo se referir a essa ideia de algumas pessoas – “essa gente [que] vira a cara pro presente”, na canção interpretada por Arnaldo Antunes – de não aceitarem o processo “natural” de que o tempo passa e as pessoas envelhecem. Acho que esta frase que Isaura proferiu de modo espontâneo se relaciona com essa atitude contemporânea destacada por Agamben.

Isaura vive e adere ao tempo presente, consegue vê-lo e, ao mesmo tempo, manter um distanciamento dele. Poderíamos afirmar que ela possui em si a qualidade do contemporâneo, destacada por Agamben. A mulher ou o homem moderno se distanciam do contemporâneo justamente porque aderem com perfeição ao tempo presente, não sendo possível olhar para este tempo por estar totalmente aderido a ele. Por isso, o indivíduo moderno estaria sempre disponível a acolher o novo. Ao mesmo tempo em que há esta perfeita aderência ao tempo presente, o indivíduo moderno flutua neste tempo, pois parece estar desvinculado de qualquer outra temporalidade, inclusive do tempo passado, já vivido.

Em *O tempo e o cão*, Kehl (2015) se utiliza do conceito de *experiência* elaborado por Walter Benjamin. Kehl explica que há uma substancial diferença entre a perpetuação da tradição e a transmissão da experiência. Enquanto a primeira se vincula à autoridade e à perpetuação do poder, a segunda se relaciona com um sentido de coletividade que pode se originar do que viveram os nossos antepassados ou até de narrativas contemporâneas⁸⁸, advindas de lugares distantes. “A desmoralização da experiência, para Walter Benjamin, torna os indivíduos disponíveis para aceitarem qualquer coisa que lhes seja apresentada sob a forma de novidade.” (KEHL, 2015, p. 156).

⁸⁸ Em relação às mulheres, considero fascinante a transmissão das experiências ancestrais relacionadas aos saberes que são passados através das gerações: receitas caseiras com ervas, recomendações de como se portar na menstruação, os ditos populares etc. Relaciono esses saberes à alquimia, tratada no primeiro capítulo.

Os indivíduos, na modernidade, flutuam porque perdem suas referências históricas. Desprovidos de uma visão crítica sobre o tempo em que vivem, muitos se deslumbram com qualquer novidade que se apresenta. No entanto, vivendo num tempo comprimido:

O homem contemporâneo⁸⁹ tem horror a tudo o que possa ser considerado ‘perda de tempo’ [...]. A suposta falta de tempo para o devaneio e outras atividades psíquicas ‘improdutivas’ exclui exatamente aquelas que proveem um sentido (imaginário) à vida, assim como as atividades da imaginação, filhas do ócio e do abandono. (KEHL, 2015, p. 161).

Em uma temporalidade capitalista veloz e sem tempo a perder, restaria pouco tempo para intercambiar experiências, porque há pouco tempo de escuta. Sem escuta não há espaço para a narrativa florescer. Recordo, com muita saudade, das conversas com minha avó. Era necessário dispor de tempo e tempo de escuta para as nossas conversas. O tempo de passar o café e de compartilhar o mesmo. O tempo de exteriorizar as lembranças, as novidades, as pausas... Hoje entendo quão precioso era este tempo e o quanto era necessário dispor daquele tempo para que hoje essas lembranças possam vir à tona, no tempo presente. Também me recordo de como os nossos tempos eram diferentes. Ela nunca tinha pressa. Eu às vezes tinha pouco tempo, pois morávamos em cidades diferentes e era sempre eu quem a visitava, e não o contrário. Ela tinha tempo para se dedicar aos seus bordados, que apesar de reclamar da visão, saíam impecáveis. Algumas histórias ela contou repetidas vezes e isto contribuiu para que eu me atentasse aos detalhes que me escaparam das outras vezes.

Ouvir minha avó narrar suas histórias era, por vezes, fascinante porque me transportava à um espaço e a um tempo muito diversos do meu espaço-tempo. Era como se ela fosse uma ponte que ligava o presente ao passado, um passado longínquo que não me pertence, mas que pertencia a ela e aos meus antepassados e, de certa forma, diz respeito às minhas origens. Este aspecto também se apresenta no convívio com a tia Virgínia que me acolheu em Santos, ela sempre utilizava expressões como “Não adianta ficar correndo atrás do rabo” ou “Viva a fartura que a miséria ninguém atura!”. Eu morria de rir, mas no fundo as considero de grande sabedoria. Quando eu lhe perguntava sobre alguma expressão que ela proferia, me dizia que era “mamãe” que utilizava muito os ditos populares.

A experiência da narração e da escuta se misturam e o grupo ou as pessoas envolvidas podem desempenhar ora o papel de narradores, ora o papel de ouvintes. Bosi, a respeito das

⁸⁹ Contemporâneo aqui com o sentido de que vive no tempo presente, não possui a acepção sustentada por Agamben, de que tratamos anteriormente.

memórias das/os velhas/os, chama a atenção para a magia que ocorre quando a pessoa que escuta é transportada para outro espaço temporal, outro modo de viver a vida e as relações, outro ritmo. Por isso que o exercício da escuta não é simples, é preciso saber ouvir e despojar-se, por vezes, da velocidade cobrada no tempo presente, o tempo da modernidade capitalista.

O contemporâneo de Agamben talvez se refira às pessoas que sabem ouvir e que não aderem completamente ao tempo em que vivem, e sabem dele manter distância, para perceber outros aspectos da vida, invisível àqueles(as) que só têm olhos para o tempo em que vivem. O contemporâneo, nestes termos, é capaz de habitar e estar atento(a) às diferentes temporalidades. Ele(a) tem mais possibilidade de intercambiar experiências porque se pauta mais na coletividade do que os indivíduos modernos, que atendem cem por cento à dinâmica do tempo veloz da modernidade.

No texto *O narrador*, Benjamin (1986, p. 204) ressalta a experiência de quem narra e de quem escuta a narrativa, como uma via de mão dupla, pois ambos se despojam de sua individualidade para entrar em contato com o outro:

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia.

Da mesma forma com quem exerce a escuta: “(...) quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido.” (BENJAMIN, 1986, p. 205). Assim se concretiza a experiência: a história interessa tanto ao narrador quanto ao ouvinte. Ambos exercem uma arte: a arte de narrar e a arte de saber escutar. Por isso Benjamin classifica a narrativa como uma forma artesanal de comunicação.

Na modernidade, há o declínio da narrativa porque as histórias não mais se conservam. Vive-se uma urgência pelas demandas individuais e psicológicas dos sujeitos. Embora se fale muito em narrativas, não há muito tempo para recontá-las, para conservá-las (o que significa passá-las adiante). Sobre *O narrador*, Kehl (2015, p. 163) ainda destaca que o texto:

Mais particularmente, [...] reflete sobre uma das dimensões fundamentais da experiência: a relação dos sujeitos com o tempo, que em comunidades pré-modernas podia ser muito diferente daquela que conhecemos. A começar pelo fato de que a passagem do tempo era percebida e marcada coletivamente, e mesmo o tempo mais singular e íntimo de cada um – a duração única do tempo de vida – não dizia respeito ao sujeito, tomado individualmente, pois o legado dos membros de cada geração haveria de sobreviver através das experiências transmitidas às gerações seguintes.

Esta relação dos sujeitos com o tempo, portanto, se modifica socialmente, ou seja, muda conforme o contexto em que se está inserido. Por isso sentimos a passagem do tempo de formas distintas, dependendo da cidade ou do lugar em que estamos, com quem estamos, como preenchemos o nosso espaço-tempo. Se estivermos no ócio o tempo passa de um jeito, trabalhando de outro, e assim por diante. Agora pensemos nas pessoas idosas mais próximas. Muitas já disseram que antigamente tinha-se a sensação de que o tempo passava mais devagar. Por estas diferentes temporalidades, reconhecemos o tempo como um tempo social, assim como no trabalho de Bosi (1979) sobre a memória de velhos. Embora a imagem-lembrança⁹⁰ se refira ao passado, ela é ativada no presente. Possui um caráter evocativo. (BOSI, 1979).

A memória também se associa à idade cronológica. A pessoa idosa, tendo vivido por muito tempo, possui um acúmulo de lembranças. É fundamental atentar para o fato de que a obra de Bosi a que estamos nos referindo ter sido escrita no final dos anos 1970, em que se relacionava a velhice à fase de declínios e de perdas:

O adulto ativo não se ocupa longamente com o passado; mas, quando o faz, é como se este lhe sobreviesse em forma de sonho. Em suma: para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. [...] Bem outra seria a situação do velho, do homem que já viveu sua vida. Ao lembrar o passado ele já não está descansando, por um instante, das lidas cotidianas, não está entregando-se fugitivamente às delícias do sonho: ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesmo da sua vida. (BOSI, 1979, p. 22-3).

A memória é considerada de uma perspectiva social também por estar diretamente associada ao tempo presente e às relações que cultivamos no nosso cotidiano. No trecho acima se aponta quão diferente é o rememorar da pessoa adulta que ainda trabalha e cumpre horários regulares e tarefas roteirizadas, da pessoa já aposentada. Poderíamos, ainda, pensar nas lembranças que as crianças possuem e verbalizam. Um indivíduo que viveu seis anos de vida rememora de forma muito diferente de um indivíduo com sessenta anos, por exemplo. Aqui, penso ser fundamental traçar algumas considerações sobre este convívio entre gerações.

José Carlos Ferrigno, especialista em gerontologia, destaca a importância em se tratar a intergeracionalidade a partir de uma abordagem científica:

⁹⁰ A memória poderia ser “decomposta” em memória-hábito - tudo que provém de um adestramento cultural, como, p. ex. comer com garfo e faca, dirigir um automóvel, escrever segundo normas da caligrafia etc.; e a imagem-lembrança, que é quando nos vem à consciência um momento vivenciado uma única vez, como a recordação de um momento que passou e que não se repetirá. (BOSI, 1979).

Quando estudamos as gerações, devemos estudá-las não como algo estranho à nossa natureza, como um objeto de estudo em relação ao qual mantemos distância e uma (impossível) neutralidade. Mas sim com nossa própria geração, nossas experiências, nossa história de relações com os mais velhos e com os mais novos. Já fomos crianças, seremos velhos (ou já somos). (FERRIGNO, 2019, não paginado).

Há muitos estudos da área de educação e de psicologia do desenvolvimento que abordam o tema da intergeracionalidade. Um destes estudos trata da importância dos programas intergeracionais para a sociedade brasileira. As autoras França, Silva e Barreto (2010) ressaltam a relevância destes programas na quebra de preconceitos em relação ao envelhecimento. Elas sustentam que a falta de convívio de crianças e jovens com avôs e avós contribuiu com um afastamento afetivo, causando um estranhamento e desconhecimento frente ao envelhecimento (FRANÇA; SILVA; BARRETO: 2010).

O mesmo artigo aponta que o apoio intergeracional é benéfico para as diferentes gerações, pois se trata de uma relação de mão dupla (assim como a relação entre ouvinte e narrador):

O convívio dos idosos com os seus filhos e netos pode beneficiar mutuamente as gerações no sentido do aprimoramento dos conhecimentos em relação à história familiar, à cidade onde residem, ao mundo, e fora do contexto familiar, pode facilitar o estabelecimento de uma amizade/afetividade que desencadeia a solidariedade, e o desenvolvimento cognitivo social. (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010:, p. 521).

Destaco duas considerações que merecem atenção. A primeira é que o apoio entre gerações não precisa se dar, exclusivamente, pela via familiar; e a segunda é que a afetividade, a sociabilidade e a comunicação não são privilégios de um grupo etário específico, mas podem ser desenvolvidas durante toda a vida dos indivíduos. A conclusão a que chega o artigo mencionado acima revela que: “[...] as práticas intergeracionais vêm demonstrando que é possível efetuar uma mudança na mentalidade da comunidade em relação à *imagem do idoso* e o resgate da *memória* de um povo através de seu patrimônio vivo.” (FRANÇA; SILVA; BARRETO, 2010, p. 529, grifo nosso).

Apesar dos declínios apresentados com o avanço do tempo de vida, há também que se destacar os ganhos que advém com o passar desse tempo. Com a experiência de vida e a maturidade nossas prioridades se transformam. O que antes nos preocupava, hoje pode não preocupar tanto, dando lugar a outras questões. Não somos nem seremos sempre os mesmos, estamos em constante mudança e isto pode ser considerado um ponto positivo.

Um conceito que requer uma menção, considerando essas mudanças pelas quais passamos no nosso tempo biográfico, é a plasticidade. Este conceito destacado por Scoralick-Lempke e Barbosa (2012) destaca a plasticidade como um conceito-chave da perspectiva *Life-Span*. Esta perspectiva é considerada um marco nos estudos do envelhecimento, pois supera a concepção das pessoas idosas como doentes e passivas. O conceito de plasticidade se refere ao potencial de mudança e à flexibilidade do indivíduo frente a situações novas. Segundo Scoralick-Lempke e Barbosa a perspectiva *Life-Span* se tornou a corrente dominante na psicologia do envelhecimento.

Um dos pontos principais dessa perspectiva é a concepção de que o desenvolvimento das capacidades cognitivas ocorre durante toda a vida, inclusive na velhice, contrapondo-se à tradicional ideia de que somente crianças e adolescentes poderiam se desenvolver cognitivamente. (SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012, p. 650).

Um aspecto que este texto levanta é que perdas e ganhos estão presentes em qualquer fase da nossa existência. Segundo os autores, as oportunidades de educação, lazer e socialização são fundamentais durante o processo do envelhecimento porque são benéficas para equilibrarem as perdas inerentes ao processo do envelhecimento (SCORALICK-LEMPKE; BARBOSA, 2012).

Embora a perspectiva anunciada esteja intimamente relacionada com a ideologia do envelhecimento ativo que, em muitos casos, culpabiliza os indivíduos por não seguirem determinadas recomendações, é imprescindível lembrar que apesar da idade cronológica todas(os) somos capazes de nos desenvolver intelectual e cognitivamente. O pesquisador e médico Deepak Chopra (2013) constata, a partir de estudos e experiências realizados/as nos Estados Unidos, que a senilidade não é “normal” da idade avançada, considerando cérebros saudáveis. E que os males surgidos “com a idade” são explicados por hábitos alimentares, pela desidratação e deficiência de vitaminas.

Assim como afirma Le Breton o que realmente conta não é o número de anos que a pessoa soma em sua existência, mas a relação que estabelece com o mundo. Este autor argumenta que:

O envelhecimento implica um remanejamento de si e da relação com o mundo para conformar-se com as capacidades físicas cambiantes, com uma sociabilidade que se transforma, com o uso do tempo que não é mais de outros tempos, com um entorno tecnológico difícil de manejar e que não cessa de transformar-se, com o frequente sentimento de uma defasagem diante de um mundo instigante. Ninguém sabe onde sua velhice o leva. (LE BRETON, 2018, p. 142-144)

A relação com o mundo determina, portanto, de que forma a velhice será conduzida e/ou gerida. Envelhecer é para alguns mais desafiador do que para outros, no entanto, para que seja um desafio para todos e todas que envelhecem é apenas uma questão de *tempo*. Este remanejamento mencionado por Le Breton é um processo inerente ao envelhecimento. Mas como mencionado anteriormente, cada etapa da vida apresenta seus desafios.

Por mais que se tente viver da mesma forma do que há vinte anos, já não conseguimos. Nosso círculo social muda, por vezes, drasticamente. O ambiente também já mudou radicalmente, seja por conta de não frequentarmos mais a escola, de não mais exercer uma atividade remunerada, ter mudado de casa ou de cidade. Os filhos e os netos crescem. Quando não se tem filhos e netos, nossos amigos e parentes mais chegados fazem suas próprias escolhas, e as mudanças são inevitáveis. Algumas atividades são substituídas por outras. Abandonam-se atividades que já não somos capazes de executar etc. A vida implica mudança, quer sejamos mais ou menos abertos a elas.

Para Le Breton (2018) o processo do envelhecimento pode se situar entre dois polos. O da provação e o da felicidade. Envelhecer pode significar uma renovação de um estilo de vida: desobrigação de continuar seguindo certos protocolos, tempo de fazer o que não podia fazer antes por conta de um ritmo de trabalho ou cuidados domésticos, um momento para não fazer nada (para quem tem condições!); por outro lado, pode ser um tempo de dificuldades devido aos pequenos e grandes lutos que uma vida longa acarreta, a diminuição das facilidades que uma boa saúde propiciava, a saudade de um tempo e um modo de vida que não mais existem etc. De qualquer forma, quanto melhor a relação que o idoso possui com o mundo, nos termos de Le Breton, maior sua gana de viver, ou seja, maior sua satisfação diante da vida, apesar dos desafios e dificuldades.

Voltando ao refrão da canção *Envelhecer*, mencionada no início da seção – “Não quero morrer, pois quero ver como será que deve ser envelhecer/ Eu quero é viver pra ver qual é e dizer venha pr’o que vai acontecer...” – nos deparamos com um desejo direcionado ao tempo futuro. Marina, uma das mulheres pertencentes ao grupo do SESC Santos, faz uma projeção a um tempo incerto, um tempo futuro, quando diz: “[...] eu penso lá na frente. Quando o meu pai precisar muito mais de mim, eu num vou poder nem vir pra cá. [...] E eu também não sei se daqui a 5 anos eu vou poder caminhar legal [...], a gente tem dores, né?”. Tanto na letra da canção, quanto na fala de Marina é percebido um modo de pensar e de se expressar que se coloca ao dispor do tempo. É uma projeção que revela uma postura aberta ao devir. É como se o eu lírico dissesse ao tempo: “venha, pode vir”.

A passagem do tempo e esse modo de consentir sua passagem, de aceitar que o envelhecimento é inevitável, está no poema de Viviane Mosé. A seguir, uma parte do poema, diz:

Quem tem olhos para ver o tempo
 Soprando sulcos na pele
 Soprando sulcos na pele
 Soprando sulcos? [...]
 O tempo riscou meu rosto com calma
 Eu parei de lutar contra o tempo
 Ando exercendo instantes
 Acho que ganhei presença.
 Acho que a vida anda passando a mão em mim.
 A vida em mim anda passando. [...]
 E por falar em sexo
 Quem anda me comendo é o tempo
 Na verdade faz tempo
 Mas eu escondia. [...]
 Um dia resolvi encará-lo de frente
 E disse: Tempo,
 Se você tem que me comer
 Que seja com o meu consentimento
 E me olhando nos olhos
 Acho que ganhei o tempo
 De lá pra cá
 Ele tem sido bom comigo
 Dizem que ando até remoçando

(MOSÉ, 2016, p. 16).

Embora nunca paremos de envelhecer, possuímos uma relativa autonomia em como conduzir o processo da passagem do tempo em nossas vidas. As sobreposições temporais possuem uma estreita ligação com os processos do envelhecimento. Refletir sobre a velhice e o envelhecimento se associa à reflexão sobre o tempo. Envelhecer diz mais sobre um tempo vivido, construído e heterogêneo: um tempo social, que sobre um tempo único e linear.

A antropóloga Jorquera Álvarez chama a atenção para a relevância em se abordar a questão do envelhecimento, levando em consideração as temporalidades e corporalidades:

Para compreender o tempo no processo de envelhecimento e a vivência da velhice, foi preciso dar importância [...] às questões do corpo, pois é nele que essa passagem do tempo se palpa [...]. A coerção do tempo, além de repousar em dimensões sociais, também repousa em dados naturais – o envelhecimento [...] Graças à etnografia realizada percebi que para dizer algo sobre o envelhecimento e a velhice deve-se prestar atenção ao corpo e às suas transformações ao longo do tempo, evitando uma perspectiva que olhe para esse corpo a partir da deterioração ou que o trate como mero objeto afetado pelo agir do tempo [...]. (JORQUERA ÁLVAREZ, 2017, p. 21)

A partir da percepção da autora, despertada pela etnografia, poderíamos pensar no quanto às vezes uma constatação tão óbvia, possa passar tão despercebida. Pois claro, o corpo envelhece com o passar do tempo e a cada fase da vida nos transformamos. Em alguns momentos da vida quase que este fato passa batido, mas em outros nos parece demasiadamente evidente, para nós e para os outros.

Nilda, também da hidroginástica do SESC, testemunha estas transformações do corpo: “É, quando as rugas aparecem a gente vê que tá velha, né? Mas fazer o que, né?! A idade chega pra todos.” Para Marina, perguntada como se sentia com a idade, me respondeu:

[...] eu me sinto bem mais acabada do que a idade, sabe. Que eu vejo pessoas de 70 anos com uma pele bonita, com mais disposição, apesar de eu andar pra baixo e pra cima, [...] dor na perna, no joelho entendeu? [...] tudo por causa do peso, né? [...] Mas eu podia estar bem melhor se não fosse o peso, essas dores todas. [...] Se fosse pela aparência eu ia me sentir velha, mas aqui dentro não.

Os aspectos ligados à aparência acompanham a trajetória desta pesquisa, começando por mim que muitas vezes me ouvi dizer, quando a pessoa me dizia a sua idade, “Nossa! Não parece”. Aos poucos fui percebendo que esta frase não era muito *antropológica* de se dizer, mas que é bastante comum quando se trata de articular idade e aparência, em conversas triviais do nosso cotidiano. Aparentar ter mais ou menos idade é algo que ocorre em diferentes momentos da vida, não é algo exclusivo ao público idoso. No entanto, quanto mais se avança a idade cronológica, este aparentar ganha outras conotações. Pode-se estar “acabado” ou “conservado”.

Mas no que concerne à idade, há outros aspectos a mencionar, para além da aparência física. Quando Marina menciona que “aqui dentro não...”, não se sente velha, isto revela que ela não se sente acabada nas ideias, ou seja, sua vivacidade prevalece. Sentir-se velha recebe uma conotação de deterioração. Quando ela diz que “aqui dentro” não se sente velha, sua verbalização, muito provavelmente, contempla essa satisfação em se sentir viva, em sentir desejo diante da vida: desejo de se divertir, autonomia de “andar pra baixo e pra cima”, alegria em encontrar-se com as colegas da hidroginástica, enfim, a satisfação diante da vida se mantém preservada. Esta atitude diante da vida é como os sonhos na clássica canção Clube da Esquina nº 2: “[...] sonhos não envelhecem...”.

Não é à toa que muitas pessoas enfatizam que a idade “está aqui”, encostando o dedo indicador para uma das têmporas, para referir-se à mente. Mencionar o tempo social e as

diferentes temporalidades que permeiam nossas vidas é, portanto, de grande monta quando se aborda o envelhecimento e seus processos.

Eckert (2007) faz um recorte da experiência etnográfica vivenciada entre o final dos anos 1980, início dos 1990. A pesquisa se realizou na localidade de La Grand-Combe, cidade francesa originada por motivação de uma companhia exploradora de carvão, em meados do século XIX. Com o esgotamento da mina, a localidade perdeu, à época, sua unidade econômica, levando o mercado de trabalho a uma retração. Com o desaparecimento da mina, desaparece também a profissão de mineiro e todo um modo de vida que foi fundado numa comunidade de trabalho. De modo que permaneceram na cidade, os/as aposentados/as, desempregados/as e poucos/as jovens.

O ponto chave da pesquisa de Eckert reside na investigação de como é que as famílias que ali permaneceram:

[...] herdeiras de um tempo coletivo e portadoras da memória do grupo, repensam seu tempo vivido através do olhar pousado no passado, reordenando o tempo presente, posto que ‘não existe nenhuma razão, natural ou não, para que uma sociedade se conserve, salvo justamente sua cultura, que é o instrumento de luta contra a dissolução’ (DUVIGNAUD, 1983 apud ECKERT, 2007: 172), uma vontade de futuro social, ‘uma vontade de ultrapassar a vida’, como sugeriu Simmel. (ECKERT, 2007, p. 172).

Embora o texto traga aspectos diversos sobre os estudos do envelhecimento, destaco as sobreposições temporais que a autora menciona. Esses tempos são referidos como “no tempo da companhia” e “no tempo da mina”, que se referem a um tempo passado em que um tempo do trabalho dá o tom de toda a vida social, que se baseia num forte sentimento de pertencimento, ou, nas palavras do texto “constitutivo de uma comunidade de identidade fundada no ‘valor-trabalho’” (ECKERT, 2007, p. 176). Já o tempo posterior à desintegração da mina é o “tempo da crise”, ou “tempo da recessão”, que significa também o desaparecimento do trabalho mineiro e de suas conquistas. Eckert (2007, p. 187) conclui, com base numa das falas dos mineiros, que “a vida [...] estava dividida, metade na realidade, que absorvia as mudanças, metade nas lembranças afundadas no ‘tempo da mina’”.

Esta sobreposição de temporalidades e as mudanças ocorridas com o tempo me lembram do refrão da música *Todo cambia*⁹¹, interpretada por Mercedes Sosa. Não irei

⁹¹ Muda tudo muda/ Muda tudo muda/ Muda tudo muda/ Muda tudo muda. Tradução livre do refrão da música **Todo cambia**, composta por Julio Numhauser. Julio é um músico e antropólogo chileno, nascido em Santiago

reproduzi-la, mas gostaria de destacar que a ideia de sua letra é que tudo é transitório nesta vida, tanto o superficial como o profundo, tanto a natureza como o humano e todo o demais. E como tudo muda, nós nos adaptamos com as mudanças, somos por ela afetadas/os e, inclusive, contribuímos para que elas aconteçam. No texto referido há pouco, além do *tempo da mina* e do *tempo da crise*, Eckert menciona o “tempo global”. Mesmo em uma cidade “decadente”, “esvaziada”, “desencantada”, os seus habitantes também vivem o tempo global.

Este tempo é percebido como um tempo do esfacelamento da solidariedade que permeava as relações no “tempo da mina”. O espírito da solidariedade desaparece juntamente com toda uma estrutura de funcionamento da comunidade que possuía a mina como sua principal engrenagem. O tempo global é o tempo da modernidade, o tempo da informação que a televisão dá a ver aos habitantes de La Grand-Combe. Um dos mineiros aposentados relata: “Hoje, as pessoas não fazem mais do que ver televisão e as pessoas se tornam mais informadas do que acontece lá fora do que na própria cidade onde moram”. (ECKERT, 2007, p. 189). Há ainda uma viúva mineira, Sra. Colin, que diz o seguinte: “[...] O modernismo nos matou, não se conta mais com o vizinho como antes, a gente às vezes só se diz bom dia, é tudo.” (ECKERT, 2007, p. 189). A ascensão deste tempo global, ou tempo da modernidade coincide com o declínio de um modo de vida mais coletivo, onde havia mais solidariedade, em que as narrativas fluíam dando vazão às experiências.

Antes de finalizar esta seção, transcrevo a seguinte questão levantada por Britto da Motta (2015, p. 203-204):

Realmente, há muito a refletir sobre o sentimento do velho no mundo, e neste mundo atual, considerando-se que muitas das suas construções mentais e experiências foram forjadas e vivenciadas em um outro tempo social, desde um tempo passado. Mas não vejo porque a remissão apenas ao passado, porque o idoso vive também hoje e a experiência é uma jornada que não (tem que) termina(r).⁹²

Como vimos anteriormente, em Bourdieu, a idade cronológica é uma construção arbitrária, por isso Britto da Motta enfatiza que a experiência na velhice não deixa de acontecer, justamente porque há vida. Embora pareça óbvio que o idoso vive também no tempo do hoje, as construções arbitrárias em torno do que é ser velha(o) nos diz outra coisa. Embora muitas pessoas idosas sejam consideradas modernas, no sentido de ser uma pessoa

em 1940. Exilou-se na Suécia, após a queda de Allende, que foi onde escreveu a letra da canção, gravada em 1983. Fonte: <http://www.jornaldaorla.com.br/noticias/8873-todo-cambia-como-uma-onda-no-mar/>.

⁹² Com o intuito de esclarecimento, a noção de experiência utilizada por esta autora difere da noção de Walter Benjamin.

“pra frente”⁹³, que possuem uma adaptação “mais aparente” no tempo presente, estas pessoas podem ser encaixadas mais facilmente no modelo do envelhecimento ativo: conservam hábitos saudáveis, embora possam ingerir bebidas alcoólicas; possuem uma sociabilidade mais intensa (frequentam ambientes com muita gente jovem); praticam algum tipo de atividade física e mantêm um alto nível de autonomia. Não digo que todas as pessoas idosas “pra frente” se encaixam em todos estes requisitos, mas que esta é uma imagem mais usual deste tipo de idoso(a).

Desejo chamar a atenção ao fato de que independente da pessoa ser ou não ser idosa, é possível que assuma diferentes posturas diante da vida. Qualquer fase da vida é composta de uma heterogeneidade, no sentido das experiências – conceito utilizado por Britto da Motta – vividas por cada um. Não podemos perder de vista o que foi afirmado por Bourdieu, de que a separação por grupos de idade é arbitrária, é construída socialmente com base em relações de poder. Assim como a juventude, a velhice é *apenas* uma palavra.

Ainda no texto de Britto da Motta há uma distinção entre o “tempo dos indivíduos”, que é expresso pela idade cronológica, e que não deixa de ser socialmente construído; e o “tempo das gerações”, que possui uma dimensão histórica e social. Não há como se referir ao envelhecimento, sem mencionar a justaposição das temporalidades que permeiam o indivíduo idoso. Não podemos nos esquecer de que o sujeito idoso veio e se constituiu enquanto ser humano em outro tempo social (com outras demandas, outros modos de pensar e de viver, outro modo de ser velho – até a terminologia mudou!), no entanto, também não se pode ignorar que ele vive no nosso tempo presente e que continua se constituindo, vivendo e se transformando. Neste tempo.

⁹³ Tenho ouvido muito essa expressão quando referida a uma mulher ou homem idoso que se considera com uma postura mais leve, mais alegre ou mais animada diante da vida. Uma pessoa “pra frente” possui um alto astral, independentemente da idade que possua.

6. PERCURSOS ENTRE ANTROPOLOGIA & IMAGENS

Foi da visualidade proposta pela antropologia visual⁹⁴ que me voltei, posteriormente, aos estudos do envelhecimento. Martins⁹⁵ (2013) nos ensina que não se deve tomar a fotografia como substituta do real, como até alguns especialistas fizeram com a obra do fotógrafo Sebastião Salgado. A fotografia deve ser tomada e analisada como aquilo que ela é, obra fotográfica, “construção imaginária e estética”. (MARTINS, 2013, p. 107).

Não se deve perder de vista, portanto, que as representações produzidas em torno do real, não são efetivamente o real, mas dizem respeito a ele. Esta observação pode parecer óbvia, mas ela é complexa. Se você digitar a *hashtag* #envelhecimentoativo no *Instagram*, por exemplo, aparecerão publicações que algumas pessoas atribuem como envelhecimento ativo, mas essas imagens são versões do envelhecimento, e não a apreensão do envelhecimento como um todo. Por isso há que se ter em mente que essas imagens, tanto de nossa mente quanto fora dela não substituem o real. Elas contêm a ideia de envelhecimento e de velhice, mas as representações são múltiplas e diversas. Essa diversidade conflui com a heterogeneidade que perpassa velhices e envelhecimentos.

Em um mundo permeado por imagens e representações, José de Souza Martins (2013) afirma que “[a] fotografia é um modo de produzir conhecimento”. A imagem fala por si, como a leitura e a escrita falam. Ao se referir às imagens do fotógrafo Sebastião Salgado, Martins sustenta que “[a] obra de Salgado não precisa de discursos e, menos ainda, de discursos de Salgado. Ou ela ‘fala’ por si mesma ou ‘não fala’. E, pessoalmente, acho que fala, fala muito e fala bem.” (2013: 108). Este argumento se aproxima do de Coli (2012) quando diz que “[um] quadro, uma escultura, seja o que for, desencadeiam, graças à materialidade daquilo que são feitos, pensamentos sobre o mundo, sobre as coisas, sobre os homens, pensamentos incapazes de serem formulados como conceitos e como frases”. (COLI, 2012, p. 42).

Pensando nas representações da velhice, me pergunto se elas não são esses “pensamentos sobre o mundo, sobre as coisas, sobre os homens”? As imagens são vivas, bem como as representações. Elas mudam com o mundo e é por isso que Coli critica a atitude de

⁹⁴ Decisivo para esse movimento foi ter cursado, no segundo semestre de 2018, a disciplina *Antropologia Visual: Usos da Fotografia na Antropologia*, do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da USP, ministrada pela professora Dra. Sylvia Caiuby Novaes.

⁹⁵ Não quero cometer o erro de deixar de dar crédito a pesquisadoras/es de outras áreas do conhecimento, que são decisivos para minha construção nos estudos da imagem.

alguns artistas que, na velhice, resolvem reescrever obras da juventude, alterando-as conforme seus caprichos. Da mesma forma que Martins (2013) repreendeu a tentativa de Sebastião Salgado em explicar sua obra, atribuir-lhe significados outros para além dela mesma.⁹⁶

Essa autonomia transferida às imagens é tratada com seriedade pela antropologia visual. Não à toa, o diálogo entre arte, história e antropologia tem crescido e revelado seu fôlego, pois tem produzido trabalhos interessantes. Um antropólogo que representa este diálogo é Samain (2012). Este autor recorda que no processo comunicacional somos, o tempo todo, tomados pelas imagens. Mesmo com outros suportes da comunicação como a fala, o som e a escrita, as imagens estão presentes. Elas perpassam todos os nossos sentidos, não apenas a visão. Há, por exemplo, as imagens sonoras e a escrita, que é uma “dupla imagem”. Samain diz que “[a]s imagens gostam de caçar na escuridão de nossas memórias [e são] infinitamente menos capazes de nos mostrar o mundo que de oferecê-lo ao nosso pensamento” (SAMAIN, 2012, p. 21).

Com o uso do termo “imagens que pensam”, o autor revela que as imagens são carregadas de humanidade, de memórias, de emoções, elas sempre nos oferecem algo para pensar. Ou seja, “[...] toda imagem leva consigo primeiramente algo do objeto representado” (SAMAIN, 2012, p. 22). Em relação a esse aspecto, não poderia deixar de mencionar as imagens de nossos entes queridos. A tão famosa imagem da mãe de Barthes, no clássico *A câmara clara* (1984). Barthes descreve uma fotografia de sua mãe no jardim de inverno, imagem esta que jamais chegaremos a contemplar, pois diz respeito à Barthes e sua mãe. Uma imagem que jamais terá para alguém o significado que teve para ele.

Este acontecimento que o toma de assalto quando reencontra a fotografia de sua mãe, se associa com a questão afetiva que as imagens e as fotografias podem carregar. O retorno do ente querido representado na imagem que não está mais no mundo dos vivos. Neste sentido, quando se pensa na morte e no envelhecimento pode-se pensar no que escreveu Bazin (1991), ao afirmar que a grande angústia do ser humano é não conter a passagem do tempo. Neste texto, Bazin explica que a antiga religião egípcia se orientava contra a morte, por isso embalsamavam-se os mortos como uma forma de vencer a passagem do tempo. Ao tratar do acervo fotográfico familiar, esse autor afirma:

⁹⁶ Jorge Coli explica ao leitor que “num estudo de história da arte, as imagens nunca são secundárias: ilustrações destinadas a embelezar um texto. Elas são nucleares, porque carregam em si o próprio processo de raciocínio. [e que] [...] [u]m dos grandes prazeres dos historiadores da arte é descobrir as imagens renascendo dentro de outras imagens, tomando novos sentidos, ressuscitando o mesmo para se transformar em outro.” (COLI, 2012: 46).

A imagem pode ser nebulosa, descolorida, sem valor documental, mas ela provém por sua gênese da ontologia do modelo; ela é o modelo. Daí o fascínio das fotografias de álbuns. Essas sombras cinzentas ou sépias, fantasmagóricas, quase ilegíveis, já deixaram de ser tradicionais retratos de família para se tornarem inquietante presença de vidas paralisadas em suas durações, libertas de seus destinos, não pelo sortilégio da arte, mas em virtude de uma mecânica impassível; pois a fotografia não cria, como a arte, eternidade, ela embalsama o tempo, simplesmente o subtrai à sua própria corrupção. (BAZIN, 1991, p. 22).

Esta forma de embalsamar o tempo é também uma maneira de acionar a lembrança, de trazer de volta não somente uma representação da pessoa amada, mas como se trouxesse a própria pessoa de volta. No entanto, apesar destas imagens, que ampliadas, podiam ser tocadas e manipuladas, sempre que nos comunicamos o fazemos através de imagens, ou seja, nossa comunicação é permeada de imagens mentais, imagens de pensamento que vêm e vão sem que possamos controlar o fluxo. Mesmo as imagens passíveis de serem tocadas, nos transportam para outras imagens que não podemos tocar, mas que somos capazes de imaginar.

A ideia de imagens de pensamento⁹⁷ é interessante porque uma imagem em nossa mente conduz a outra e mais outra, e assim sucessivamente. Foi de um movimento semelhante que Sontag (2004), obcecada pelas imagens fotográficas, parece ter escrito uma série de ensaios que deram origem a um de seus livros. Conforme ela relatou, um ensaio engendrava outro, que engendrava outro que engendrava outro. Bosi (1979) menciona o funcionamento das *lembranças de velhos* também como um fluxo de imagens. Durante as entrevistas que realizou, a autora conclui:

A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloravam depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito. (BOSI, 1979, p. 3).

Como imagens de pensamento, este trecho me remete a Kuschnir (2018, p. 275) quando afirma que “[n]em tudo, afinal, pode (ou deve) ser registrado.”. A proposta oferecida

⁹⁷ Utilizo o termo “Imagens do pensamento” primeiramente a partir de *Rua de mão única* (1995), uma coletânea que reúne textos de Walter Benjamin. Uma das partes do livro é traduzida como *Imagens do Pensamento*. Colombo (2018, p. 8) afirma que para Walter Benjamin “[...] a imagem do pensamento promove a aproximação do discurso poético com o conhecimento lógico a partir da construção da imagem do pensamento, evidenciando novas formas de conhecer.”.

pela antropologia ao lidar com os atores sociais com quem se trabalha também pode ser delicada, nos fazendo ressignificar o tema com o qual trabalhamos. Passamos a olhar para as/os interlocutoras/es que dialogam conosco de forma distinta do que imaginamos no início da pesquisa. A antropologia, com toda a sua dificuldade em definir-se de forma absoluta, e vejo isto como sua força e não como fraqueza, apareceu como possibilidade para conduzir uma pesquisa também desprovida de certezas, mas não menos desejosa de experimentar e de trilhar novos caminhos.

Eckert, Martins e Caiuby Novaes (2005, p. 9) destacam a importância em se pensar “[...] as dimensões menos prezadas da vida social, [...] [os] recantos do imaginário e da poesia que há no viver dos que sonham, mesmo na adversidade.”. A partir deste empreendimento, é possível perceber que muitos/as pesquisadores/as que se situam nas ciências sociais e nas humanidades estão interessados/as em examinar o imaginário “a partir do ‘lugar’ da ciência” (ECKERT; MARTINS; NOVAES, 2005, p. 10). Essas/es autoras/es reconhecem que as ciências sociais têm ampliado suas reflexões e questionamentos acerca das certezas que têm alimentado e dos modos “aceitáveis” de produzir suas pesquisas.

Embora outras disciplinas estejam preocupadas em dar vazão ao poético e ao imaginário, foi a antropologia que me apontou este caminho. Eu tinha muito receio em iniciar um trabalho de campo. Eu nem sabia por onde começar, por isso destaco que fui aprendendo conforme trilhava o caminho, com os seus desafios, dificuldades e suas recompensas: com a alteridade na experiência. Sobre a experiência do campo, Caiuby Novaes (2014, p. 59) aponta que:

Estar aberto para escutar não é a mesma coisa que sair perguntando. Conviver com as pessoas, participar das atividades de que elas participam, estabelecer relações de confiança mútua, interessar-se pelo que fazem, aprender a ser cúmplice [...]. É preciso tempo e também tempo subjetivo para deixar-se impregnar pelo campo [...].

A autora sustenta sua argumentação aproximando o trabalho de campo da fotografia. Para ambos se exige um estranhamento (ou uma desnaturalização do olhar) e, ao mesmo tempo, exige aproximação. Tanto na fotografia quanto na pesquisa de campo é importante que se estabeleça uma boa relação com as pessoas envolvidas. Para ambas, um recorte bem delimitado é bem-vindo: na pesquisa de campo, se adquire mais clareza do que se busca saber, a partir de um bom recorte; na fotografia, o recorte também seleciona e destaca o motivo escolhido. E mais: “Fotografar implica igualmente um tipo de conhecimento que não passa

pela palavra, mas muito mais pela sensibilidade do olhar, pela intuição, pela capacidade de estar no lugar certo na hora certa, pela sensibilidade de colocar o corpo [...] na correta distância.” (CAIUBY NOVAES, 2014, p. 63-64).

Essa confiança mútua e o deixar-se impregnar pelo campo foram essenciais na minha experiência com as atrizes e os atores sociais. Foram as interações que me permitiram seguir em frente em meio a tantos desafios de uma experiência nova. Embora o afeto não ocorra sempre, sempre há algumas pessoas cujas subjetividades tocam a nossa. Os conselhos que algumas mulheres me deram a partir de seus anos de experiência; a preocupação comigo por ser ainda “uma menininha”, na visão da Zezé, por exemplo, que me disse que se eu não tivesse onde ficar que me levaria para casa; a dedicação da tia Virgínia e de Jane na casa delas, preparando a mesa do café e as outras refeições, me ligando quando eu estava na rua. Essas relações é que fortaleceram minha perseverança a cada vez que eu vacilava. E eu, também como uma atriz social, tinha minhas impressões moldadas por essas experiências, modificando minha forma de olhar para as pessoas que envelhecem.

Enquanto Caiuby Novaes menciona o tempo e o tempo subjetivo para deixar-se impregnar pelo campo, Marcondes Filho (2017) menciona as pausas que a fotografia exige, como uma “parada para pensar”. Segundo este autor, as pausas são fundamentais no processo comunicacional. Na tentativa de compreender por que fotografamos, o autor sugere que:

O parado nos tranquiliza [...]. Por isso fotografamos, porque detemos seu movimento. O rosto da mulher amada fica ali, eterno, durante décadas como se fosse atual. Não suportamos o envelhecimento, por isso nos fotografamos, para sempre observarmos como éramos quando jovens, que já fomos jovens, que não fomos velhos a vida inteira. (MARCONDES FILHO, 2017, p. 72).

Este autor ainda distingue a fotografia do cinema e intui que a foto talvez tenha mais condições de nos fazer sentir e nos emocionar do que o cinema, porque este último nos leva embora, nos conduz, enquanto a fotografia pressupõe as pausas que o cinema não permite⁹⁸. Porque no cinema após uma imagem, há uma rápida sequência de outras. Marcondes Filho considera que ao mesmo tempo em que as fotos exigem pausas para serem pensadas, contempladas e sentidas, elas também pressupõem um movimento, movimento que está no real e no impacto que elas nos causam durante suas pausas e silêncios. Assim também

⁹⁸ Não que os filmes não sejam capazes de nos emocionar. Há muito material audiovisual que nos toca profundamente. Há películas que trabalham com um ritmo mais lento, propiciando pausas e reflexões ao espectador no decorrer do filme. Algumas cenas parecem infinitas devido à sua temporalidade.

poderíamos pensar nas reflexões decorrentes do contato com o campo da pesquisa e de todo o dinamismo a que nos apresenta.

Acerca do processo comunicacional, Samain aponta que “[...] o suporte imagético não funciona da mesma maneira que o suporte verbal. Cada um deles põe em obra operações cognitivas e afetivas singulares” (MARCONDES FILHO, 1997, p. 18), ou seja, ambos os suportes são formas de conhecer e revelar algo a respeito do humano, mas o fazem de modos bastante peculiares. Voltemos à fotografia da mãe de Barthes. Uma carta de sua mãe não teria a mesma reação para ele. Não quero com isto dizer que uma é melhor ou mais significativa que a outra, mas que impactam os indivíduos de diferentes formas, conversam conosco de maneiras diferentes.

As imagens *pensam* (SAMAIN, 2012) no sentido de nos fazer pensar, de desencadear lembranças e sentimentos, de nos impactar. Sobre as imagens com as quais nos deparamos cotidianamente, Dubois (2004, p. 155) argumenta que elas são simultaneamente “objetos de cultura” e “objetos por natureza”:

É preciso deixar a imagem falar, é preciso ter confiança na imagem, entender que ela tem algo a nos dizer, sobre o qual não temos a menor ideia, mas é preciso ao mesmo tempo desconfiar da imagem, porque ela é um artifício, é objeto de manipulação, foi construída, organizada; jamais se pode tomá-la por transparente. Mas essa dupla atitude, de confiar e de desconfiar, me parece essencial.

Como sempre me preocupei em como agir diante das imagens, este movimento do confiar e desconfiar contínuo em torno delas me parece primordial, pois reforça a ideia de que são constructos humanos e que são produzidas de acordo com interesses próprios, visões de mundo e propósitos diversos. Embora algumas imagens nos conduzam pelo seu fascínio, é importante uma postura atenta para não sermos levadas pela ingenuidade de não ver o que há por trás delas, dos caminhos que elas percorreram até ali.

Durante o trabalho de campo, realizei algumas imagens com a câmera digital. Não com o propósito de ilustrar o trabalho escrito, mas como forma de dar a ver a heterogeneidade das experiências ligadas ao envelhecimento para refletir a respeito do tema. Por terem sido realizadas num local privilegiado da cidade, as imagens apresentam a atmosfera que a cidade dá a ver, ou seja, para qualquer indivíduo que queira visitar a cidade de passagem, estas imagens são um pouco do cartão de visita de Santos, afinal, a praia é um ponto alto da paisagem da cidade.

Dito isso, devo reforçar que através da antropologia insisti em “treinar o olho” e outros sentidos para a questão da potencialidade das imagens, tanto como forma de conhecer e refletir sobre uma determinada realidade social, como na questão das imagens de pensamento ou imagens mentais que nos acompanham em nossa vida cotidiana. Foi também por meio da antropologia que voltei minha atenção e energia aos estudos da velhice. Por estes dois caminhos, imagem e envelhecimento, trazidos ou resgatados pela antropologia que associa a antropologia a um modo de fazer, de pensar e de dar sentido à vida.

Como nos mostra Peirano (2014), ao descrever sua experiência acerca de um recadastramento eleitoral biométrico, se refere a um “instinto etnográfico” que seria desencadeado na antropóloga em algumas situações cotidianas, que a levariam a refletir sobre eventos que lhe causam estranhamento. A partir da sua reação diante dessa obrigação eleitoral, a autora indaga se o que estava fazendo ali era simplesmente o recadastramento ou se estava fazendo etnografia, ou se seriam as duas coisas simultaneamente.

Desse episódio fica claro que a pesquisa de campo não tem momento certo para começar e acabar. Esses momentos são arbitrários por definição e dependem, hoje que abandonamos as grandes travessias para ilhas isoladas e exóticas, da potencialidade de estranhamento, do insólito da experiência, da necessidade de examinar por que alguns eventos, vividos ou observados, nos surpreendem. E é assim que nos tornamos agentes na etnografia, não apenas como investigadores, mas nativos/etnógrafos. (PEIRANO, 2014, p. 379).

Em que momento Peirano deixa de ser antropóloga para ser a cidadã que vai ao posto para fazer o recadastramento biométrico? Quando é que tiramos o nosso uniforme de cientistas sociais para sermos um indivíduo despojado de seu ofício? É possível estabelecer esta clara separação entre aquilo que somos e aquilo que fazemos enquanto atividade intelectual? Se o que somos se faz também daquilo de que nos constituímos, de como nos formamos.

Como defende Tim Ingold “[uma] educação em antropologia [...] faz mais do que prover conhecimento *sobre* o mundo – sobre pessoas e suas sociedades. Ela antes educa nossa *percepção* do mundo e abre os nossos olhos e mentes para outras possibilidades de ser.” (INGOLD, 2015, p. 340, grifo do autor). A partir dessa educação, que poderíamos estender à sociologia (no que concerne a estranhar os fenômenos sociais), nossa forma de perceber tem sido constantemente transformada, por isso não mais se dissocia vida de processo intelectual. Ambos estão imbricados.

Ingold (2015, p. 340) argumenta que “[...] fazemos nossa filosofia do lado de fora. E nisso, o mundo e seus habitantes, humanos e não humanos, são nossos professores, mentores e interlocutores”. Segundo esse autor, o que estaria no cerne de um diálogo antropológico é a correspondência verbal do que o antropólogo escreve (assim como fala e pensa) para si, para os outros e para o mundo. E que esta correspondência não necessita ser realizada “no campo”, mas é passível de ser realizada em qualquer lugar:

Nada tem sido mais prejudicial à etnografia do que a sua representação à guisa de ‘método etnográfico’. Obviamente a etnografia tem seus métodos, mas não é um método. [...] Trata-se de uma prática em seu próprio direito – uma prática de descrição verbal. [...] a antropologia é uma investigação sobre as condições e possibilidades de vida humana no mundo; não é [...] o estudo de como escrever etnografia, ou da problemática reflexiva da mudança da observação para a descrição. (INGOLD, 2015, p. 345).

Enquanto o trecho acima é parte de um capítulo de Ingold denominado “Antropologia não é etnografia”, o texto que fiz referência de Peirano (2014) se intitula “Etnografia não é método”. Independente de cada autor/a pertencer a diferentes contextos antropológicos, o que vale salientar é que ambos levantam a questão de como é danoso definir a etnografia como um método. Peirano reforça que etnografia não é método, porque toda etnografia (ou boa etnografia) é também teoria. Não se faz etnografia ou trabalho de campo sem uma teoria. Da mesma forma que as disciplinas se modificam, porque se reinventam, de modo dinâmico, também o/a pesquisador/a está em constante processo de modificação, revisão, autocrítica, em relação ao seu posicionamento teórico-prático. E aquilo a que chamamos *vida* não está excluída deste processo.

Só se reinventa quem está aberto a dialogar, a observar, a conhecer novos modos de ser e de pensar no mundo e “com” o mundo, como frisa Ingold. Peirano, por sua vez, salienta que “a própria teoria se aprimora pelo constante confronto com dados novos, com as novas experiências de campo, resultando em uma invariável bricolagem intelectual.” (PEIRANO, 2014, p. 381). Segundo Ingold (2015, p. 340):

[...] não se trata absolutamente de um estudo *de*, mas de um estudo *com*. Antropólogos trabalham e estudam *com* pessoas. Imersos com elas em um ambiente de atividade conjunta, eles aprendem a ver coisas (ou a ouvi-las ou tocá-las) das maneiras como seus professores e colegas o fazem.

Nos termos desta pesquisa são os estudos antropológicos que dão sustentação às argumentações, principalmente na medida em que aborda a questão pela perspectiva dos atores e atrizes sociais que estão vivenciando o processo do envelhecimento, especificamente

as mulheres pertencentes aos grupos trabalhados no “campo” da pesquisa. Desta maneira, a antropologia traz à luz as mudanças de paradigma em torno do que se concebe como o processo de envelhecer, inclusive as imagens e representações que remetem a esse processo.

Muitos estudos que possuem a antropologia social como abordagem, utilizam-se das etnografias, da história oral e/ou de entrevistas para levantar dados acerca do que as pessoas que vivenciam o processo de envelhecimento dizem sobre suas próprias experiências. Acho importante fazermos o esforço de nos colocarmos no lugar das pessoas idosas, exercitar nossa alteridade num sentido de compreender que não viveremos eternamente, pois como enfatiza Rifiotis com o título de seu ensaio *O ciclo vital completado*, “o fim do ciclo biológico: [é] o ponto para o qual todos nós tendemos, inelutavelmente” (RIFIOTIS, 2007, p. 86).

Por isso considero fundamental reforçar que a descrição e a análise do envelhecimento feminino só fazem sentido se fizermos nossas pesquisas e interlocuções *com* o outro. E isto se refere tanto às/aos atrizes/atores sociais nos quais estamos interessados em ouvir e compreender, como também às autoras e autores com quem dialogamos, e ainda às/aos nossas/os colegas e professoras/es com quem compartilhamos as nossas dúvidas, reflexões e questionamentos.

6.1 “Dar a ver”: o ensaio visual

O título deste ensaio se relaciona com a atmosfera santista observada no campo da pesquisa e nas impressões das interlocutoras que salientaram a cidade como “a melhor para o idoso viver”. Nessa linha argumentativa o que se coloca em destaque é a efervescência urbana e os espaços privilegiados da “cidade dos véio”. A orla, com os jardins extremamente bem cuidados, a extensa faixa de areia sempre higienizada e o mar, com seus navios que denotam a importância do maior porto da América Latina.

As montagens que compõem o ensaio visual desvelam o envelhecimento ativo que permeia a orla santista. Infelizmente, não obtive autorização para fotografar no SESC e no Centro Esportivo M. Nascimento Jr. Dessa forma, o único grupo fotografado foi o do Parque Mário Roberto Santini, um dos espaços turísticos da cidade e que compreende uma das regiões mais valorizadas do mapa santista.

Esta experiência imagética revisita as possibilidades de envelhecer e privilegia o movimento acerca dessas formas, jamais permanentes no tempo e no espaço sociais. Essa dinâmica pressupõe a continuidade e exigência do movimento, sempre presente nas conversas

e relatos que partem das/os interlocutoras/es da pesquisa, pois estão sempre se negando a parar: seja porque as mãos endurecem pelo reumatismo, seja porque na piscina as dores dos joelhos e das pernas são amenizadas. A cidade, ou parte dela incita as pessoas a movimentarem-se. O movimento constante diz respeito ao corpo e à mente: a participação nas atividades e grupos, o fluxo das pessoas nas ruas, a recomendação médica para quem possui problemas de saúde, o não render-se à velhice e à inatividade, a disposição para exercer o cuidado com conhecidos e membros da família, a iniciação dos estudos na Educação de Jovens e Adultos, a autonomia em realizar escolhas etc.

Como o ensaio dá a ver, e pelo que foi exposto na dissertação, estar em movimento significa estar atenta/o à vida. Isto é viver, sentir-se disposta/o.



5.



6.



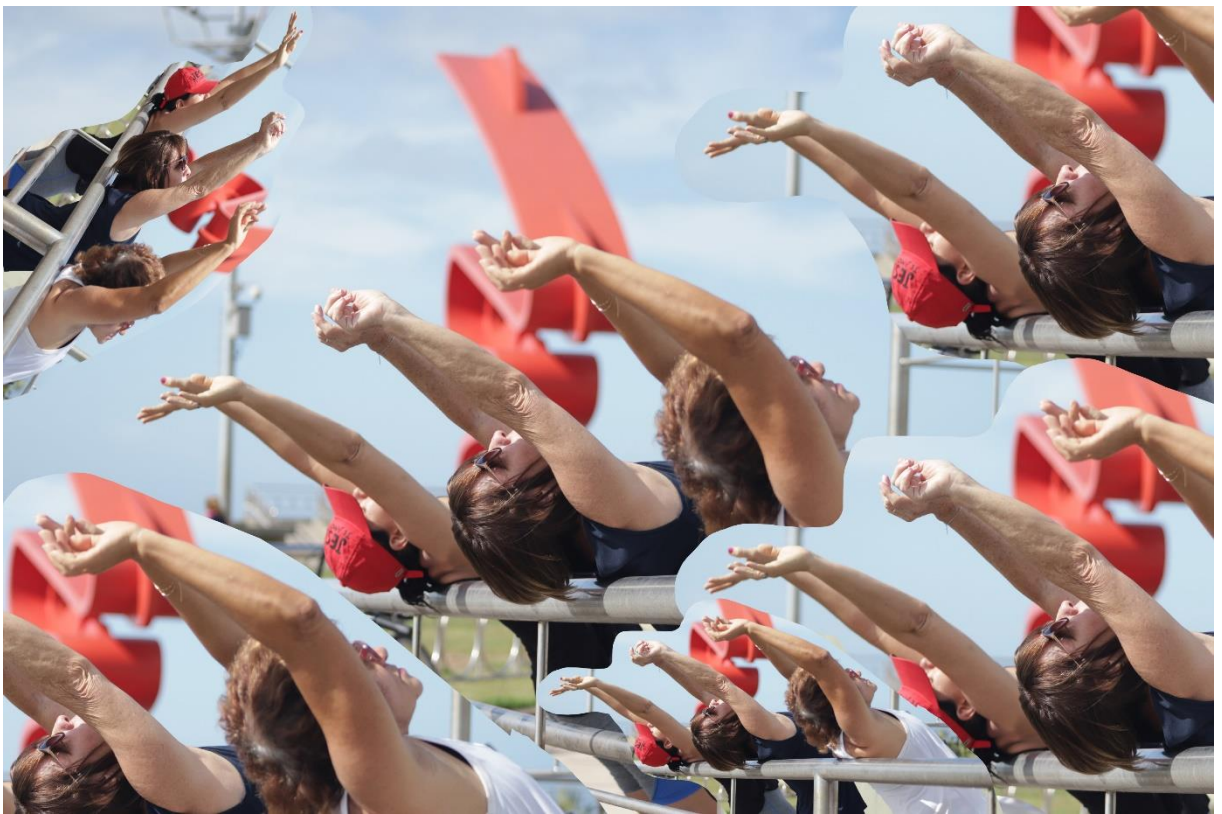
7.



8.



9.



10.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contextualizar as novas imagens do envelhecimento e da velhice, apresentadas pelas interlocutoras de Santos e pela antropologia da velhice, me apresentou todo um leque de possibilidades acerca do envelhecer. A trajetória que essa pesquisa propiciou, partindo de uma experiência familiar e afetiva em direção ao desconhecido acerca do envelhecimento, me fez tomar contato com múltiplas possibilidades de agenciar os processos que permeiam o envelhecimento em uma realidade que cobra das mulheres, principalmente, que não envelheçam.

Como apontou Sontag (2004), as imagens moldam o nosso próprio olhar. Dessa forma, as novas imagens do envelhecer acabam por transformar nosso modo de conceber o envelhecimento e as pessoas que avançam nesse processo. As mulheres em movimento que conheci nos três grupos mostraram através de suas lembranças, de suas atitudes no presente, de seus gestos e de suas interações entre si, que sua inserção nos “programas da terceira idade” (DEBERT, 2012) reflete um modelo estrutural que impõe uma velhice ativa. Isso não significa que sua agência deva ser negligenciada. Muito pelo contrário. Como aponta Ortner (2006), há uma relação dinâmica entre as pessoas na gestão de suas vidas e as estruturas sociais que influenciam suas escolhas. Sobre esta relação entre indivíduo e estrutura social, é importante salientar que tanto o discurso que suscita um envelhecimento ativo, quanto as escolhas dos indivíduos acerca de seu cotidiano como atores sociais que envelhecem, constituem uma realidade acerca do envelhecimento.

Se levarmos em conta as diferenças entre os grupos e as mulheres em quem reside o interesse dessa pesquisa, concluiremos que algumas frequentam os grupos por indicação médica, outras porque sentem que a participação nos grupos funciona como uma terapia, outras pela facilidade em acessar esses espaços e serviços. Enfim, há várias motivações para a prática de atividade física e talvez ainda mais motivações para fomentar a sociabilidade e o lazer. Ou seja, a inserção nos grupos extrapola a mera prática de atividade física. Quando a participação promove o bem-estar, outras esferas da vida são acionadas: o mercado informal, a solidariedade, as amizades que são feitas no âmbito “da rua”, as companhias para as missas, bailes e caminhadas. Sentir-se viva e em atividade vai muito além do movimento físico do corpo.

As imagens de Santos e das mulheres participantes dos grupos trabalhados trazem os corpos que se alongam, a agradável paisagem da orla, o descanso nas cadeiras particulares e nos bancos públicos. Por outro lado, o slogan “a cidade dos véio” desvela que o município

suscita esse imaginário também por conta das imagens disseminadas pela mídia. E como muitas pessoas reproduzem esse discurso, ele vai ganhando mais e mais força.

A inserção nos grupos e as narrativas das mulheres das quais me aproximei revelam múltiplas imagens do envelhecimento que não são o foco recortado nas imagens disseminadas de Santos. Os alagamentos da Zona Noroeste, por exemplo, só são mencionados por quem já perdeu tudo o que tinha, como foi o caso de uma das mulheres do Centro Esportivo Manoel Nascimento Jr., que me revelou que não pode investir em móveis novos porque sempre que alaga ela perde. Por outro lado, Santos como “o reduto dos idosos” não revela sua face de pobreza. Das mulheres que cuidam de seus parentes e conhecidos, das que desistem de esperar pela cirurgia para colocar próteses nos joelhos, das que sofreram preconceitos por serem nordestinas, da precariedade da vida nos morros da cidade.

O que eu quero dizer é que agenciar o cotidiano, na velhice, como em qualquer fase do curso de vida, se diferencia da região em que se vive, de quanta idade e saúde se tem, de quais são os recursos e espaços próximos, se se é homem ou mulher, de qual seu estado civil, de onde se vem, qual a cor da pele etc. Ou seja, os marcadores sociais influenciam nas escolhas feitas por quem envelhece e na forma como se vê quem envelhece. Mas o que há em comum entre as mulheres acionadas nessa pesquisa é que nenhuma delas pode ou quer parar de se movimentar.

Ao mesmo tempo em que as novas imagens da velhice propiciam que um número maior de escolhas possa ser feito, essas escolhas são distribuídas de formas bastante desiguais (DEBERT, 2012). Dessa forma, penso que as imagens devem ser cada vez mais disseminadas e problematizadas. Nas imagens apresentadas nessa dissertação: Qual ou quais velhices se dão a ver?

REFERÊNCIAS

A INVENÇÃO da terceira idade. Apresentado por Guita Grin Debert. [S.l.: s.n.], 2016. 1 vídeo (49 min). Publicado pelo canal Café Filosófico CPFL. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3QmyTF_-9Uk. Acesso em: 20 jan. 2020.

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?:** e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 55-73.

AHMED, Sara. **Vivir uma vida feminista**. Bellaterra: Barcelona, 2017.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

ALONSO, Fabio Roberto Bárbolo. **Envelhecimento e vulnerabilidade:** a inserção do idoso na família e o sentido dos fluxos intergeracionais na geração de capital social. 2011. Tese (Doutorado em Demografia)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

ALVES, José Eustáquio Diniz. As cidades mais envelhecidas do Brasil. **Portal do envelhecimento e longeviver**, 3 ago. 2018. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/as-cidades-mais-envelhecidas-do-brasil/>. Acesso em: 10 dez. 2019.

ALVES, Rubem. Velhice. In: ALVES, Rubem. **Do universo à jabuticaba**. São Paulo: Planeta, 2015. p. 53-62.

ANZALDÚA, Gloria. Hablar en lenguas: una carta a escritoras tercermundistas. In: MORAGA, Cherríe; CASTILLO, Ana. **Esta puente, mi espalda:** voces de mujeres terceromundistas en los Estados Unidos. San Francisco: ISM Press, 1988. p. 277-285.

ASSIS, Carolina de. Como envelhecem as feministas? **Operamundi**, 31 maio 2015. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/samuel/40521/como-envelhecem-as-feministas>. Acesso em: 12 dez. 2018.

AYRES, Marcela. As melhores cidades para os aposentados brasileiros. **Exame**, 26 out. 2012. Disponível em: <https://exame.com/seu-dinheiro/as-melhores-cidades-para-os-aposentados-brasileiros/>. Acesso em: 13 out. 2018.

BARTHES, Roland. **A câmara clara:** nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BAZIN, André. Ontologia da imagem fotográfica. In: BAZIN, André. **O cinema:** ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1991. p. 19-26.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice:** a realidade incômoda. Tradução de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Difel, 1976.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 197-221. (Coleção Obras Escolhidas; vol. 1).

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Coleção Obras Escolhidas; vol. 2).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é só uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003. p. 151-160.

BRASIL. Lei n. 10.741, de 01 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 3 out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCivil_03/leis/2003/L10.741.htm. Acesso em: 25 abr. 2019.

BRITTO DA MOTTA, Alda. As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 13, p. 191-221, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635327>. Acesso em: 22 jul. 2019.

BRITTO DA MOTTA, Alda. A juvenilização atual das idades. **Caderno Espaço Feminino**, v. 25, n. 2, p. 11-24, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/21802>. Acesso em: 20 jan. 2020.

CABRAL, Benedita Edina Lima. Mulher e velhice. In: MOTTA, Alda Britto da; AZEVEDO, Eulália Lima; GOMES, Márcia (Org.). **Reparando a falta**: dinâmica de gênero em perspectiva geracional. Salvador: UFBA, Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, 2005. p. 53-61. (Coleção Bahianas).

CAIUBY NOVAES, Sylvia. O silêncio eloquente das imagens fotográficas e sua importância na etnografia. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 3, n. 2, p. 57-67, 2014. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cadernosaa/245>. Acesso em: 18 jun. 2019.

CAMARANO, Ana Amélia. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 35-63, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v17n49/18396.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2020.

CHOPRA, Deepak. **A cura quântica**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013.

COLI, Jorge. A obra ausente. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. p. 41-50.

COLOMBO, Angélica Antonechen. Imagens do pensamento e a obra de arte em Walter Benjamin e Gilles Deleuze. **Revista Mundi Sociais e Humanidades**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 1-35, jan./jun. 2018. Disponível em: <http://periodicos.ifpr.edu.br/index.php?journal=MundiSH&page=article&op=view&path%5B%5D=605>. Acesso em: 13 jan. 2020.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, p. 171-188, jan./jun. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 23 de jun de 2013.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. La sociología de la imagen como praxis descolonizadora. In: CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Sociología de la imagen: miradas ch'ixi desde la historia andina**. Buenos Aires: Tinta Limón, 2015. p. 13-31.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: EdUSP, 2012.

DEBERT, Guita Grin. Feminismo e velhice. **Sinais Sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 22, p. 1-152, maio/ago. 2013. Disponível em: https://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/aa3fe0d5-61a4-43e7-9e7d-b0c74bffa2a3/Revista+%20+Sinais_Sociais_22_web.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=aa3fe0d5-61a4-43e7-9e7d-b0c74bffa2a3. Acesso em: 10 jun. 2020.

DEBERT, Guita Grin. Problemas relativos à utilização da história de vida e história oral. In: CARDOSO, Ruth. (Org.). **A aventura antropológica**. São Paulo: Paz e Terra, 1986. p. 141-156.

DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e representações sobre a velhice. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 6., 1988. Olinda. **Anais [...]**. Associação Brasileira de Estudos Populacionais, 1988. v. 1, p. 537-556.

DUBOIS, Philippe. [Entrevista concedida a] Marieta de Moraes Ferreira e Mônica Almeida Kornis. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 139-156, jul./dez. 2004. Transcrição e tradução de Lucia Hippolito. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2221/1360>. Acesso em: 25 jul. 2018.

ECKERT, Cornelia. A vida em outro ritmo. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). **Velhice ou terceira idade?: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 169-206.

ECKERT, Cornelia; CAIUBY NOVAES, Sylvia; MARTINS, José de Souza. Apresentação. In: ECKERT, Cornelia; CAIUBY NOVAES, Sylvia; MARTINS, José de Souza. (Org.). **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 2005. p. 7-13.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Antropologia da imagem no Brasil. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 17, n. 41, p. 277-297, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/303971676.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

FARIAS, Luiz Antonio Chaves de. **Mobilidade populacional e produção do espaço urbano na Baixada Santista: um olhar sociodemográfico sobre sua trajetória nos últimos 20 anos**. 2018. Tese (Doutorado em Demografia)-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

FERRIGNO, José Carlos. **Breve reflexão sobre a intergeracionalidade na pesquisa científica**. Portal do Envelhecimento e Longevidade. 3 fev. 2019. Disponível em:

<https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/breve-reflexao-sobre-a-intergeracionalidade-na-pesquisa-cientifica/>. Acesso em 5 fev. 2019.

FONSECA, Claudia. Uma antropologia viva. [Entrevista concedida a] Flávia Ferreira Pires, Marcia Longhi e Pedro Nascimento. **Política & Trabalho**, João Pessoa, n. 46, p. 253-268, jan./jun., 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/34805>. Acesso em: abr. 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014. (Leituras Filosóficas).

FRANÇA, Lucia; SILVA, Alcina da.; BARRETO, Márcia. Programas intergeracionais: quão relevantes eles podem ser para a sociedade brasileira? **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 519-531, 2010. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1809-98232010000300017>. Acesso em: 17 jun. 2019.

GOLDENBERG, Mirian. Corpo, gênero e envelhecimento na cultura brasileira. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 24, n. 58, p. 69-81, nov. 2013. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/revistas/edicoes/501_50+ANOS+DO+TRABALHO+SOCI+AL+COM+IDOSOS. Acesso em: 3 fev. 2020.

GOLDMAN, Marcio. Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica. **Etnográfica**, Lisboa, v. 10, n. 1, p. 161-173, maio 2006. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=372339147008>. Acesso em: 15 maio 2018.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 5, p. 7-4, 2009. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>. Acesso em: 10 jul. 2020.

INGOLD, Tim. Epílogo. In: INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Tradução de Fábio Creder. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 327-347. (Coleção Antropologia).

JORQUERA ÁLVAREZ, Pamela Francisca. **Etnografia da duração sobre o processo de envelhecimento e a vivência da velhice em Inca de Oro, Chile**. 2017. 328 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

KEHL, Maria Rita. Temporalidade e experiência. In: KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 153-168.

KUSCHNIR, Karina. Resenha de CAUSEY, Andrew. 2017. Drawn to See. Drawing as an Ethnographic Method. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 271-275, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mana/v24n1/1678-4944-mana-24-01-271.pdf>. Acesso em: 2 set. 2020.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. A transformação urbana: Santos 1870-1920. **Revista USP**, São Paulo, n. 41, p. 98-111, mar./maio 1999. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28439/30297>. Acesso em: 20 mar. 2018.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si**: uma tentação contemporânea. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis: Vozes, 2018.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Trajetória dos estudos de velhice no Brasil. **Sociologia**: problemas e práticas, São Paulo, n. 52, p. 109-132, 2006.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Apresentação. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). **Velhice ou terceira idade?**: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 7-10.

LINS DE BARROS, Myriam Moraes. Testemunho de vida: um estudo antropológico de mulheres na velhice. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). **Velhice ou terceira idade?**: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 113-168.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 239-249.

MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. Para uma história do tempo presente: o ensaio de nós mesmos. **Fronteiras**: revista catarinense de história, Florianópolis, n. 17, p. 137-151, 7 jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/FRCH/article/view/8176>. Acesso em: 21 jan. 2020.

MARCONDES FILHO, Ciro. Imagens que nos formam, nos deformam e nos transformam: dos silêncios, dos clichês, da percepção e da fruição das imagens. **Paulus**, São Paulo, v. 1. n. 1, p. 69-75, 2017.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2013.

MOSÉ, Viviane. Vida/Tempo. In: SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Morar**: espaços de afeto. São Paulo: Sesc São Paulo, 2016. não paginado.

MOTTA, Flávia de Mattos. Bem mulherzinha: o sexo, o corpo e a relação homem/mulher. In: BRITES, Jurema; MOTTA, Flávia de Mattos (Org.). **Etnografia, o espírito da antropologia**: tecendo linhagens homenagem a Claudia Fonseca. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2017. p. 50-76.

NERI, Anita Liberalesso; DEBERT, Guita Grin. (Org.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999. (Coleção Vivacidade).

NO OLHAR #13: fotografia Brasileira. [Apresentado por] Márcia Charnizon. [S.l.: s.n.], 2018. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal NoOlhar.Tv. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LPLdAkMd2ak>. Acesso em: 25 jul. 2019.

OLIVEIRA, Carmen Silveira de. Insurreições da velhice feminista. **Extraclasse**, 17 jun. 2019. Disponível em: <https://www.extraclasse.org.br/opinioao/columnistas/carmen-silveira-de-oliveira/2019/06/insurreicoes-da-velhice-feminista/>. Acesso em: 18 jul. 2019.

OLIVEIRA, Juliana Andrade. “**Terceira idade**” e **cidade**: o envelhecimento populacional no espaço intra-urbano de Santos. 2006. Dissertação (Mestrado em Sociologia)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Envelhecimento ativo**: uma política de saúde. Tradução de Suzana Gontijo. Brasília, DF: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

ORTNER, Sherry B. Subjetividade e crítica cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 13, n. 28, p. 375-405, 2007a.

ORTNER, Sherry B. Uma atualização da teoria da prática. In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry (Org.). **Conferências e diálogos**: saberes e práticas antropológicas. Brasília, DF; Blumenau: Nova Letra, 2007b. p. 19-44. Trabalho apresentado na 25ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2006, [Goiânia].

PEIRANO, Mariza. Antropologia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>. Acesso em: 12 fev. 2020.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: a busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. **Revista brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 10, n. 27, p. 1-11, fev. 1995. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/publicacoes-sp-2056165036/rbcs/210-rbcs-27#9>. Acesso em: 20 mar. 2019.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). **Velhice ou terceira idade?**: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 69-84.

PEREIRA, José Valter. Modos de ver, modos de dar a ver: imagem, visão e conhecimento. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 2, p. 673-687, abr./jun. 2018.

PÍLULAS da longevidade. [Apresentado por] Alexandre Kalache. [S.l.: s.n.], 2015. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Bradesco Seguros. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5YW4GiqITiQ&ab_channel=BradescoSeguros. Acesso em: 20 jan. 2020.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 15, p. 13-33, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/issue/view/786>. Acesso em: 14 jul. 2020.

POSSAS, Lidia Maria Vianna. História oral, tempo presente e estudos de gênero. *In*: GOMES, Ângela Castro (org.). **História oral e Historiografia**: questões sensíveis. São Paulo: Letra e Voz, 2020. p. 159-180.

RABELO, Dóris Firmino; ROCHA, Nara Maria Forte Diogo. Velhices invisibilizadas. *In*: CERQUEIRA-SANTOS, Elder; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes de. (Org.). **Metodologias e investigações no campo da exclusão social**. Teresina: EDUFPI, 2020. p. 32-54.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. (Coleção Feminismos Plurais).

RIFIOTIS, Theophilos. O ciclo vital completado: a dinâmica dos sistemas etários em sociedades negro-africanas. *In*: LINS DE BARROS, Myriam Moraes (Org.). **Velhice ou terceira idade?**: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: FGV, 2007. p. 85-110.

RIFIOTIS, Theophilos. O idoso e a sociedade moderna: desafios da gerontologia. **Proposições**, v. 18, n. 1, p. 137-151, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643583>. Acesso em: 20 ago. 2019.

SAMAIN, Etienne. Apresentação. *In*: SAMAIN, Etienne. (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2012. p. 13-36.

SAMAIN, Etienne. Prefácio. *In*: ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia**: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho. Porto Alegre: Tomo Editorial, 1997. p. 5-10.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.). Prefácio. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.). **Epistemologias do Sul**. Edições Almedina: Coimbra, 2009. p. 7-8.

SARDENBERG, Cecilia Maria Bacellar. Revisitando o campo: autocrítica de uma antropóloga feminista. **Mora**, Buenos Aires, v. 20, p. 137-166, 2014. Disponível em: <http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/mora/article/view/2338/2015>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SCORALICK, Natália; BARBOSA, Altemir. Educação e envelhecimento: contribuições da perspectiva Life Span. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 29, p. 647-655, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29s1/01.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2019.

SONTAG, Susan. O mundo-imagem. *In*: SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. cap. 6, p. 167-196.

VENSON, Anamaria Marcon; PEDRO, Joana Maria. Memórias como fonte de pesquisa em história e antropologia. **História Oral**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 125-139, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=261>. Acesso em: 30 jul. 2020.

WOOD JUNIOR, Thomaz. O fim do artigo científico. **Carta capital**, 10 maio 2018. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/revista/1002/o-fim-do-artigo-cientifico>. Acesso em: 18 jul. 2018.